

Gerald Ford sob inquérito

WASHINGTON, 28 — (R.) — A campanha presidencial nos Estados Unidos parece focar hoje alegações de que o presidente Gerald Ford utilizara ilegalmente fundos quando se candidatou ao congresso e de que o seu governo recebera dinheiro de elementos dos bastidores políticos.

Jimmy Carter, o candidato democrático presidencial, num discurso que proferiu ontem em Portland, no Oregon, acusou o governo de Ford de aceitar conselho e apoio financeiro de grupos dos bastidores políticos e com interesses especiais.

Segundo a Imprensa, o acusador especial do caso Watergate, Charles Ruff, estava a investigar alegações de que Ford utilizara ilegalmente fundos de sindicatos marítimos quando era congressista pelo Michigan. Ruff recusou-se a fazer comentários acerca dessas notícias.

Os repórteres Bob Woodward e Carl Bernstein, que revelaram o escândalo Watergate

que causou a demissão do presidente Nixon, escreviam ontem no «Washington Post» que uma fonte governamental descrevera as alegações contra Ford como «sérias e importantes».

A Casa Branca afirma que não há provas do envolvimento de Ford em qualquer coisa ilegal.

Um elemento republicano do antigo círculo eleitoral do presidente Ford, no Michigan, que tratava das questões financeiras, asseverou que as notícias se destinavam a prejudicar as perspectivas eleitorais do chefe do Estado.

**Mário Soares
no Norte**

(PAG. 2)

20 PÁGINAS

A CORRUPÇÃO ANTES DO 25 DE ABRIL

P. J. INVESTIGA ESCÂNDALO CIDLA

O que alguns adivinhavam confirma-se: a Administração da CIDLA até ao 25 de Abril de 1974 prejudicou esta empresa, hoje nacionalizada, em muitos milhares de contos. Os corpos gerentes daquela empresa, que eram emcabecados pelo conhecido fascista com responsabilidades directas da política de repressão do povo trabalhador, Francisco do Casal-Ribeiro, cometeram inúmeras irregularidades ao longo dos últimos quinze anos. Descobriu-se a existência de «sociedades-fantasma» através das quais Casal-Ribeiro e outros

pssavam por cima das limitações da própria lei salazarista-caetanista.

Enquanto a esmagadora maioria dos trabalhadores da CIDLA auferia salários de miséria, os corpos gerentes e alguns funcionários locupletavam-se com o produto da exploração dos trabalhadores e dos consumidores, financiando por acréscimo a Legião e outras organizações fascistas, promovendo a propaganda da guerra colonial e contribuindo ainda para o «Movimento Nacional Feminino» e quejandos.

As ofertas de jantares, al-

moços, vinhos e «whiskies», de que beneficiaram conhecidas personalidades e pessoas altamente responsáveis na G.N.R., magistrados, polícias e oficiais das Forças Armadas, custaram fortunas à empresa. De certo modo o escândalo CIDLA põe a nu o alto grau de corrupção material e moral a que o regime deposto chegara. O saneamento desta situação foi iniciado em 25 de Abril de 1974 e depois prosseguido. Mas quem poderá afirmar que ainda hoje não existe, em certos sectores, corrupção idêntica?

Entretanto foram já enviados

à Polícia Judiciária os «dossiers» respeitantes a 21 pessoas supostas de implicação no caso, e entre elas figura, naturalmente, Francisco do Casal-Ribeiro, actualmente fora do País, mas que continua a exigir da empresa pública CIDLA o pagamento... da reforma suspensa em 1974!

Será que lha vão dar?

E a propósito: para quando os inquéritos às restantes empresas nacionalizadas?

(LER NAS CENTRAIS)

“Pickpocket” na Baixa: uma carteira em três segundos



Na rua da Prata, à subida para um eléctrico, um passageiro fica sem o dinheiro e os documentos que trazia no bolso de trás das calças. A sequência fotográfica não deixa qualquer dúvida: com uma camisola enrolada na mão esquerda, o jovem da camisa clara às riscas comprime o senhor da frente contra um companheiro de «operação», após o que levanta

a aba do casaco da vítima e saca rapidamente a carteira. Estes golpes envolvem sempre dois «pickpockets». Total da «sangria»: três segundos. Resta acrescentar que a Judiciária, assoberbada com trabalho, não desconhece aparentemente esta actividade — mas que há-de fazer se os efectivos são escassos? (Fotos de Hemando Domingues)

Nacional

Lembrando o 28 de Setembro

G.D.U.P.'s manifestam-se em Lisboa e no Porto

A Comissão Distrital de Lisboa de Unidade Popular (G.D.U.P.) anuncia para hoje ao meio-dia, no Terreiro do Paço, uma manifestação a assinalar a ocorrência de dois anos sobre o «28 de Setembro». Folhas volantes profusamente distribuídas na capital convocam a concentração para as 18 e 30 no Terreiro do Paço.

Os GDUP dirigem-se «ao povo trabalhador, a todos os antifascistas», lembrando-lhes o significado da efeméride que a manifestação deve assinalar. Palavras de ordem: «Contra o fascismo, contra o capital, unidade popular! Spínola «pi-

des», fascistas, todos para a prisão! O fascismo não passou, o fascismo não passará.»

Não consta que outras organizações além dos GDUP (onde estão representadas, além de outras organizações de base, todas as organizações políticas da chamada extrema-esquerda ou esquerda revolucionária à excepção da LCI e da FSP) tenham anunciado alguma iniciativa pública alusiva ao «28 de Setembro».

Outra manifestação idêntica, igualmente promovida pelos GDUP, tem lugar esta tarde no Porto. Aqui a concentração deve começar na Praça General Humberto Delgado cerca das 19 horas.

A.E.P.P.A. exige punição dos ex-pides

A Associação dos Ex-Prisões Antifascistas tomou público um comunicado em que chama a atenção da opinião pública para o movimento que se começa a desenhar no sentido de ser alterada a lei que regula a prisão e o julgamento dos «pides» — a Lei n.º 8/75.

O comunicado começa por lembrar as sucessivas datas que têm sido marcadas para os primeiros julgamentos, sempre adiadas, relembrando depois notícias vindas a público no semanário «Expresso», segundo as quais poder-se-ia desenhar um movimento de contestação à constitucionalidade da referida lei. Esta incrimina-

va os pides como um todo criminoso, e definia a política política fascista como uma organização de terrorismo político e social.

A AEPPA chama a atenção para a contestação que a lei 8/75 está a sofrer, salientando que depois da publicação do Decreto 349/76 emanado do CR, que «prevê como circunstâncias atenuantes nos julgamentos dos pides os serviços relevantes prestados... à própria Pide», a anulação daquela lei pode vir a consubstanciar a anulação do carácter antifascista do 25 de Abril.

O comunicado termina apelando para um movimento de protesto que obrigue à aplicação integral da lei 8/75.

Portugal na vice-presidência da União Interparlamentar

● Juan Carlos quer visitar Lisboa

MADRID, 28 (ANOP) — Portugal foi escolhido para a vice-presidência da Conferência da União Interparlamentar, tendo o chefe da delegação portuguesa, dr. Vasco da Gama Fernandes, presidido já ontem a uma das sessões — segundo revelou à ANOP o próprio presidente da Assembleia da República.

Inicialmente Portugal tomou parte na Conferência como simples observador, tendo-lhe sido concedida logo a seguir a qualidade de membro de pleno direito.

O dr. Vasco da Gama Fernandes salientou que essa decisão sensibilizou profundamente os membros da delegação portuguesa, originando uma sua intervenção para agradecer a distinção concedida aos parlamentares portugueses.

A atmosfera à volta da delegação portuguesa tem sido extremamente cordial, tendo-se realizado hoje um almoço com os membros da delegação espanhola e havendo numerosos convites de outras delegações estrangeiras.

O presidente da Assembleia da República revelou ainda à ANOP que, durante a recepção oferecida aos parlamentares no Palácio Real o rei Juan Carlos manifestou o desejo de visitar Portugal o mais brevemente possível.

O soberano espanhol, que fala português correctamente devido à sua longa permanência em Cascais, mostrou-se profundo conhecedor da situação em Portugal e dedicou especial atenção aos membros da delegação portuguesa.

Por último o chefe da delegação portuguesa referiu o relatório sobre o Chile já aprovado na Conferência e que, segundo acentuou, «constitui uma violenta crítica» à situação política vigente naquele país sul-americano.

Interrogado sobre o estudo da nova ordem económica internacional, disse não poder ainda pronunciar-se, uma vez que o debate ainda não terminou.

Os trabalhos da Conferência da União Interparlamentar terminam no próximo dia 2 de Outubro.

MÁRIO SOARES NO NORTE

Siderurgia da Maia permitirá rentabilizar ferro de Moncorvo

PORTO, 28 — Durante a visita oficial que ontem realizou ao Norte, o Primeiro-Ministro Mário Soares inaugurou uma nova unidade siderúrgica na Maia, para além de ter visitado o Lar do Comércio e o brigadeiro Pires Veloso.

Mário Soares, que se deslocava acompanhado pelos ministros do Planeamento e da Coordenação Económica, Sousa Gomes, e da Indústria, Walter Rosa, foi recebido no Aeroporto das Pedras Rubras pelo governador e vice-governador civil do Porto e por outras entidades civis e militares. Depois de visitar o Lar do Comércio, o Primeiro-Ministro deslocou-se à Maia, onde visitou de moradamente o complexo siderúrgico e ouviu explicações de vários técnicos sobre o funcionamento da fábrica e sobre o plano siderúrgico nacional.

Na oportunidade o ministro Walter Rosa proferiu um extenso discurso, no qual salientou a importância da indústria no desenvolvimento da economia portuguesa, afirmando também que aquele sector já contribui com mais de 40 por cento para o produto nacional e com cerca de 80 por cento para as exportações, se bem que a produção média «per capita» só atinja um terço da produtividade média europeia.

Depois de salientar os factores que contribuem para o aumento de produtividade, o ministro da Indústria referiu que a nova unidade fabril vai, com um investimento de 2,2 milhões de contos, criar 600 novos postos de trabalho e produzir 200.000 toneladas de aço bruto e facturar 1,8 milhões de contos por ano, ou seja 3.000 contos por trabalhador e por ano. Com

esta nova fábrica vão desaparecer, segundo Walter Rosa, as dificuldades de abastecimento de viga para a construção civil para o próximo ano.

Depois de analisar a produção siderúrgica nacional, o ministro referiu que o desenvolvimento do sector permitirá também utilizar em termos rentáveis as minas de Moncorvo, com o consequente aumento

mo, terá de se fazer com o concurso da iniciativa privada, a qual complementa a indústria estatizada, impondo-se o aumento de investimento por parte dos particulares.

A terminar o ministro da Indústria afirmou: «Produzir, investir e exportar, eis a nossa trilogia. Com esforço de todos os portugueses vamos reconstruir a economia deste Portu-

res da Siderurgia da Maia entregaram ao Primeiro-Ministro uma moção em que salientavam o seu descontentamento pelas condições de habitação a que estão sujeitos, salientando nomeadamente que 30 por cento dos trabalhadores estão afastados da família durante a semana toda. No mesmo documento os trabalhadores contestam a comparação que foi feita, no discurso televisivo de Mário Soares, entre trabalhadores fabris e administrativos, salientando que a duração média da vida de trabalho daqueles, por ser feita em muito piores condições, é muito mais curta — 15 a 20 anos —, razão por que qualquer comparação é injustificada. O mesmo referiram em relação ao absentismo, salientando que os números indicados por Mário Soares nem sempre correspondem à verdade.

Depois da inauguração da fábrica o Primeiro-Ministro deslocou-se ao Hospital Militar do Porto, para se encontrar com Pires Veloso.

Durante meia-hora o Primeiro-Ministro e o comandante da Região Militar Norte, que de manhã tinha sido submetido a uma intervenção cirúrgica, trocaram impressões sobre a actual situação portuguesa.

A saída do hospital, Mário Soares fez declarações à Imprensa, referindo a importância da unidade fabril que tinha inaugurado para o desenvolvimento do País. O Primeiro-Ministro, falando sobre o saneamento de Teixeira Ribeiro, fez-se também eco de rumores que vários jornais veicularam, pondo em causa a personalidade de esquerda do ex-reitor de Coimbra.



O Primeiro-Ministro durante a visita ao complexo siderúrgico da Maia

de postos de trabalho e desenvolvimento regional.

O ministro da Indústria abordou ainda a questão genérica do desenvolvimento económico nacional, que, segundo afir-

gal renovado, europeu e atlântico, com fé e determinação e em segurança e em paz social.

Posteriormente as comissões sindical e dos trabalhado-

ATÉ FINS DE 76

Cessa intervenção do Estado em muitas empresas turísticas

«As intervenções do Estado em muitas empresas turísticas (representando muitos milhares de camas) deverão terminar ainda antes do fim do ano em curso» — revelou ontem o ministro do Comércio e Turismo, António Barreto, no acto de empossamento da nova administração da ENATUR.

Ainda António Barreto, sobre a cessação da intervenção estatal nas empresas de turismo: «Ao pôr termo às intervenções, o Governo providenciará de modo a que, casuisticamente, se responda com rigor e sensibilidade às exigências de cada situação, protegendo os interesses de milhares de accionistas, muitos dos quais es-

tão, ainda hoje, inquietos quanto ao destino das suas economias. Agirá o Governo de modo estritamente legal, consultando todos os interessados — acrescentou ainda o ministro —, e preocupando-se com as garantias que importa dar, por um lado, aos accionistas e legítimos proprietários, por outro lado, aos trabalhadores a quem se deverá assegurar o emprego».

Quanto aos accionistas — disse António Barreto — «terá que se exigir (deles) o cumprimento do seu dever: gestão transparente e equilibrada, agressividade no mercado, política de expansão no investimento e desenvolvimento do emprego, pagamento e amortização das dívidas ao Estado, respeito por uma política de preservação do património cultural e ecológico nacional».

Quanto aos trabalhadores: «Aos trabalhadores — disse — exige-se o cumprimento das suas obrigações: trabalho rigoroso e cuidado, solidariedade com todos os outros sectores, consideração pelas capacidades e potencialidades do sector de cuja ruína eles serão os primeiros mártires».

Accionistas e trabalhadores, segundo António Barreto: «Se ambos não souberem, de modo concreto, cuidar dos seus serviços, o Estado não servirá de muleta nem de almofada, e não se verá senão um caminho: o das falências, da execução de hipotecas».

António Barreto, todavia, mostrou-se confiante acerca do futuro do turismo em Portugal:

Granada defensiva detectada nos T.L.P. do Porto

PORTO, 28 — «Velha e enervada como estava, a granada não oferecia grande perigo de deflagração, tudo indicando que já teria sido ali abandonada há muitos meses, possivelmente por algum militar regressado, ainda no tempo da guerra colonial, que assim se teria pretendido ver livre de um objecto incómodo», declarou esta manhã, ao «DL», um porta-voz da P.S.P. desta cidade, ao referir-se a uma granada defensiva que ontem foi encontrada nas instalações dos Telefones de Lisboa e Porto, pelos operários que procediam à limpeza de um local destinado ao escoamento de águas, junto a uma repartição actualmente em obras.

Arquitecto desaparecido preocupa U.R.A.P.

A URAP, União dos Resistentes Antifascistas Portugueses enviou ao embaixador do Chile em Lisboa um telegrama em que manifesta a sua preocupação pelo desaparecimento do arquitecto Alexandro Rodriguez Urzua, vice-presidente da Corporação dos Serviços Habitacionais durante o Governo da Unidade Popular. O arquitecto Alexandro Rodriguez foi preso

no passado dia 27 de Julho, desconhecendo-se depois dessa data o seu paradeiro e as condições em que se encontra preso.

No referido telegrama a URAP manifesta a sua inquietude por mais este atentado aos direitos humanos no Chile, e a sua esperança na rápida libertação do arquitecto Alexandro Rodriguez.

Sepssa

Fabricou e montou o edifício fabril
Fabricou equipamento especializado
Montou o equipamento mecânico

4000 t.
700 t.
4000 t.

Leça do Balio

(tonelagem aproximada)

na SIDERURGIA NACIONAL — FÁBRICA DA MAIA

TROQUE

Os seus móveis usados por novos, modernos ou de estilo. Facilitamos pagamento.

ARMAZENS MÓVEIS JORGE
Av. Almirante Reis, 35
(2os Andares) Tel. 83 21 61

post-scriptum

Para quando um liceu de Montelavar?

Segundo consta, nos anos 50 esteve para ser construído um liceu em Montelavar, o que então provocou um conflito social (a que se chamou bairrismo) entre as populações de Montelavar e Pero Pinheiro, que veio a terminar devido a uma oferta de terreno entre as duas localidades para a sua edificação. Só não foi construído porque o Governo preferiu trocar a sua edificação pela da Escola Industrial e Comercial de Sintra, no Cacém, em virtude de esta beneficiar uma zona de grande crescimento populacional. Como nos anos 60, deu-se a greve dos operários da Indústria do Mármore e o liceu foi esquecido.

Mas após o 25 de Abril foi criada uma comissão pró-liceu, que depois de vários contactos adquiriu, por oferta, um terreno de 3.^a para agricultura, situado no cruzamento das ruas Vimal-Piçarras, com a Estrada Nacional, junto às placas indicativas Montelavar — Pero Pinheiro. Acontece que membros da Junta de Freguesia não só se opõem à construção do liceu, no referido terreno, como até um membro deste organismo chegou ao ponto de se sobrepor à comissão pró-liceu, incitando membros da Junta e de comissões de moradores a ocupar aquele terreno. Para o efeito sugeriu descarregar no local materiais de construção, para depois se exigir ao Governo a sua expropriação. Tentam agora desviar a edificação para um terreno com solo de primeira, para agricultura, entre Pero Pinheiro e Morelena. E ainda por cima dizem que é preferível o MEIC comprar o terreno a ter-se de aceitá-lo por oferta.

Ninguém poderá negar que o liceu vai beneficiar cinco freguesias rurais do concelho de Mafra e ainda três freguesias industriais.

Com a polémica que referi, já se perdeu um ano e tal. Quanto tempo se irá perder ainda? Cabe ao Governo tomar medidas relativamente a este assunto, para que as crianças não continuem a ser as eternas vítimas.

Miguel Casinhas
— Montelavar

O estranho «pluralismo» DO Telejornal

O Telejornal continua dia a dia a fazer alarde daquilo a que se tem vindo a chamar «socialismo em Liberdade», mas que não é mais do que uma forma de censura, discriminação política e reacção primária.

No dia 23 do corrente, na última edição do dito programa des/informativo, aconteceu este facto admirável e digno de uma des/informação autenticamente «democrática»:

Como cenário, temos o posto transformador de corrente situado junto à FIL, semidestruído, possivelmente por uma bomba colocada por mãos «patriotas» e «íntegras» de algum «democrata» do MDLP/ELP; objectivo: perturbar e criar um clima de insegurança no local onde se vai realizar a grande festa do «Avante». Telejornal foi lá e ouviu o chefe da PSP ali de serviço. Telejornal transmite na íntegra as suas declarações; o locutor passa o microfone a Dias Lourenço (director do jornal «Avante»), este tenta dizer as camaras que o atentado bombista em nada irá afectar a festa do «Avante», mas fica-se pela tentativa, pois o telejornal resolveu pura e simplesmente cortar a reportagem. Motivo: estava um comunista a falar!

Verdadeiramente admirável o espírito «democrático» e «pluralista» do telejornal!

Luís Filipe Duarte Pisco
— Lisboa

Será isto a justiça que todos nós desejamos?

Escrevi há anos uma carta sobre um assunto pertinente, que mereceu publicação nas colunas do «D.L.». Hoje volto de novo:

Em fins de 74, esqueci-me de uma mala de senhora em cima de um carro, na povoação do Rossio de Abrantes. Dando conta do esquecimento, voltei ao local, mas nem o rasto da mala vi...

Em princípios de 75, uma jovem abandona a casa paterna. Justificando o acto, a jovem denuncia o ambiente familiar e fala de uma mala roubada e da forma como o seu conteúdo foi distribuído lá em casa.

Conhecedor do facto, fui ao posto da G.N.R. de Abrantes, onde contei o sucedido, tendo os intervenientes no roubo sido convocados. Tudo foi relatado, inclusive o local onde ainda se encontravam alguns cosméticos, que a jovem guardara em casa. Mas não houve busca, e, mais tarde, também o tribunal não a ordenou.

Fui aconselhado a apresentar queixa, já que o pai da jovem negava a sua participação no furto.

Recentemente, depois de uma espera longa, fui ao tribunal de Abrantes saber como estava o meu caso. Fui então informado que o réu havia sido julgado, tendo sido mandado em paz, por negar a acusação e nada se ter provado em contrário.

Procurei saber o motivo por que não fui convocado. Resposta: «por não residir na Comarca».

Perante este «julgamento» a minha frustração é evidente. E creio que a do comandante da P.S.P. de Abrantes.

De que valem interrogatórios, incómodos diversos, se a simples negação de um acusado é bastante para ser ilibado?

Com esta absolvição ficou «demonstrado» que o pequeno delito é sempre compensador.

Uma vez que a acusação do furto foi feita pela própria filha do réu, pergunto: qual a posição do tribunal perante este caso?

Será isto a justiça que todos nós desejamos?

José Manuel Passos Coutinho
— ODIVELAS

A DIREITA E A SUA ESTRATÉGIA DE TRANSIÇÃO

Envolvimento do P.S.

1. Falar da direita após as eleições presidenciais é, afinal, tentar delinear a sua estratégia actual.

Logo da formação do I Governo Constitucional, deu a entender que a «coligação natural» se deveria centrar naquilo a que a partir de agora passa a chamar os «partidos democráticos»: CDS-PPD-PS. Neste sentido far-se-á também ouvir a voz do capitalismo internacional.

É, portanto, neste primeiro plano que procuraremos definir os contornos da estratégia que a direita vem actualmente evidenciar. Quando da formação do Governo PS, foram várias as posições do CDS e do PPD no seguinte sentido: «experimentemos então o Governo minoritário PS mas quando chegar o momento oportuno mostraremos que não é esta a solução».

O PS, encerrado nas suas próprias contradições, não quer afastar-se das suas promessas «eleitoralistas» e garante não fazer coligações. Falso problema, pois que desde as eleições presidenciais já havia aceitado um determinado tipo de coligação. Quando se analisa o programa de Governo, o debate parlamentar, os discursos do sr. Primeiro-Ministro e a acção governativa destes 2 últimos meses (para não citarmos os fatídicos 10 meses do VI Governo Provisório) ficam de igual modo poucas dúvidas.

A direita conhece, obviamente, os seguintes factos: a) o anticomunismo da grande maioria dos dirigentes do PS evidenciado, em particular, após a sua saída do IV GP e do caso «República»; b) a incipiente capacidade organizativa e operacional do PS; c) o apoio

predominante da pequena burguesia na massa eleitoral do mesmo partido e a sua reduzida implantação sindical.

A direita está já a jogar com estes dados. Assim, não hesitou logo em proclamar, quando da discussão parlamentar, que o Programa do Governo consagrava muitos dos princípios e medidas constantes dos seus próprios programas. O CDS, embora procurando evidenciar uma certa demarcação (é sempre bom guardar «certas» distâncias) face ao Programa PS, não deixará mesmo de forçar a ideia da identificação quanto aos princípios gerais da política económica e financeira, da política educativa e da política externa. Não deixará, porém, de referir a imprecisão e a pouca concretização das medidas propostas. O PPD será pouco discreto (aliás, é esta uma das características de alguns dos seus dirigentes) e mostra claramente o jogo: Pretende incutir, sem rodeios, a ideia de uma aliança PPD-PS forjada nos bastidores.

A estratégia da direita face ao Governo PS está a revelar uma larga e cuidada manobra política: a) difundir a ideia nos meios político-militares que se o PS não governar não é por falta do seu apoio; b) num segundo tempo, comprometer publicamente o Governo PS com uma política de direita, forçando a adopção de determinadas medidas concretas. Estas acções visarão não só ganhos de curto mas igualmente de médio prazo, pois é fundamental que o PS possa assim deslocar a pequena burguesia e certas zonas do proletariado e do campesinato para o seu es-

paço político, conservador e reacçãoário; c) num terceiro momento, invocar a incapacidade e insuficiência do Governo PS face aos problemas económicos concretos, em cuja degradação continuará a jogar. Refiram-se a propósito, as posições recentes e provocatórias do CDS (a sugerir já eleições gerais) e as declarações do secretário-geral do PPD à saída de Belém no passado dia 18 de Setembro. A ânsia de poder deste político é de tal ordem que é frequente «comer» precipitadamente etapas do processo político. O que será o «golpismo»? d) numa quarta fase, a direita, jogando no insucesso do Governo pretenderá avançar, dizendo que a «experiência socialista» (Tentando assim identificar toda a esquerda, o marxismo...) falhou, preparando-se para negar legitimidade à Constituição; e) finalmente abrirá a crise (motivos não lhe faltarão certamente), que visará a queda do Governo PS. Nesse sentido não deixará de manipular a sua posição no Governo das Ilhas. Na altura, tentará apresentar como alternativa «democrática» um Governo CDS-PPD-PS, embora se contente para já, com a hipótese PPD-PS. Se a luta de classes não permitir soluções deste tipo, então, a direita procurará impor um «governo de especial competência» (como o próprio secretário-geral do PPD já declarou) formado a partir de militares de direita, de tecnocratas independentes e de tecnocratas recrutados no seio da «maioria presidencial». Esta solução, que poderia vir a ter o apoio parlamentar «democrático» suficiente, assentaria já naturalmente num gover-

CELSO FERREIRA

no fortemente repressivo. O aparelho de Estado seria assim dividido, nesta fase, no seio da «maioria presidencial». Numa etapa mais avançada do processo a direita tentará ainda jogar na diminuição do espaço político do PS visando a constituição de uma força política de centro resultante da assimilação PPD-PS. Depois, será a liquidação do próprio PS.

Perante esta estratégia que começa a evidenciar-se cada vez com mais nitidez, o que está a fazer o PS? Qual o caminho que está a percorrer?

2. Outro vector em que a direita continua a intervir com insistência é o plano militar. A recuperação que iniciou após o 25 de Novembro, nomeadamente em funções intermédias importantes, tinha como ponto crucial a reestruturação de cúpulas militares, em particular quanto às regiões militares e à composição do Conselho da Revolução. Neste sentido amplia algumas divergências existentes e lança uma campanha sistemática contra as graduações, visando a reposição da hierarquia militar tradicional, como se o 25 de Abril fosse obra de coroneis e generais. Talvez a procurar construir o magma do retorno destes à vida político-militar. Os quartos ou as meias-revoluções podem ter efeitos desta ordem. Recorde-se que, apesar de algumas tentativas, sem êxito, a natureza e a estrutura das forças armadas permanecem sem alteração. No essencial, a situação não difere do 24 de Abril.

A direita, legal e terrorista, vem a desenvolver intensa acção. Continua na pág. 4

Crítica nova e história real

HAVANA, (IPS) — Há uma citação fundamental de Martí: Não há letras, que sejam expressão, até que haja uma essência a expressar nelas. Nem haverá literatura hispano-americana até que haja Hispano-América». Isto foi escrito em 1881. Provavelmente o próprio Martí estaria hoje de acordo, sobretudo porque o panorama mudou a partir de uma revolução, como a cubana, que foi a continuação daquela em que ele tinha participado, em que agora, se há uma essência a exprimir nas nossas letras, é talvez porque, embora de modo não linear e com sacrifícios, começou a existir uma América Hispânica ou, mais amplamente, uma América Latina, e é óbvio que esta começou a existir na medida em que lutou pela sua árdua descolonização e pela sua verdadeira independência.

Creio que dois clássicos do pensamento latino-americano, como o foram o dominicano Pedro Henriquez Ureña e o peruano José Carlos Mariátegui, deram no cravo ao escolherem para os seus livros mais significativos os títulos de «Seis ensaios em busca da nossa expressão» e «Sete ensaios de interpretação da realidade peruana», já que uma crítica propriamente latino-americana deveria considerar como tarefas prioritárias a procura da nossa expressão e a interpretação da nossa realidade. Não só temos sido colonizados pelos sucessivos imperialismos, como também o temos sido pelos seus respectivos padrões culturais e,

ultimamente, como muito bem assinala Roberto Fernandez Retamar, alguns dos nossos críticos têm sido colonizados pela linguística.

Uma das funções típicas destes e outros missionários culturais tem sido a de nos recrutar para o a-historicismo. Por consequência, um dos deveres do nosso ensaísmo, da nossa crítica, da nossa história das ideias, será a de nos vincular à nossa história real, não de modo obsessivo nem puramente demolidor, de nos vincular a ela para aí buscar a nossa expressão (tantas vezes sufocada, caluniada, desvirtuada, temida), de modo a poderemos interpretar a nossa realidade, como o meio mais seguro de a compreender e de a assumir, e também como uma condição prévia e inevitável para a mudar.

Felizmente, essa crítica já começou a ser feita. Alguns ensaios do colombiano Jaime Mejía Ducke, do brasileiro Antônio Cândido, do peruano Antônio Cornejo Polar, do cubano Fernández Retamar (particularmente «caliban»), publicados nos últimos anos, partem de uma dimensão e de um ponto de vista que de nenhum modo desdenham da contribuição europeia (isso seria uma estupidéz típica do subdesenvolvimento), mas que a partilham ou rejeitam sem assomo de autocolonização, quer dizer, de igual para igual. «Enxertar o mundo nas nossas repúblicas, mas o tronco há-de ser o das nossas repúblicas», disse o infalível Martí.

De qualquer modo, não deixa de ser curioso que esta nova atitude crítica comece a esboçar-se na América Latina num momento que por certo não pareceria o mais adequado à lida intelectual serena. Não há dúvida de que, considerada globalmente, a nossa região é a mais sombria e sofrida do mundo inteiro. É claro que existem noutras latitudes focos de tensão não desprezíveis (Libano, África do Sul), mas aqui já não se trata de focos isolados, mas de uma vasta franja de fascismo colonial que vai de oceano a oceano e abarca, só na América do Sul, nada menos que seis países. As ameaças, os sequestros, as prisões, as torturas, o crime, pesam sobre o desenvolvimento destes povos e também dos povos vizinhos, já que não é possível ignorar o carácter irradiante deste fascismo semicrioulo. Num passado não muito longínquo, a qualidade de intelectual ou artista costumava servir de protecção contra semelhantes calamidades. Agora, pelo contrário, o terramoto é tão violento que derubou as torres de marfim que, parece, não eram anti-sísmicas. Hoje em dia ninguém está ilibado, nem seguro: o poeta ou o pintor, o cantor popular ou o romancista, já não constituem uma elite intocável, com garantias de saírem ilesos. Nem sequer a fama serve como escudo e chega até a ser um risco adicional. Que no meio de semelhante fragor haja quem se preocupe com ajustar e revitalizar a crítica literária, mobilize ideias e se propunha

MARIO BENEDETTI

interpretar a nossa realidade, é sem dúvida um sintoma de maturidade, e uma obsessão saudável a de manter acesa, embora nas piores condições e em plena comoção política e social, a chama da nossa cultura.

O destino do escritor latino-americano, salvo excepções de que nem vale a pena mencionar, está hoje em dia assimilado ao do seu povo. Em pleno 1976, quando o romancista Haroldo Conti foi sequestrado e as esperanças de o recuperar se esfumam, quando o dramaturgo Mauricio Rosencof está preso há quatro anos e quando o poeta Francisco Urondo morre em combate (isto para apenas mencionar três casos de escritores de primaríssimo plano), pode alguém pensar que os nossos pontos de vista, os nossos estudos e os nossos ensaios vão ser tão rigorosamente assépticos e tão friamente técnicos como costuma requerer a retórica da última moda?

Chegará um dia o momento para o balanço impecável, sem margem para erro, sem desvios subjectivos mas, entretanto, enquanto nos empenhamos, em sotãos ou em exílios, em continuar a procurar a nossa expressão e interpretando a nossa realidade, a história das nossas ideias será também a história das nossas atitudes, a teoria da nossa literatura estará inevitavelmente ligada à nossa prática de vida, o nosso pensamento individual não poderá (nem quererá) desprender-se do povo a que pertencemos.

Nacional

Envolvimento do P.S.

Continuação da pág. 3

vidade no sentido de criar clivagens no seio do Conselho da Revolução, jogando em força na imprensa. Globalmente, poder-se-á dizer que as alterações recentes nos órgãos de cúpulas militares ficaram longe de agradar à direita. Nomeadamente no que diz respeito ao Conselho da Revolução.

Paralelamente, lança (ver jornais, ainda que diferenciados, como o «Tempo», o «Expresso», «Jornal Novo» ou «Dia») permanentes diagnósticos das diversas correntes militares, tentando «demonstrar» o crescente isolamento político e militar do que resta de progressista na estrutura das forças armadas. A manobra envolvente desencadeada logo após o 25 de Novembro está a tornar-se mais transparente. O alvo é, na actual fase, o Presidente da Comissão Constitucional e os militares considera-

dos a ele afectos. Logo que seja necessário, outras se seguirão. Repare-se em certo tipo de hostilização que a imprensa da direita (civilizada ou não) dirige, por vezes, a palavras do Presidente da República. Ataques directos ou simulados começam a ser intensificados contra os órgãos de fiscalização da constitucionalidade, como o Conselho da Revolução e a Comissão Constitucional.

A direita legal, segundo o que é do conhecimento da opinião pública, está directa ou indirectamente comprometida com a rede terrorista. Não admirará, portanto, que procure a desestabilização. A extrema direita reorganiza-se e prossegue o seu armamento. Para que será? Para respeitar a Constituição? Irão as investigações até ao fim?

É neste sentido que será necessário estar atento ao seu

golpismo. Desde o 25 de Abril que a burguesia não tem desistido da sua prática golpista, como já tivemos oportunidade de sublinhar. É, aliás, curioso referir aqui as longas e frequentes conversas que dirigentes do CDS e PPD mantêm com determinadas figuras militares. Conversas «particulares» naturalmente. Mas se algum dirigente político da esquerda contacta com militares ou se os trabalhadores recusam uma política de direita, tratar-se-á «certamente» de «conspiração» golpista da esquerda e extrema-esquerda. Nesta grande manobra visando o Conselho da Revolução e os oficiais democratas, qual a acção que o PS vem a desenvolver? Nomeadamente, através dos meios de comunicação social que controla, como a «A Luta» e o «Diário de Notícias»? É urgente uma clarificação.

3. A burguesia actualmente

actua em profundidade num domínio que desde o 1.º de Maio de 1974 segue de perto: a unidade das classes trabalhadoras e do seu movimento sindical. Crê ter chegado agora o momento oportuno. O objectivo é claro: obter a divisão das classes trabalhadoras e do seu movimento sindical. Sindicatos paralelos e direito de tendência aparecem na mesma linha.

Este vector é fundamental e nele a burguesia vai certamente jogar forte nos próximos meses. Na prática, a questão que se abre é saber se o chamado pluralismo sindical se irá sobrepor à unidade do movimento sindical protegido pela lei. É isto que a burguesia esconde. A unidade é provavelmente um termo susceptível de deficiente interpretação. A burguesia pretende contrapor-lá à unidade. Não nego que a unidade de classe se tenha de forjar na prática real. Isto é uma questão. Outra, é proteger o próprio movimento sindical contra as manobras da burguesia visando a divisão de classe. A unidade é, portanto, essa protecção legal. Protecção legal que não deverá deixar brechas à manipulação. E aos próprios trabalhadores que cabe o direito de velar pela prática democrática dentro das suas estruturas de classe. Quem não merece a confiança da classe terá de ser obviamente substituído. Isto é uma coisa. Outra, é criar as condições legais que permitam as infiltrações da burguesia, fazendo com que os trabalhadores possam ser representados, simultaneamente, por mais do que uma organização sindical. É a porta aberta às centrais de partidos e à divisão no processo de luta de classes. E não só. Aqui ficam algumas consequências que a revogação da lei que protege a unidade poderá desencadear: a) quem representará os trabalhadores na discussão com o poder e o patronato? Que sindicatos? Que centrais sindicais? A burguesia não falta experiência de lançar trabalhadores contra trabalhadores; b) Quem representará os trabalhadores nos conflitos de classe? Quem coordenará a defesa dos interesses das classes trabalhadoras perante o poder?; c) Como poderão os trabalhadores, assim divididos, criar as condições para o exercício democrático do poder pelas classes trabalhadoras, conforme prevê o artigo 2.º da Constituição? A estratégia da burguesia não visa obviamente a constituição de tais condições. Para que ela possa deter o poder é fundamental que os trabalhadores se encontrem divididos pelas suas organizações de classe. Divisão que se projectará nas fábricas, nos escritórios, nos serviços públicos e naturalmente na própria organização dos trabalhadores nos seus locais de trabalho, nomeadamente nas comissões de trabalha-

dores. Por esta via, a burguesia fita ainda o controlo de produção, de modo a torná-lo inoperante, quer como mecanismo de fiscalização e controlo do funcionamento das empresas e da economia, quer como meio de exercício do poder pelas classes trabalhadoras. A divisão do movimento sindical será um excelente argumento para reduzir o controlo de produção a funções menores de natureza informativa; d) Qual será a posição dos trabalhadores quando da preparação e execução do Plano? A burguesia tudo fará para que ele se torne um instrumento ineficaz de modo a que a lógica da economia de mercado se imponha no funcionamento da economia e assim facilitar a reposição da lógica capitalista de acumulação. Neste terreno, igualmente decisivo, a burguesia pretenderá que o Plano se torne um pequeno «bibelot» para entreter trabalhadores e não o mecanismo de regulação do sistema económico visando a construção de uma economia socialista. A estratégia da burguesia no campo económico será abordada em próximo artigo. O pluralismo sindical e a divisão do movimento sindical serão pedras preciosas para que os trabalhadores não consigam fazer executar em profundidade o n.º 1 do art.º da Constituição: «Para a construção de uma economia socialista, através da transformação das relações de produção e de acumulação económica e social do país deve ser orientada, coordenada e disciplinada pelo Plano»; e) Qual a capacidade de resposta do proletariado e do campesinato e movimentos grevistas desencadeados por organizações paralelas ou duplos (ou tripos) sindicatos em sectores vitais como a distribuição e dos transportes? Por outro lado, a burguesia tudo fará para afastar os «quadros» dos restantes trabalhadores, tentando servir-se deles nomeadamente no plano reivindicativo e conflitual.

Na prossecução dos seus objectivos é previsível que a estratégia da direita se venha a desdobrar nas seguintes etapas:

a) Tentar que a lei revogada a unidade seja aprovada pela Assembleia da República antes do Congresso dos Sindicatos; b) Criar um clima de permanente tensão durante a preparação do Congresso de modo a protelar a sua realização, a fim de obter a aprovação de legislação de trabalho contrária aos interesses dos trabalhadores e, o que será mais curioso, sem os ouvir (talvez por anúncio não seja mau) como a Constituição determina; c) Experimentar a criação de sindicatos paralelos ou duplos sindicatos nomeadamente em profissões média e altamente qualificadas no sector dos serviços; e) Ensaiair a constituição de federações ou até minicentrais paralelas antes da realização do Congresso dos Sindicatos. Depois do 25 de Abril, a direita ainda não conseguiu penetrar no meio sindical, salvo uma ou outra excepção. Certamente que na sua estratégia será fundamental ter uma expressão no plano sindical de modo a poder actuar legalmente no seio dos próprios trabalhadores fomentando a sua divisão. Para isso ela espera contar com a insuficiente consciência política e de classe de alguns trabalhadores e com a possibilidade de criar minisindicatos, entretanto permitidos legalmente. e) Dar como factos consumados a criação destas minicentrais para bloquear decisões do Congresso dos Sindicatos que visem a unificação do movimento sindical e assim perpetuar o pluralismo e a crise sindical. E a burguesia tentará fazer tudo isto dizendo sempre que é necessário salvaguardar a unidade dos trabalhadores! Reparemos, porém, se a burguesia se divide nas suas organizações. A CIP, CAP, as Associações patronais, da construção civil e do comércio têm elas organizações concorrentes ou paralelas?

Neste domínio, também fundamental, qual a estratégia do PS e das direcções sindicais a ele afectas (embora defenda sempre categoricamente a separação da organização sindical dos partidos e do Estado)? De que lado está ou irá estar?

PUB

FEDERAÇÃO DOS SINDICATOS DAS INDÚSTRIAS DE PANIFICAÇÃO, PRODUTOS ALIMENTARES E AFINS

Sede: AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 25-CAVE — LISBOA-1

— TELEF. 57 20 45 —

CARTA ABERTA AO PRIMEIRO MINISTRO

Os trabalhadores da Panificação estão a ser defraudados pela sabotagem levada a cabo pelos representantes do patronato na Comissão Técnica para o estudo da Portaria de Regulamentação de Trabalho para a Panificação que através de um trabalho de sapa (inclusive no seio do aparelho de Estado) faz estacionar o desenvolvimento dos trabalhos da mesma.

Confiamos na promessa do Ministério do Trabalho, mas estão a verificar a incapacidade deste na resolução dos problemas e no cumprimento da prometida defesa dos seus direitos.

Perante estas realidades não vão continuar à espera indefinidamente já que são decorridos três meses sem resolução alguma, vão-se preparar para lutar como é seu dever pela garantia das suas regalias sociais, pela garantia de salários com que possam fazer face ao aumento do custo de vida e assim garantir a manutenção dos seus lares.

Irão em Assembleias Gerais Extraordinárias a realizar no dia 3 de Outubro decidir das formas de luta a encetar.

Não esqueceram os trabalhadores a recusa de V. Ex.ª em receber os seus representantes, o Secretariado da Federação em conformidade com o seu pedido de audiência formulado através do nosso ofício n.º 122 de 4 de Agosto de 1976 para de viva voz termos oportunidade de expor os nossos problemas.

Não esqueceram as palavras com que V. Ex.ª nos acusou na sua alocução ao País da projectada forma de luta de dar o pão aos trabalhadores Portugueses, que era inconstitucional, era um atentado à propriedade privada e por tal condenada pelas leis vigentes, mas que terá de reconhecer que sobre o ponto de vista humano, não era a única, mas era a mais correcta.

Não esqueceram os trabalhadores da Panificação que o direito de luta que lhes confere a Constituição da República é a greve, a qual a pôr em prática, significaria retirar o pão ao Povo Português.

Se é essa a única forma de luta legal preconizada por V. Ex.ª, então nós saberemos nas nossas Assembleias decidir a sua prática e quando devemos desencadeá-la, se até então não houver garantia real por parte do governo que satisfaça o nosso direito à sobrevivência.

Os trabalhadores da Panificação, assim como todos os trabalhadores defendem o cumprimento da Constituição e levarão à prática o direito de luta constitucional, seguindo o conselho de V. Ex.ª, como Primeiro Ministro do Governo Constitucional, embora nos repugne deixar o Povo Português sem um dos principais alimentos — o pão — porque o Povo não tem culpa da incapacidade já demonstrada pelos responsáveis de governar este País, em defender os trabalhadores e o Povo em geral da exploração do patronato e do grande capital que, sempre em nome da liberdade e da democracia, luta desesperadamente por destruir as conquistas levadas a cabo pelos trabalhadores depois do 25 de Abril de 1974.

Ao criticarmos a inacção do Governo no domínio da resolução dos problemas que afligem os trabalhadores da Panificação e todos os trabalhadores, não pretendemos, antes muito pelo contrário, alinhar no coro daqueles que, sob a capa da democracia, atacam pela direita o Governo, visando objectivos mais acentuados ainda de recuperação capitalista e de repressão sobre os trabalhadores.

Não senhor Primeiro Ministro, nós o que pretendemos é que o Governo de uma vez por todas se defina:

— OU ESTÁ COM OS TRABALHADORES — VISANDO A NOSSA UNIDADE, PARA COM O NOSSO APOIO GOVERNAR;

— OU ESTÁ CONTRA OS TRABALHADORES — ALIADO AS FORÇAS QUE PRETENDEM MANTER A NOSSA EXPLORAÇÃO, VISANDO UM RETORNO AO NEGRO PASSADO DE OPRESSÃO E DE MISÉRIA.

Assim, o Secretariado desta Federação, as Direcções Sindicais e trabalhadores da Panificação de todo o País, por aqueles representados, alertam V. Ex.ª para as graves consequências que advirão de uma greve neste sector, da qual responsabilizam o Governo pela sua falta de acção na resolução da precária situação dos trabalhadores da Panificação.

SUADAÇÕES SINDICAIS
Pel' O Secretariado

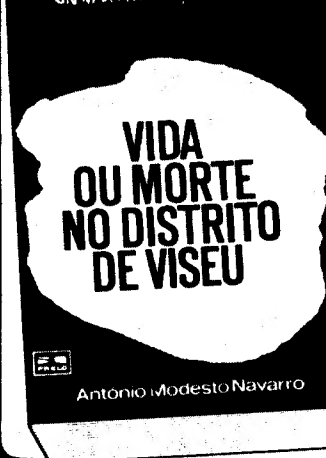
para : **U. I. M.**
MARSELLA — LIVORNO
MARINA DI CARRARA
e GÉNOVA
n/m «ORSOLA», em 7 de Outubro
OS AGENTES GERAIS :



SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

VIDA OU MORTE NO DISTRITO DE VISEU

GRAVAR A ALIANÇA POVO-MFA



Se pretende saber o que foi a CODICE, perceber melhor o que esteve por detrás da queima das Sedes, conhecer o caciquismo, a exploração e a miséria generalizada no interior do País e avaliar a justeza da Aliança Povo-MFA, não deixe de ler este novo livro de António Modesto Navarro. São 359 páginas de textos e entrevistas subordinadas aos temas: Subdesenvolvimento e Organização Popular e Dificuldades e Resultados das Campanhas do MFA no distrito de Viseu.

Leia este documento único sobre um ano cheio de heroísmo e de traições à nossa Revolução - 1975

Preço 200\$00
Pedidos em qualquer livraria ou à Prelo Editora
Alameda de Santo António dos Capuchos, 6-B Lisboa

Nacional

Jacinto Nunes e as declarações à "Lettre Internationale"

Uma conversa de mais de uma hora diluída em 20 a 30 minutos de texto, com «cortes e arranjos» que não traduzem correctamente o pensamento do «entrevistado» — eis como surgiu segundo o dr. Manuel Jacinto Nunes, a alegada entrevista à «Lettre Internationale» matéria de publicação nas nossas edições dos passados dias 14 e 15.

É em carta ao nosso director que o governador do Banco de Portugal faz o ponto ao sucedido:

«Publicou o jornal que S. Ex.ª dirige, em 14 e 15 do corrente, «extractos de uma entrevista que eu teria dado a Lettre Internationale».

Como tenho por certo que o que interessa a esse jornal é uma correcta informação dos seus leitores agradeço a S. Ex.ª a publicação do seguinte esclarecimento:

Há cerca de três meses foi-me solicitado que recebesse um jornalista inglês que teria vindo a Portugal para observar e relatar a situação da economia portuguesa e que tendo já tido inúmeros contactos se encontrava em dificuldade perante a diversidade das opiniões colhidas.

Acedi a ter uma conversa com o referido jornalista que excedeu largamente uma hora.

Alguns dias depois a pessoa através da qual me fora solicitada a conversa informou-me que recebera um boletim com uma «entrevista» dada por mim ao aludido senhor.

Foi em presença do boletim que tomei conhecimento da existência da Lettre Internationale.

Logo em 4 de Agosto foi enviada uma carta ao referido jornalista manifestando a estranheza da publicação da conversa mas principalmente por várias das afirmações contidas no texto.

A presença de um gravador e a forma como a conversa fora conduzida foram as razões invocadas para a publicação como «entrevista» da conversa havida.

Quanto à questão de fundo foi referido que certas respostas tenham que ser tomadas no contexto geral e que os leitores por certo não deixariam de as ponderar dessa forma.

Não se vê como se pode integrar uma resposta num contexto geral quando se trata de «extractos» de uma conversa que dura mais de uma hora, resumida num texto que corresponde a 20 ou 30 minutos.

Dos cortes e arranjos efectuados resultaram respostas que não traduzem com correcção o pensamento do entrevistado e outras a que se não poderia ter respondido sem as justificar devidamente num contexto que não é o de «extractos». Refere-se, por exemplo, que não era ainda conhecido o programa do Governo.

Deste modo não podem ter qualquer sentido as interpretações que se queiram dar a um texto amputado e arranjado.

Renovando os meus agradecimentos pela publicação destas linhas de devido esclarecimento, apresento-lhe os meus cumprimentos.»

M. JACINTO NUNES

Hugo dos Santos em Leiria

LEIRIA, 28 — O brigadeiro Hugo dos Santos, comandante da Região Militar do Centro, visitou hoje esta cidade, almoçando na messe do Regimento de Artilharia.

A visita, que começou logo de manhã, teve por objectivo permitir um contacto mais directo entre o novo comandante da Região Militar do Centro e os militares desta unidade.

Hugo dos Santos, que foi recebido por uma guarda de honra, regressa a Coimbra ao fim da tarde depois de várias reuniões.



"Venham as picaretas, sr. presidente!"

Aconteceu na Reboleira no último fim-de-semana: munidos de pás e picaretas, fornecidas pela Câmara de Oeiras, algumas dezenas de moradores da Rua F abriram uma vala e fizeram a ligação das torneiras das suas casas, secas há três meses, à rede central. Tudo começou quando, há quinze dias, uma delegação da comissão

de moradores da zona se dirigiu ao presidente do Município e lhe expôs o seu problema: «Senhor presidente — disseram — residimos há três meses em andares pertencentes ao conhecido construtor civil, João Protásio Naia, e apesar de termos canalizações instaladas e de pagarmos as contribuições respectivas à Câmara,

devido à falta de uma ligação à rede central nunca tivemos água em nossas casas». E foi então que o presidente lhes respondeu: «Meus amigos, face à falta de pessoal com que lutamos o mais que posso fazer de imediato é fornecer-vos as ferramentas e a tubagem necessária. O resto depois será convosco». E foi, como o de-

monstra à evidência o instantâneo colhido pelo nosso repórter.

Ministro indiano interessado no sector naval

Encontram-se em estudo as possibilidades de cooperação entre Portugal e a Índia, nomeadamente no que diz respeito à construção e à reparação naval. Com efeito o ministro dos Transportes da União Indiana, dr. G.S. Dhillon, confirmou ontem à sua chegada ao Aeroporto de Lisboa o interesse de Nova Delhi em transformar-se num cliente efectivo dos estaleiros navais portugueses, «apesar da grande distância geográfica que nos separa» — disse.

Por sua vez o ministro dos Transportes português, dr. Rui Vilar, congratulando-se com esta visita, salientou que ela abre reais possibilidades de cooperação no referente à construção e à reparação naval, mas também a nível de um acordo de transportes (navegação marítima) e de vários outros domínios.

POSIÇÃO DA U. S. L.

Posição em tudo idêntica (até mesmo nos termos em que a torna pública), assumiu ainda ontem o Secretariado da União dos Sindicatos de Lisboa, U. S. L. (e o comunicado da Inter provinha do respectivo Departamento de Informação).

«Há que levar até às últimas consequências o desmantelamento da rede terrorista» — repete a U. S. L. — «Esta uma exigência dos trabalhadores e de todos os antifascistas. Este um propósito das autoridades, principalmente das mais altas instâncias do poder político-militar de quem — diz — «os trabalhadores esperam virão a responder a esta provocação ao povo português» (a libertação dos dois presumíveis implicados).

REDE BOMBISTA

Inter contra libertações

«Após a promessa de punição de todos os responsáveis pela rede bombista, por crimes contra todos os portugueses, é com revolta e com firmeza que a Intersindical Nacional encara a libertação de terroristas da direita reacção» — lê-se num comunicado daquela central de trabalhadores ontem emitido e posto a circular, a propósito das libertações, no fim da semana passada, de dois dos presumíveis implicados nas acções bombistas, que se encontravam desde princípio de Agosto detidos em Caxias: Abílio de Oliveira e Décio Sottomayor. A Inter insurge-se abertamente contra a decisão — pelo que se sabe, tomada pelo juiz instrutor, Dário Rainho, após acareação de outro dos presumíveis implicados, Ramiro Correia.

A Intersindical — diz — «vê com apreensão a libertação dos terroristas. A investigação exaustiva da rede bombista, com vista ao seu total desmantelamento, mereceu de todos os trabalhadores portugueses o seu maior apelo e aplauso. A promessa de justa punição de todos os envolvidos nessa actividade criminosa mereceu de todos os trabalhadores portugueses a sua total concordância e aceitação. Estas libertações põem em «xeque» a posição antifascista das autoridades e das instituições demo-

cráticas. Põem em «xeque» as declarações sobre o assunto do Presidente da República, Conselho da Revolução, e Primeiro-Ministro. Põem em «xeque» a própria Constituição.»

O texto da Inter situa as libertações no contexto político actual, confronta-se com outros factos igualmente significativos, diz que «os trabalhadores portugueses estão cada dia mais apreensivos com estes acontecimentos», mas — acrescenta — «também cada dia mais atentos e vigilantes às manobras da reacção». E eles — assevera a Inter, «podemos garantir quem (efectivamente) que a punição de todos os responsáveis bombistas e seus cúmplices chegue, sem disfarces nem tibiezas, até às últimas consequências.»

Ermesinde declara guerra à poluição

PORTO, 28 — Cansada de bater em vão a várias portas — desde o Governo Civil e a Circunscrição Industrial até à Comissão de Saneamento Básico e várias câmaras municipais — a população de Ermesinde está a mobilizar os seus próprios meios para resolver a situação criada pelos fumos e pelo cheiro com que a «Ferton» infesta uma série de freguesias de quatro concelhos (Maia, Valongo, Gondomar e Porto).

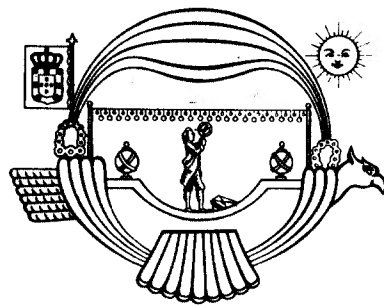
Na escola secundária de Ermesinde (também afectada pela poluição da «Ferton») os representantes dos moradores das freguesias atingidas efectuaram ontem uma reunião em que se estudaram formas de dinamizar a população para um combate eficaz que disseram estar dispostos a travar. A palavra de ordem foi «lixo para a fábrica, sim, lixo para o exterior, não».

O «exterior» é a bouça onde a «Ferton» queima mais de cem

toneladas diárias de lixo que excedem a sua capacidade de tratamento (recebe, só do Porto, cerca de 250 toneladas e trata apenas 150). E daí provém um imenso «nevoeiro» que já tem ocasionado desastres nas estradas. Aliás, este problema começou logo que a «Ferton» ali surgiu há uns dez anos.

Os moradores afirmaram ao jornalista que não pretendem o encerramento da fábrica mas que ela trabalhe em condições, ampliando a sua capacidade de tratamento ou recebendo apenas as 150 toneladas diárias. E, para isso, após o esclarecimento e a mobilização das freguesias, tomarão depois medidas concretas, «já que ninguém nos tem ouvido».

É curioso referir que a «Ferton» é deficitária, pelo que «precisa» do lixo todo que lhe mandam: a câmara do Porto paga-lhe 25\$00 por tonelada. A fábrica recebe ainda lixo da Maia, Valongo e Espinho.



PASSAROLA

UM RESTAURANTE DIFERENTE
Ambiente moderno, acolhedor, requintado.
Ementa escolhida de entre as mais apreciadas da cozinha portuguesa e internacional.

Localizado no LISBOA PENTA HOTEL.

Com parque de estacionamento privativo, o Restaurante Passarola oferece-lhe sempre mais do que aquilo que você paga.

RESERVE A SUA MESA PELOS TELEFS.: 740141 / 787141
Av. dos Combatentes, à Praça de Espanha.

VÁ AO PASSAROLA
UM RESTAURANTE DIFERENTE

Português preso em Espanha

Manuel Agostinho da Silva foi surpreendido no domingo pela polícia de Marbella, cidade costeira no Sul da Espanha, quando tentava apoderar-se de diversos valores existentes num apartamento da urbanização «La Fuente».

Interrogado na esquadra, terá confessado ser o autor de mais de vinte assaltos perpetrados naquela cidade nos últimos meses, afirmando ainda que entrara no país atravessando o Tejo a nado.

PUB.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS SINDICATOS DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

COMUNICADO

Os Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio reunidos em Plenário Nacional na sede da sua Federação, em 26-9-76, analisaram a situação Política/Sindical, em especial os problemas que neste momento mais preocupam os trabalhadores portugueses em geral e os trabalhadores do comércio em particular.

Estão neste caso a Contratação Colectiva, as Leis do Trabalho, a política económica do Governo e outras questões pontuais, tais como o controlo dos preços, diversificação de horários, etc.

No que se refere às leis do trabalho e mais concretamente à nota oficiosa do Ministério do Trabalho de 13/9/76, os Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio presentes neste Plenário Nacional condenam e denunciam a demagógica e inconstitucional forma imposta pelo Ministério do Trabalho pretendendo que os trabalhadores se pronunciem no prazo de 15 dias, sobre matérias que lhes interessam tão profundamente e cujo teor se ignora, tais como:

**DESPEDIMENTOS, CONTRATAÇÃO COLECTIVA, TRABALHO RURAL, DO-
MESTICO E DE ESTRANGEIROS, CONTRATOS A PRAZO, GESTÃO DE EMPRESAS EM
AUTO-GESTÃO E SANEAMENTOS**

Procura-se assim organizar um simulacro de participação para o qual, inconcebível e inconstitucionalmente, foram também convidadas a participar as organizações patronais.

Tais métodos agora utilizados pelo Ministério do Trabalho fazem lembrar a política e a prática constantemente seguida, no passado, pelo regime caetanista, contra as quais os trabalhadores portugueses em geral e os trabalhadores do Comércio em especial sempre lutaram, condenaram e denunciaram vigorosamente.

Estranhámos e lamentamos que seja agora o actual ministro do Trabalho (dr. Marcelo Curto) a prosseguir tal prática e política antidemocráticas. Tanto mais que algumas vezes, no passado, colaborou com os trabalhadores do comércio na condenação e denúncia de tal política.

Os diplomas que o Ministério do Trabalho pretende agora elaborar, nas costas dos trabalhadores, são nos termos da Constituição (Art.ºs 17.º e 167.º), da competência da Assembleia da República e carecem de participação dos trabalhadores, através das suas organizações de classe (Art.ºs 56.º e 58.º).

Nestes termos não podem os Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio, aceitar e deixar de denunciar tão flagrante violação dos seus direitos e da Constituição, exigindo que tais diplomas sejam previamente enviados a toda a estrutura sindical para que sejam divulgados e discutidos por todos os trabalhadores.

Os Sindicatos dos Trabalhadores do Comércio manifestaram também, no decorrer deste Plenário, a sua preocupação pelas medidas impopulares enunciadas pelo Primeiro-Ministro (subsídio de Natal em Títulos do Tesouro para além de 5000\$00 e ameaças de maior eficácia e celeridade da Lei dos Despedimentos), que reforçam as forças de direita nas suas tentativas de recuperação capitalista.

Os Trabalhadores do Comércio não aceitarão uma política que no fundamental os responsabilize e os faça pagar a crise capitalista.

Finalmente os Sindicatos presentes no Plenário tomaram conhecimento de que o ministro do Comércio e Turismo se prepara para alterar os períodos de abertura dos estabelecimentos sem garantia prévia de que os trabalhadores serão ouvidos, através das suas organizações de classe.

Os Sindicatos reafirmam a sua determinação de não cederem, custe o que custar, na luta pela defesa de conquistas tão caras aos trabalhadores do Comércio, como é o caso da «Semana Inglesa» e em muitos casos da «Semana Americana», e não aceitam quaisquer alterações aos períodos de abertura baseados (como no tempo do fascismo) em argumentos já gastos, como o interesse público, o bem comum, etc.

Os Trabalhadores do Comércio são os únicos que poderiam invocar dificuldades de tempo para se abastecerem e não são eles, como é do conhecimento público, que levantam estas questões para justificarem tais alterações.

As declarações do Ministério do Comércio e Turismo à TV, Rádio e Imprensa, insinuando que os Sindicatos estariam receptivos a tais medidas, não correspondem à posição assumida pelos dirigentes sindicais, acerca desta matéria.

No campo da contratação colectiva, os Sindicatos reafirmaram a intenção de avançar na negociação de um Contrato Colectivo de Trabalho Nacional e Vertical para o sector do Comércio Retalhista.

Aprovado por unanimidade

Lisboa, 26 de Setembro de 1976

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de BEJA
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Similares do Distrito de BRAGA
Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de CASTELO BRANCO
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de COIMBRA
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de ÉVORA
Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de FARO
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de LEIRIA
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de LISBOA
Sindicato dos Caixeiros e Empregados de Escritório do Distrito de PORTAL EGRE
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de PORTO
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio e Serviços do Distrito de SANTARÉM
Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de SETÚBAL
Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de VIANA DO CASTELO
Sindicato dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de VISEU

e ainda por adesão:

Sindicato dos Empregados de Escritório e Comércio do Distrito da GUARDA

Nacional

LOPES CARDOSO E A REFORMA AGRÁRIA

Lei não será alterada

O Ministério da Agricultura e o Governo não têm qualquer intenção de rever a lei da Reforma Agrária, tal como insinuam as forças da direita, como forma de pressão sobre o primeiro Governo Constitucional — assegurou-nos Lopes Cardoso. O ministro confessou-nos igualmente a sua satisfação pela forma perfeitamente normal como decorreu o primeiro dia de aplicação do programa do Governo para normalização do caso das herdades ocupadas mas não abrangidas pela Lei da Reforma Agrária.

Por outro lado Lopes Cardoso manifestou-se favoravelmente em relação aos casos resolvidos por arrendamento dessas herdades aos trabalhadores que as ocupavam, afirmando esperar que outras soluções idênticas venham a ser encontradas.

Quanto a eventuais casos de proprietários que seriam tentados a deixar as terras desocupadas ao abandono ou em regime de nitido subaproveitamento, Lopes Cardoso foi categórico: o Governo não permitirá que isso aconteça e recorrerá, se necessário for, ao arrendamento compulsivo dessas terras. Por outro lado, as expropriações em conformidade com a lei em vigor sobre a Reforma Agrária vão prosseguir, maugrado todas as manobras dos chacais da CAP e das forças do capital. Este é o verdadeiro combate em que se devem comprometer todos os homens progressistas e forças de esquerda deste País. Recusando comportamento e acções aventureiristas que não poderiam senão atentar contra a Reforma Agrária, as forças de esquerda devem evitar os falsos combates.

Eis o teor da entrevista:
D. L. — A campanha lançada pela CAP e pelas forças da direita e do capital contra a Reforma Agrária, à volta da desocupação das terras não abrangidas pela lei, aparece claramente como uma vasta manobra para pressionar o Governo no sentido de não prosseguir com as expropriações previstas na lei, e, até, para levar o Governo Constitucional a rever aquela lei, no sentido pelo menos de não haver mais expropriações.

Qual é a posição do Ministério da Agricultura e do Governo em face desta campanha e destes propósitos?

Lopes Cardoso — A posição deste Ministério e do Governo é muito simples, ou seja: é a de cumprir aquilo que está previsto na lei. É evidente que o Governo não pode, e se eventualmente pudesse nenhum de nós seria seguramente Governo, impedir que os partidos representados na Assembleia da República apresentem qualquer proposta de lei de alteração do Decreto 406/75. Mas não é intenção do Governo rever aquela lei. Isto ressalta claramente, de resto, do projecto de resolução do Conselho de Ministros em que se indicam uma série de medidas que vão ser tomadas e inclusivamente algumas iniciativas legislativas no sentido de as apresentar, porque são da competência da Assembleia da República, a esta mesma Assembleia. Mas não figura em nenhuma delas uma iniciativa por parte do Governo no sentido de alteração da lei. Agora o que é certo é que nada impede em democracia que qualquer partido apresente uma proposta de alteração à lei vigente, uma vez reaberta a Assembleia da República.

D. L. — Deverá concluir-se, por exemplo, que o Partido Socialista, em contrapartida, tem a intenção de apresentar uma qualquer alteração à lei da Reforma Agrária?

Lopes Cardoso — Não, o Partido Socialista não tem qualquer perspectiva de apresentar uma qualquer proposta de alteração à lei, o que não significa que não tenha em vista a apresentação de projectos de lei complementares, e que no fundo, dêem corpo à lei da Reforma Agrária.

D. L. — Alguns proprietários de terras ocupadas ilegalmente chegaram a acordo com os trabalhadores, dando-lhes de arrendamento algumas herdades. Isto aconteceu também já ontem, primeiro dia da concretização do programa do Governo para a resolução dos casos de ocupação não abrangidos pela lei. Gostaria que nos dissesse se isto se confirma e se o Ministério da Agricultura apoia este tipo de solução.

Lopes Cardoso — Eu devo dizer que não se parou durante todo este ano, por muito que se tenha dito e independentemente dos casos que serão resolvidos agora dentro deste programa, para sanar o problema de uma vez por todas, pois no decurso do ano resolveram-se casos menores, ou relativamente menores: se a memória me não falha, foram 78 casos que foram resolvidos, e uma parte deles justamente através do arrendamento feito directamente ao Instituto de Reforma Agrária, o que a lei permite, ou do arrendamento feito às unidades colectivas, caucionados digamos por este Ministério.

É uma solução que se encontrou no passado; é uma solução que se encontrará para uma parte dos casos em suspenso, sobretudo quando se trata de proprietários que já eram absentistas e que portanto já arrendavam a terra. E trata-se afinal de lhes reconhecer o direito de propriedade plena, e o direito de arrendarem tal como arrendavam no passado, neste caso a uma unidade colectiva de produção.

É evidente que estes casos foram sempre os casos mais fáceis de solucionar pela sua própria natureza. Há muitos casos no passado resolvidos por esta via, e muitos casos em suspenso provavelmente terão como normal solução essa também, uma vez que se trata de proprietários absentistas. Mas não há por parte deste Ministério nenhuma disposição de forçar os proprietários a adoptarem essa solução. Parece-nos ser a solução normal e correcta quando se trata de proprietários absentistas, mas é a eles que cabe decidir se querem ou não optar por essa solução, ou se preferem explorar directamente a terra, visto que se trata de lhes reconhecer o direito pleno de propriedade, e portanto de fazerem dela aquilo que entenderem nesse sentido.

D. L. — Certo, mas não é de excluir que alguns proprietários sejam tentados a deixar mais ou menos ao abandono essas terras. Qual será então a posição do Ministério da Agricultura e do Governo?

Lopes Cardoso — Nessa altura, como se sabe, as leis em vigor permitem que o Ministério da Agricultura, entre outras medidas possíveis recorra ao mecanismo do arrendamento compulsivo em caso de subaproveitamento. Não houve qualquer alteração a esta lei, que continua em vigor. E o Governo está disposto a não permitir que haja terras abandonadas. Se determinado proprie-

tário pretende hoje recuperar a sua terra e depois a deixa ao abandono, o Governo não está disposto a aceitar essa situação e não hesitará em recorrer ao mecanismo do arrendamento compulsivo para que essa terra seja aproveitada. Isto aliás aplica-se tanto aqueles que recuperem agora as suas terras e que eventualmente não venham a cultivá-las, como a qualquer proprietário que deixe as suas terras ao abandono. Nós não nos podemos permitir esse luxo.

D. L. — O Congresso do P. S. aproxima-se. Qual a importância que este tema da Reforma Agrária vai ter nas discussões do Congresso?

Lopes Cardoso — Não penso que vá ter uma importância particular. Creio que ela terá importância na medida em que tanto dentro do Partido como ao nível nacional a Reforma Agrária se transformou numa espécie de símbolo do que se avançou neste País, porque até em termos de transformação das estruturas económicas é evidente que a Reforma Agrária é uma extraordinária importância mas não é mais importante do que aquilo que foi a nacionalização da Banca ou a nacionalização da Siderurgia, ou ainda a nacionalização dos grandes sectores da indústria nacional, em relação aos quais se tem feito muito menos barulho, digamos assim.

D. L. — O Governo aplicará integralmente a lei da Reforma Agrária, e procederá às expropriações que se enquadram na lei. Gostaria que nos esclarecesse relativamente ao ritmo a que essas expropriações se vão processar.

Lopes Cardoso — É difícil neste momento definir este ritmo. Posso é dizer-lhe qual é a orientação do Governo nesta matéria.

Há, por um lado, a expropriação de áreas que estão já ocupadas, embora seja relativamente pouco o que falta expropriar mas que já está ocupado. As expropriações destas terras prosseguirão ao ritmo que no fundo será determinado pela capacidade dos serviços do Ministério em elaborarem a necessária documentação para que a legalização através da expropriação se concretize.

Depois, há aquelas áreas que são susceptíveis de expropriação, mas que não foram objecto de ocupação, e cuja expropriação tem de ser enquadrada num plano de conjunto. Nesse sentido, está a ser feito um levantamento de todas essas áreas, para que depois as expropriações se efectuem de forma programada e de tal maneira que mesmo antes da expropriação esteja determinado e delimitado o direito de reserva, esteja definida a estrutura e a composição da unidade de produção que eventualmente seja instalada ou do parcelamento que será feito para entrega de terras, a pequenos agricultores se for essa a solução entendida como a melhor. Uma vez elaborado este programa, ele realizar-se-á ao ritmo da capacidade de enquadramento do Ministério da Agricultura. Há, portanto, todo este trabalho prévio de planificação do processo, o que já está a ser feito. Depois há ainda casos de expropriações pontuais que possam ser determinadas por razões específicas e que não se integrarão portanto nesse plano, e que serão tomadas em função de razões particulares.

Entrevista conduzida por
J. CÂNDIDO DE AZEVEDO

O PROCESSO DAS DESOCUPAÇÕES

Tudo em ordem
no Alentejo

Continua a desenvolver-se, sem incidentes, o processo de aplicação das medidas preconizadas pelo Governo no sentido de serem «corrigidos» alguns casos que estejam à margem dos limites estabelecidos pela Lei da Reforma Agrária.

Segundo o Ministério da Administração Interna foram já contactados no distrito de Beja os proprietários de 11 herdades que manifestaram o desejo de tomarem posse das mesmas para exploração directa. Encontrou-se também a solução para dois casos de ocupações «incorrectas», um em Brinches e outro em Serpa, com o arrendamento das herdades às Unidades Colectivas de Produção onde elas estavam integradas.

Por sua vez, o Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Beja, através de um porta-voz, expressou a sua convicção de que a maioria das desocupações iria ser resolvida pelo arrendamento das propriedades às cooperativas. «Há propriedades, nas mãos dos trabalhadores que não tinham os pontos fixados pela lei, mas que foram ocupadas porque estavam a ser exploradas por grandes rendeiros cuja terra que traziam de renda excedia largamente a pontuação. Acha-mos que essas herdades devem ser arrendadas aos trabalhadores», disse o representante do Sindicato.

Dos 34 casos que não obedecem à pontuação, detectados no distrito de Beja pela Comissão de Análise, o Sindicato pensa que apenas 8 podem ser susceptíveis de desocupação. Quase todos eles situam-se no concelho de Odemira. Se houver, no entanto, uma entrega de terra, será na ordem dos mil hectares.

Os trabalhadores do distrito de Beja estão na disposição de lutar para fazer cumprir a Lei da Reforma Agrária. «Se querem pôr os pontos nos ii então todos os ii têm de levar pontos», disse o dirigente sindical aludindo aos 75 mil hectares que ainda estão por expropriar no distrito de Beja.

Segundo a mesma fonte parece que já se começaram a despender esforços no sentido de fazer cumprir a lei no outro reverso da medalha. Assim, o delegado sindical da zona da Amareleja informou o Sindicato de que as brigadas técnicas do C. R. R. A. se tinham deslo-

cado à freguesia para tratarem das expropriações.

No distrito de Évora as conversações travadas no Governo Civil, com a presença dos proprietários das herdades «em questão» e das Comissões Directivas das Cooperativas a elas ligadas, resultaram altamente proveitosas para os trabalhadores pois o proprietário decidiu arrendar a terra à Comissão Revolucionária de Apoio à Reforma Agrária (C. R. A. R. A.). Essas herdades, que continuarão a ser exploradas pelos trabalhadores, são Olival da Quinta Grande, Morgado e Cavaleiros.

Quanto ao distrito de Portalegre, prevê-se que as «correções» sejam mínimas. Por enquanto ainda não se procedeu a nenhuma desocupação. Técnicos do C. R. R. A. e dirigentes do Sindicato Agrícola daquele distrito analisaram as diversas situações criadas pela aplicação da Lei das Expropriações com o objectivo de elaborar um plano de estruturação que facilite a solução dos problemas. Os trabalhadores, no entanto, encaram a hipótese de as poucas herdades que foram desocupadas virem a ser arrendadas às cooperativas.

«Não estamos interessados em andar à pancada, mas exigimos que a Lei seja aplicada nas duas facetas», afirmou um elemento do Sindicato dos Trabalhadores Agrícolas de Portalegre.

No distrito de Santarém, dentro do âmbito das medidas decretadas pelos Ministérios da Agricultura e Pescas e da Administração Interna foi entregue a herdade das Figueiras após uma acção coordenada pela Comissão de Gestão Transitória do Perímetro da Rega do Sorraia que actua paralelamente ao C. R. R. A. Está programada para o próximo dia 2 de Outubro a entrega de mais cinco propriedades na zona do Sorraia.

Por sua vez no distrito de Setúbal, até agora os técnicos apenas detectaram seis casos «incorrectos» susceptíveis de restituição aos proprietários. Foram convocadas reuniões com os intervenientes no processo (proprietários e trabalhadores) a fim de se proceder aos acertos relacionados com as desocupações que se vierem a fazer.

Cinco mortos
num acidente em Leiria

LEIRIA, 28 — A travagem de um automóvel que derrapou no piso molhado terá estado na origem de um acidente de viação trágico ontem à tarde nas proximidades desta cidade, junto ao cruzamento para a Boavista.

Atirada para a faixa de rodagem contrária, uma viatura com matrícula de Luxemburgo chocou violentamente com outra que se lhe apresentava de frente, provocando a morte imediata de três pessoas que vieram a ser retiradas dos destroços pelos bombeiros. Posteriormente faleceram mais duas retiradas ainda com sinais de vida.

O automóvel com matrícula estrangeira, conduzido pelo jovem emigrante Diamantino Ferreira Soares, que seguia com sua mulher, Maria de Fátima Ferreira Pereira, ficou inteiramente destruído, tendo os dois ocupantes falecido imediatamente. Na outra viatura se-

guiam Aparício Ferreira Xavier, sua mulher, Maria Flavina dos Santos, dois filhos do casal, Luís Alberto e Fernando Xavier, o primeiro dos quais conduzia o carro, e ainda Emília Faria da Silva, namorada do condutor. Aparício Xavier e sua mulher morreram imediatamente. Emília Faria da Silva, transportada para Coimbra em perigo de vida, faleceu esta madrugada. Os dois sobreviventes, Luís Alberto e Fernando Xavier, estão internados em Leiria.

Lopes Cardoso na TV

O ministro da Agricultura e Pescas, eng. Lopes Cardoso, é logo à noite entrevistado na TV por Joaquim Letria. Trata-se de mais uma emissão da rubrica «Terça-feira à noite». A entrevista versará naturalmente o tema da Reforma Agrária e das desocupações.



Em visita não oficial chegou esta manhã a Lisboa uma força naval britânica sob o comando do contra-almirante James F. Eberle. Esta força, que é constituída por treze navios, entre os quais o porta-aviões «Ark Royal» (na foto), permanecerá no porto de Lisboa até ao próximo dia 1, largando depois para participar no programa de manobras da N. A. T. O., que se realizam a partir dessa data sob o tema «Display Determination». A guarnição total desta força naval é constituída por 5426 oficiais, sargentos e praças. Nos dias 29 e 30 os navios estarão patentes ao público, das 14 às 18 horas e 30

Sindicatos dos Professores
contra Decreto-Lei n.º 672/76

Os executivos dos Sindicatos dos Professores decidiram em reunião a nível nacional, exigir a revogação do Decreto-Lei n.º 672/76. «Como atentatório dos interesses dos professores e do ensino em geral», e que «a data de início do novo ano lectivo seja rigorosamente respeitada pelo MEIC, única maneira de não prejudicar a população escolar».

Estas decisões estão contidas num comunicado sobre a reunião Nacional de Executivos daqueles sindicatos, que foi dado a conhecer aos jornalistas no decorrer de uma conferência de imprensa realizada ontem no Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, na qual estiveram também presentes representantes dos Sindicatos dos Professores de Beja, Algarve e Leiria.

Nesse comunicado considera-se ainda que «o recente Decreto-Lei 672/76 (de 25 de Agosto) vem contrariar tudo aquilo que os professores haviam conseguido, no tocante ao direito ao trabalho na docência — com prioridade sobre os candidatos», e exige-se que «se tomem desde já medidas para uma efectiva e rápida

regulamentação o estatuto da carreira docente e do estatuto do professor, tendo em conta o caminho aberto pela resolução do problema dos professores sem habilitação própria e a necessidade de integração das várias fases de formação profissional».

«A garantia de emprego na docência para todos os professores em exercício» — salienta igualmente o comunicado — «foi uma conquista alcançada depois do 25 de Abril, reconhecida nomeadamente no Decreto-Lei n.º 713-B/75, de 19/12/75, e reafirmada pela resposta do MEIC ao caderno reivindicativo imediato apresentado pelas direcções e executivos dos Sindicatos dos Professores».

Um dos sindicalistas presentes à conferência de imprensa afirmou que o Decreto-Lei n.º 672/76 foi elaborado sem consulta prévia, nas costas dos professores, que, porém, estão abertos ao diálogo com o MEIC para se encontrar uma solução para o problema das colocações e outros que afectam o ensino».

Acrescentaria que esses problemas «são uma pesada herança de 48 anos de fascismo,

sendo necessário, para resolvê-los, bom senso e diálogo».

Ainda a propósito do Decreto-Lei n.º 672/76, foi afirmado que «prejudica os direitos de cerca de 20 mil professores do Ensino Secundário, que ignoram o seu futuro», enquanto «cerca de 4 mil professores do Ensino Primário se encontram na situação de desempregados».

Além de lutarem para a solução do problema das colocações, que consideram «indissociável da profissionalização», os professores pugnam igualmente por «uma melhor qualidade do ensino», sendo estes os principais pontos a discutir num encontro nacional, de professores, alunos, representações de pais, partidos políticos, pessoas integradas

nos problemas do ensino, nomeadamente pedagogos e psicólogos, e para o qual serão convidados representantes do Ministério da Educação e Investigação Científica.

Pretende-se que o Encontro se realize entre os princípios e meados de Novembro — foi dito por um dos sindicalistas, acrescentando que se realizarão entretanto sessões de esclarecimento em diversos pontos do País, designadamente um plenário a levar a efeito no próximo dia 30, às 21 horas, pelo Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, e que terá lugar na Aula Magna da Reitoria. Nele será delineado o esquema de actuação a seguir no encontro, depois de coordenado a nível nacional, acentuando um elemento do Sindicato.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA FUNÇÃO PÚBLICA
ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

SESSÃO DE ESCLARECIMENTO SOBRE
O CONGRESSO DOS SINDICATOS

Em obediência ao deliberado pela Assembleia Regional de Delegações, de 16 de Setembro corrente, convocam-se todos os trabalhadores da Função Pública em geral — e em particular os Delegados Sindicais — para uma SESSÃO DE ESCLARECIMENTO SOBRE O CONGRESSO DOS SINDICATOS, a realizar no próximo dia 30, pelas 21 horas, no salão da VOZ DO OPERÁRIO (Rua Voz do Operário n.º 13), na qual participarão as Direcções Sindicais subscritoras de projectos de Regulamento.

Lisboa, 22 de Setembro de 1976

A MESA DA ASSEMBLEIA REGIONAL DE DELEGAÇÕES

Delegação do C.P.P.C.

regressa da União Soviética

No decurso de uma visita do Conselho Português para a Paz à Cooperação à URSS, a convite do Comité Soviético para a Segurança Europeia e Cooperação, foi salientada a existência de uma grande simpatia da parte soviética pelas transformações democráticas em Portugal — «e o sincero desejo de que o povo português obtenha grandes êxitos no estabelecimento de uma nova vida e na luta pelo fortalecimento das conquistas da revolução e das reformas sociais e económicas».

A delegação, que esteve na União Soviética de 15 a 22 de Setembro, era composta por Carlos Candal, Rui Grácio, major Moniz Barreto, Lurdes Pessoa e padre Sousa Fernandes.

Foram discutidos os problemas do desenvolvimento da actividade do movimento pela Segurança e Cooperação europeias, bem como os meios de reforçar as relações bilaterais e as acções conjuntas do mencionado Comité Soviético e o Conselho Português para a Paz e Cooperação.

PUB.

SINDICATO

DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETUBAL

NA LISNAVE A REACÇÃO PASSOU DA AGRESSÃO VERBAL À AGRESSÃO FÍSICA

1 — A questão de um leque salarial é sempre sensível às massas trabalhadoras e ao capital, pelo que significa. Para aqueles que dizem: Diminuição das desigualdades salariais que muitas das vezes não correspondem a proporcional desigualdade de habilitações profissionais de produtividade ou de desgaste físico.

Ao contrário, para o capital, a redução de um leque salarial significa deixar de poder contar, como seus filhos directos uma grande parte dos sectores que usufruindo da mais-valia produzida pelo operariado e «gentilmente cedida» pelo capital, se prestam com frequência ao trabalho de policiamento dos trabalhadores. A este trabalho e não só...

2 — O anteriormente exposto delimita sobejamente os campos presentes numa negociação para a redução do leque salarial. É uma verdade imbatível num sistema económico baseado na exploração do homem pelo homem — o capitalismo.

Porém, nas condições como as existentes no Portugal pós-25 de Abril, as reduções de um leque salarial são complexas e por vezes morosas.

Que condições?

A existência de uma grande parte das indústrias nacionalizadas e as formas políticas consignadas na Constituição (tais como o respeitante ao controlo operário) que apontam para a construção de uma sociedade socialista, criam estas condições específicas (apesar de todos os esforços tendentes a tentar a recuperação capitalista das empresas nacionalizadas). Quer dizer que: os trabalhadores ao negociarem não podem esquecer que se encontram a negociar com uma empresa nacionalizada, para o qual se exige uma outra estratégia e tática a fim de obter as suas legítimas reivindicações. Mais complexa ainda a situação quando se trata de duas empresas uma nacionalizada outra não, como é o caso Lisnave-Setenave.

Com efeito — numa negociação para a redução do leque salarial — a sobrevivência económica da empresa deve ser fria e objectivamente analisada e ponderada, caso contrário, correriam os trabalhadores o risco de ganhar 5 aqui para perder 10 acolá.

O bom senso e não mais atestam do que foi dito.

3 — Apesar de todas as dificuldades, o leque salarial Lisnave-Setenave, foi negociado por representantes dos trabalhadores (CGT e sindicatos) salvaguardando ao máximo os interesses dos trabalhadores e a vida económica das empresas.

4 — É evidente que até se chegarem a conclusões positivas, o capital (ou melhor o que resta dele na estrutura administrativa das empresas nacionalizadas), utiliza os mais diversos meios de torpedear as negociações. Utiliza-os nas negociações e fora delas. Deitando mão de indivíduos «campeões de liderança da classe operária», o capital intriga, divide, e, por último, vendo baldados os seus esforços, agride. Foi o caso.

O PLENÁRIO DA LISNAVE DE 22 DO CORRENTE

5 — A Comissão Negociadora do leque salarial convocou uma AGT para o passado dia 22 às 16,30 horas, a fim de pôr à discussão e aprovação da classe o resultado das negociações sobre a redução do leque salarial.

6 — A mesa que presidiu a esta AGT foi composta por membros da Comissão Geral de Trabalhadores, Dirigentes e Delegados Sindicais.

7 — Uma vez discutida e esclarecida a classe sobre o resultado das negociações passou-se à votação tendo esta tido os seguintes resultados:

A FAVOR do resultado das negociações cerca de 2900 trabalhadores!

CONTRA o resultado das negociações cerca de 100 trabalhadores.

Uma vez realizada a votação um grupo de dezenas de indivíduos, dirige-se a mesa e agride alguns dos membros da mesma entre os quais o camarada Higinio Costa e dois outros membros da CGT.

Higinio Costa vítima do ataque teve de recolher ao hospital sem sentidos e com inúmeras equimoses, os dois camaradas da comissão geral de trabalhadores tiveram que receber tratamento na enfermaria da Lisnave.

8 — QUEM SÃO OS AGREDIDOS?

São homens que têm dedicado o melhor do seu esforço ao serviço dos trabalhadores, a batalhar em incessantemente pelos interesses da classe e pela Unidade.

QUEM SÃO OS AGRESSORES?

Arruaceiros vulgares que, ao serviço da divisão, são, objectivamente, agentes da reacção, do capital e do imperialismo.

A prática destes «Revolucionários» baseia-se na calúnia e na agressão verbal, para num ápice, passarem à agressão física. Em nada ficam a dever, estes senhores, aos caceteiros de Rio Maior.

Será que os seus patrões são os mesmos?

Que tenham a coragem de responder à classe!

A IDENTIDADE DOS REACCIÓNÁRIOS

9 — Até conclusão do inquérito em curso e para apuramento total e completo das responsabilidades foram para já, identificados os seguintes agressores:

HUMBERTO DA SILVA PRAIA

SAI VADOR LIZ OLIVEIRA

ambos sócios deste Sindicato e Delegados Sindicais.

10 — Ao abrigo do Art.º 21.º alínea c) dos Estatutos, a Direcção do Sindicato dos Metalúrgicos do Distrito de Setúbal decidiu:

— a sua suspensão de sócios e de Delegados Sindicais

11 — A situação dos acima citados será apresentada, uma vez concluído o inquérito, numa próxima Assembleia Geral do Sindicato.

Nesta Assembleia Geral os caceteiros Praia e Oliveira terão oportunidade — se coragem tiverem para tal — para se justificarem perante a classe.

Abaixo a reacção!

A REACÇÃO NÃO PASSOU E NÃO PASSARÁ NA LISNAVE!

Unidos e Organizados Venceremos!

Barreiro, em 27 de Setembro de 1976

Pela Direcção

Trabalho

Sócio dos Bancários do Sul verbera Vítor Gonçalves

O debate televisivo sobre o Congresso dos Sindicatos realizado no passado dia 14 permitiu, aos trabalhadores que o acompanharam até ao fim, tirar conclusões ou reforçar as suas próprias ideias. Recorde-se que nele estiveram presentes, além do moderador (Joaquim Letria), Ruben Rolo (Marinha Mercante), José Ernesto Cartaxo (Metalúrgicos), José Luís Gaspar (Escritórios de Lisboa) e Vítor Gonçalves (Bancários do Sul e Ilhas). É precisamente este último visado pela carta de um nosso leitor, cuja cópia transcrevemos:

«Entre os intervenientes encontra-se o presidente do meu sindicato — dos Bancários do Sul e Ilhas. Começo a recordar o que tem sido o mesmo sindicato e, qual a actuação do actual presidente.

Recordo-o, antes do 25 de Abril, esfregando as mãos quando a direcção dessa época reivindicava mais dinheiro e, o actual presidente, como todos os bancários, se iam tornando uns privilegiados deste País.

Recordo-o depois do 25 de Abril quando apareceu à luz do dia nas lutas sindicais, «empurrando» os elementos do MRPP, quando chamavam «sociais fascistas» àqueles que lhe tinham arranjado um choro do vencimento e umas condições sociais que poucas classes profissionais tinham.

Recordo esse mesmo senhor, rodeado da sua camarilha, juntar-se ao MRPP para tomar a direcção do nosso sindicato.

Recordo-o depois, quando na célebre Assembleia Geral da FIL, se uniu aos «sociais fascistas» para «correr» com

os do MRPP da Direcção. Que pena não ter ido ele também.

Vejo-o agora tal qual o partido político da sua preferência, bajular a social democracia europeia e o imperialismo, representados pelos «grandes amigos» de Portugal Willy Brandt e Kissinger. (...)

Tenha vergonha senhor Vítor Gonçalves. Contacte com os trabalhadores. Não seja cúmplice do capital e laço dos divisionismos. Ajude a fazer da banca aquilo que ela deve ser. Ajude a que ela se ponha ao serviço do trabalho e não do capital como ainda se encontra. Lembre-se daqueles, que são os trabalhadores

produtivos deste país e que ainda em muitos casos trabalham de sol a sol e até mais, nas mais difíceis circunstâncias.

Tem conhecimento de todas as denúncias que têm sido feitas sobre o boicote que a banca tem feito aos trabalhadores.

Que tem feito a sua direcção? Pactuado com o capital.

Vá trabalhar, senhor Vítor Gonçalves. Não queira fazer do cargo que ocupa um trampolim para arranjar algum «tacho».

Subscreve esta carta, dirigida ao visado, Manuel Ferreira Chora, sócio n.º 26.607 do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas.

EM S. PEDRO DE MUEL

Encontro de socialistas da Função Pública

Cerca de 300 militantes do Partido Socialista participam no Segundo Encontro Nacional dos Trabalhadores Socialistas da Função Pública, a realizar nos próximos dias 1, 2 e 3, em São Pedro de Muel.

Os participantes trabalharão divididos por nove grupos de trabalho e as comunicações serão apresentadas individualmente ou por grupos subscritores, entre os quais se podem já apontar os núcleos P. S. do Laboratório Nacional de Engenharia Civil do Instituto Superior Técnico, do M. E. I. C. do Ministério da Comunicação Social, da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos,

Coordenadoras Distritais dos Trabalhadores Socialistas da FP de Coimbra e do Porto, deputados Carlos Santos Ferreira, Teresa Ambrósio e Etelvina Lopes de Almeida, e Fernando Lopes Cardoso, da Comissão Nacional do P. S.

Para a sessão de encerramento serão convidados o Secretariado Nacional, a Comissão Nacional, Grupo Parlamentar, membros P. S. do Governo e todas as coordenadoras de trabalho do Partido Socialista.

Caseiros exigem termo da actual lei da colonia

FUNCHAL, 28 — Com a participação de caseiros de toda a ilha, efectuou-se aqui um plenário da União dos Caseiros da Madeira, a que assistiram representantes do PS, PPD e UDP, mas não do CDS, apesar de esse partido também ter sido convidado.

No final da sessão foi recomendado aos caseiros que não entreguem o produto das terras aos senhorios enquanto não for revogada a lei da colonia.

ÚTIMAS REPRESENTAÇÕES

A peça de DAVID HARE

traduzida por Jorge de São Mado

FANSHEN



HELENA FÉLIX • DINIZ CASTELO • MANUELA CASSOLA
SÓCIO PEREIRA • SEZAR PRAIA • VÍTOR MUEL
FERNANDA MONTENHO • CARLOS DUARTE • FERNANDA CORREIA
JOSÉ BRÁS • CARMEN LOPES • AUGUSTO LEAL
LUCIA MARIA MARTINS

no TEATRO VASCO SANTANA

PUB

GUARDA NACIONAL REPUBLICANA

COMANDO - GERAL

(ANÚNCIO)

1 — Está aberto Concurso para alistamento de bracos das Forças Armadas na situação de disponibilidade até à idade de 28 anos, na GUARDA NACIONAL REPUBLICANA, cuja Escola de Alistados terá início no dia 3 de Janeiro de 1977.

2 — As normas da documentação necessárias para o Concurso, estão patentes no Gabinete de Relações Exteriores e 1.ª Repartição do Comando-Geral da GNR — Quartel do 'Armo' — Lisboa, nos Quartéis-Generais das Regiões Militares e Comandos Territoriais e ainda nas sedes das Unidades, Seções e Postos da Corporação em todo o País.

3 — Os documentos poderão ser entregues a partir desta data até ao dia 30 de Outubro do corrente ano em qualquer Quartel da Guarda Nacional Republicana, ou enviado à 1.ª Repartição do Comando-Geral da GNR — Largo do Carmo, Lisboa-2, telefone 36 86 51.

4 — Qualquer Posto ou Quartel da GNR, em todo o País, está em condições de poder prestar todos os esclarecimentos necessários quanto às condições e regalias de prestação de serviço na G. N. R.

O CHEFE DO ESTADO-MAIOR INT.

António Correia de Araújo

(Major de Cav.)

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA - Dep. Confeccções

Av. João XXI, 5-D — R. Infanteria 16, 55-C — Lisboa

Trabalho

CONFECÇÕES HERTE

Operárias comemoram um ano de autogestão

Por JOSE GOMES BANDEIRA

«Se nós perdemos esta luta, que nos melhorou sob todos os aspectos, muito mal vão as coisas neste País. Nós fizemos o que os patrões não são capazes de fazer, que foi acabar com o medo no local de trabalho» — disseram-nos as trabalhadoras da fábrica de confecções «Herte», do Porto, que ontem, depois do horário normal de trabalho fizeram uma festa para comemorar o primeiro ano de autogestão.

Em 26 de Setembro do ano passado a patroa apareceu na empresa pela última vez. No dia seguinte já ninguém foi capaz de dar conta dela. Soube-se depois que estava em Espanha. Deixava atrás de si o que as trabalhadoras nos disseram ser «um ambiente de desconfiança e intolerância, com ameaças constantes de despedimento e insultos».

Para as 60 e tal trabalhadoras da «Herte» o ano que agora se completa traduz uma significativa vitória, não só porque foram capazes de aguentar uma firma onde é preciso pagar mensalmente 300 contos de salários, sem ter que recorrer a subsídios, como porque conseguiram ainda criar cinco novos postos de trabalho numa unidade de pequena dimensão, estando previstos mais dois pa-

ra breve. Por outro lado, transformaram radicalmente o ambiente e as relações de convivência: «acabou o clima de perseguição que descontrolava as pessoas e fazia disto um péssimo lugar», disseram-nos ainda.

A festa de ontem incluiu uma merenda, preparada e paga por todas, e um convívio com algumas actividades recreativo-culturais. Participaram também os dois únicos homens que ali trabalham: «o sr. Tavares da Singer» que consegue manter as máquinas em condições de coser (uma tem mais de cem anos), e o contabilista. A comissão de trabalhadores é constituída por seis operárias, três das quais formam a comissão de gestão.

O PASSADO

A empresa foi abandonada pela antiga patroa em condições difíceis para quem teve de assegurar os postos de trabalho e a subsistência de muitas famílias. No plano legal, o passado era constituído por toda uma série de irregularidades: fraudes fiscais, falsas declarações à banca para arranjar subsídios que nunca tinham o destino invocado (pagar salários ou matéria-prima), cheques sem cobertura, salários por pagar, etc. Quando as trabalhadoras conseguiram impor uma peritagem oficial, ainda no tempo da patroa, confirmaram-se os factos apontados e também o desvio de fundos com gestão lesiva dos interesses da firma e dos próprios trabalhadores. A Previdência estava lesada em 800 contos. A antiga patroa ficou a dever ainda 600 contos de retroactivos e 532 à banca. O pessoal de escritório, por vezes, não ia além do período de experiência: «eram mandados embora para não ver o que ia pela escrita...».

Rodoviários recusam horário intermitente

Os trabalhadores rodoviários do distrito de Lisboa, em assembleia geral do seu sindicato, repudiaram formalmente a possibilidade de institucionalização do horário de trabalho intermitente, proposto pela Rodoviária Nacional, por considerarem que ele representa «um retrocesso», constituindo «um regime extremamente desigual em relação ao que vigora para os outros trabalhadores do nosso país».

Na moção então aprovada, que foi enviada ao Primeiro-Ministro e ao ministro do Trabalho, considera-se que o actual horário semanal de 45 horas é «uma conquista das classes trabalhadoras, pela qual travaram duras lutas mesmo durante o fascismo». No caso dos rodoviários, trata-se de um direito adquirido, que consta do contrato colectivo em vigor.

Os trabalhadores julgam saber que a tentativa de pôr em prática o sistema de horário intermitente consta dos planos do Ministério do Trabalho, o qual enviou aos sindicatos um projecto de diploma sobre a matéria, que foi unanimemente repudiado.

Esse tipo de horário, que já existiu durante o fascismo, «visa obrigar os trabalhadores a estarem treze horas por dia à disposição das empresas, recebendo apenas o correspondente a nove horas de trabalho». Ora, os rodoviários não estão dispostos a que a resolução dos problemas das empresas de transportes, que derivam na sua maior parte do patronato, seja feita exclusivamente à sua custa.

E O PRESENTE

Em 2 de Outubro do ano passado o M.T. reconheceu o pro-

cesso de autogestão iniciado. Entretanto profundas alterações foram introduzidas pelas trabalhadoras. Os salários foram aumentados: «não era o que o contrato previa mas era o mais que a nossa situação permitia». E a comissão de trabalhadores acrescentou: «no próximo mês já vamos poder aumentar de novo entre 500 e mil escudos a cada uma e cumprimos o contrato. Agora sabemos bem como antes se gastava o dinheiro, da firma e como se sabotava a vida da empresa. Hoje temos crédito, pagamos sempre tudo, ninguém é despedido, metemos novas operárias e até há linha em «stock», como nunca havia sucedido. O ambiente agora é completamente novo, há espírito de colaboração, relações francas e a liberdade que nunca tivemos nesta casa. E produzimos; senão, como pagávamos os nossos salários?».

É claro que tudo isto acarretou muito esforço para as trabalhadoras da «Herte». Referiram-nos os serões e as horas além do horário, para poder cumprir as datas das encomendas. Mas a situação da empresa não deixava outra alternativa e hoje, graças ao sacrifício e à responsabilidade assumida, as trabalhadoras produzem e pagam o salário a si próprias.

A «Herte» fábrica calças, blusões, vestidos, camisas. E também exporta uma boa parte do que produz. Tem necessidade de alguma maquinaria nova mas o estatuto da autogestão não o permite. Mas já «permite» que a patroa tenha contestado (agora) a obra das operárias que salvaram a empresa que ela abandonou. A patroa também esteve há dias na delegação do M.T. — queria que fosse retirada a credencial que a comissão de trabalhadores possui e que utilizou para continuar a produzir uma parte do que este País necessita, e ao qual voltou as costas.

NÃO À EXPATROA

Faz hoje oito dias a comissão de trabalhadores da «Herte» não quis ir à delegação do M.T., de acordo com as convocações que têm sido enviadas às empresas em autogestão e cooperativas, sem ter uma posição definida. E contou-nos: «já tinha passado um ano, as pessoas aqui podiam ter mudado de opinião, podiam ter saudades... A nossa posição do M.T. só era válida com a confiança das trabalhadoras. Por isso foi feita uma votação, por escrutínio secreto, sim ou não à patroa. O resultado foi «não» por unanimidade. Isso mesmo dissemos no Ministério, e que o delegado viesse cá ver. Que não, que confiava em nós...».

Um elemento da comissão de trabalhadores concluiu: «este «não» para nós, trabalhadoras, tem um grande significado. As pessoas aqui dentro têm as suas opções e as suas simpatias partidárias, mas na defesa dos interesses de todos e do nosso trabalho temos uma só opinião».



Uma oficina em plena laboração

AJUDANTES DE FARMÁCIA

Greve possível a partir do dia 1

Os ajudantes de farmácia poderão entrar em greve no próximo dia 1, caso até essa data não sejam conhecidos os resultados da arbitragem do Contrato Colectivo de Trabalho, ou se confirmem os receios já manifestados de que «o patronato a pretexto de uma crise do sector, que não existe, procure obter compensações na parte do clausulado por negociar».

Os receios quanto a esta compensação ficam a dever-se ao facto de ter sido remetido à arbitragem uma parte do clausulado que também não mereceu acordo durante as negociações do CCT, entre o pa-

tronato e os representantes dos trabalhadores. Entre as cláusulas, encontram-se as referentes ao subsídio de reforma, de invalidez, actividade sindical na empresa e despedimentos sem justa causa.

A possibilidade de se tentar encontrar uma «saída» deste tipo para o problema, fica a dever-se ao facto dos pontos mais relacionados com a tabela salarial terem suporte legal e constitucional inegáveis.

No entanto, a decisão de entrar, ou não, em greve, já no dia 1, deverá ser tomada em reunião de delegados sindicais (aberta a todos os trabalhadores) que deverá efectuar-se na

sede do Sindicato dos Ajudantes de Farmácia, no próximo dia 30. No caso de se confirmar a ordem de greve para o primeiro dia do próximo mês, a paralisação deverá ser reforçada com uma manifestação junto ao Ministério do Trabalho.

Uma anterior ordem de greve, que deveria ter sido iniciada no dia 18 de Agosto, foi anulada em virtude de se ter chegado a acordo sobre a arbitragem, acordo esse que obrigava a obtenção de resultados até ao dia 31 desse mês. Tal não aconteceu, tendo sido acordado novo prazo: até ao dia 30 do mês corrente.

Walter Rosa indemniza ex-administrador da Petrogal

A Comissão Central de Trabalhadores da Empresa Pública de Petróleos «Petrogal» responsabilizou o Ministério da Indústria e Tecnologia pelas consequências do eventual pagamento de cerca de 650 contos ao dr. Manuel de Castro, saneado pelos trabalhadores quando membro da Comissão Administrativa da ex-Petrosul, sob a acusação de ter praticado abusos de confiança e desvios de capitais para o estrangeiro, contrários ao estipulado na lei.

Em consequência de um inquérito provocado pela Comissão Central de Trabalhadores, o eng.º Walter Rosa exarou um despacho em que determina que a empresa «pague imediatamente ao dr. Manuel Costa de Castro, a título de compensação pela cessação da relação de trabalho, quantia igual à que lhe seria devida em caso de despedimento sem justa causa nem aviso prévio».

Da quantia em questão, determina ainda o despacho, deve a empresa reter 335.454\$10 «até que se faça o apuramento definitivo do saldo devedor do dr. Manuel Costa de Castro relativo às suas deslocações ao estrangeiro». No entanto, sobre essas despesas, o ministro adianta que «da análise do processo não se colhe, com segurança, que o dr. Manuel Costa de Castro, nas quantias que despendeu no estrangeiro haja excedido o máximo legal permitido pela legislação em vigor, motivo porque não deve o caso ser levado ao foro judicial».

Refira-se que entre as despesas feitas pelo dr. Manuel de Castro no estrangeiro, por

conta da empresa (já nacionalizada), conta-se cerca de 6.000 escudos em cabeleireiro e 1.017 francos na aquisição de vitrinas.

Numa exposição que enviou ao Presidente da República, Primeiro-Ministro, ministros da Indústria e Tecnologia, do Trabalho das Finanças, à Assembleia da República e ao Conselho da Gerência, a Comissão Central de Trabalhadores da Petrogal reafirma que Manuel de Castro nada tem a receber e que a Petrogal deve ser reembolsada não só do que ele gastou em proveito próprio co-

mo de tudo o que excede o montante das ajudas de custo fixado por decreto-lei «ressalvadas as despesas em relação às quais seja produzida prova inequívoca de que as mesmas foram realizadas no exclusivo interesse da empresa».

A comissão termina a sua exposição, afirmando: «De acordo com a Constituição da República e com o compromisso que temos para com a colectividade, custe o que custar, tudo faremos para que estas situações sejam identificadas e resolvidas correctamente».

Jovens trabalhadores organizam encontro regional

A participação activa e organizada da juventude trabalhadora no próximo Congresso dos Sindicatos é um dos principais objectivos do Encontro Regional da Juventude Trabalhadora dos Distritos de Lisboa e Setúbal, que se vai realizar em finais de Novembro, organizado pelas comissões de jovens dos sindicatos.

O encontro será objecto de reuniões preparatórias para discussão sobre os temas a analisar, de acordo com um calendário já aprovado. Assim, deverá ser entregue até à próxima quinta-feira o projecto de regulamento, a elaborar pelo secretariado do encontro. As comissões e departamentos da juventude dos sindicatos veicularão a análise e a apresentação das alterações a esse projecto, que será aprovado em plenário a realizar no dia 3 de próximo mês.

As reuniões, plenárias e assembleias para discussão do encontro e eleição de delegados iniciam-se no dia 11 do próximo mês. O encontro deverá realizar-se no dia 28 de Novembro.

Na ordem de considerações que levaram a esta iniciativa ressalta que, apesar das conquistas que a Revolução trouxe aos jovens trabalhadores, «ainda subsistem muitas injustiças e problemas», designadamente o desemprego, a exploração da mão-de-obra infantil, a discriminação por motivo de idade ou sexo, a situação do ensino, da cultura, do desporto, etc..

Acresce que «os contratos colectivos pouco ou nada falam da juventude, tornando-se necessário que participemos na discussão das contratações colectivas, reivindicando que nelas figure a defesa dos nossos interesses específicos».

Nacional

Graças aos baixos salários e à exploração do público consumidor, a administração da CIDLA (antes da nacionalização) despendeu somas enormes em «brindes» e «donativos»; na aquisição de viaturas para a administração e outros funcionários superiores (todas de boa marca); em fornecimentos gratuitos de gás e gasolina à administração, Conselho Fiscal e putros; em publicidade, almoços e jantares; na utilização abusiva de transportes e mão-de-obra gratuita.

As irregularidades da administração, Conselho Fiscal e alguns funcionários, revestiram aspectos ilícitos penais, civis, disciplinares ou de má gestão, incluindo a violação da Lei 2105, e os prejuízos para a CIDLA resultantes destas irregularidades atingem largos milhares de contos. Estas seriam algumas das conclusões a que chegou a Comissão de Inquérito à CIDLA (empresa que fazia parte do grupo SACOR).

Este inquérito permitiu comprovar os apoios, inclusivamente financeiros, que a CIDLA, a exemplo de outras empresas dos grupos monopolistas portugueses davam às organizações fascistas. A administração da CIDLA (onde pontificaram homens como Francisco do Casal-Ribeiro, Francisco Castilho e Alvim, Henrique Martins de Carvalho, Manuel Vieira Pinto, prof. Mosés Amzalak e Ricardo Salgado,

«ao período inicial do terrorismo em Angola»).

Não foi possível detectar, ou sobretudo comprovar documentalmente ou através de prova testemunhal, ligações directas entre a administração da CIDLA e a ex-P.I.D.E./D.G.S.; mas não se pode excluir a hipótese de ter havido pagamentos à P.I.D.E. processados indirectamente através de administradores, «sociedades fantásticas» ou funcionários.

tos à CIDLA); no monopolismo de fornecimentos por parte das firmas «Fundição de Oeiras»; «Alumina», «Casa Hipólito», «Consórcio Português Intercontinental» (cujo co-proprietário, dr. Frederico Batalha Reis, era funcionário superior da CIDLA e sobrinho de Francisco Casal-Ribeiro) e outras para as quais a CIDLA chegava a fazer adiantamentos financeiros por conta das respectivas encomendas; nas relações comerciais com as suas subsidiárias, algumas das quais parasitárias; nos empréstimos concedidos pela Caixa Geral de Depósitos que eram sempre avalizados pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (accionista da empresa) que cobrava 3 por cento por esse aval e beneficiava em seguida do respectivo depósito; e em outros factos menos significativos.

A administração da CIDLA concedeu ainda um subsídio de 2500 contos à Fundação Salazar, parte de um donativo de 10 mil contos a repartir entre a CIDLA, a SACOR e suas associadas, a importância paga pela CIDLA teria sido efectuada em duas prestações: uma em Dezembro de 1969, outra em Agosto de 1971. Mas parece que não se encontram actas da CIDLA qualquer menção deste donativo, embora segundo a Direcção Financeira da empresa aquele tenha sido tratado verbalmente através de um nome conhecido, Freitas do Amaral (eng. Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral), fora das reuniões normais, não tendo havido o cuidado de o transcrever em acta. Procure-se porquê.

ATÉ VINHO!

As ofertas de vinho, na época do Natal, ascendiam a muitas centenas de contos. Entre os beneficiados destas «ofertas de vinho», (whisky, Drambuie, champagne, conhaque, vodka, Porto e Madeira), figuravam, em 1973, os directores-gerais de segurança e dos serviços industriais, o comandante da brigada de trânsito da G.N.R., os directores dos serviços de urbanização, circunscrições industriais e de finanças, e até oficiais do Exército e elementos da P.S.P., magistrados judiciais, do Ministério Público e administrativos, funcionários de justiça, dos cartórios notariais e de vários serviços de fiscalização — todos beneficiando de uma desmesurada generosidade da administração da CIDLA. Muitos dos beneficiários não tinham qualquer ligação com a actividade da empresa, o que faz supor, nomeadamente, que várias ofertas meramente de natureza particular eram custeadas pelos cofres da empresa. Esta generosidade contrastava flagrantemente com os baixos salários recebidos pela grande maioria dos trabalhadores da CIDLA.

Entretanto, a CIDLA abonava ainda ajudas de custo às esposas dos administradores, que os acompanhavam nas suas frequentes deslocações!

Os almoços e jantares oferecidos pela administração pesavam igualmente no orçamento da empresa. Registamos, entre

outros «almoços e jantares», os oferecidos aos senhores Elmano Alves (que entretanto foi para o Brasil), eng. Duarte Freitas do Amaral, dr. Lopo Cancela de Abreu, dr. Vasco Vieira de Almeida e Vasco d'Eça, eng. Correia Pereira, Miguel Quina.

«FANTASMAS»

O inquérito à CIDLA teria ainda permitido detectar a existência de empresas «fan-

mas a sociedade de que o dr. Martins de Carvalho e esposa são proprietários recebeu da CIDLA entre 1966 e 1974, por aqueles pretensos estudos, 2.610.350\$00. O dr. Martins de Carvalho fez parte dos corpos sociais da CIDLA, e ter-se-ia entretanto ausentado do País. Imagine-se proquê.

Uma outra situação bastante esclarecedora do tipo de relações e interesses da Administração da CIDLA é a que diz respeito a uma sociedade

pequeno império de mediação de transportes.

Quer dizer: o «grupo Fernandes» não é um conjunto empresarial de industriais de transportes de mercadorias, mas antes uma agência de transportes de mercadorias e administração de camiões alheios, sendo esta precisamente a sua classificação para efeitos fiscais. Funciona portanto como intermediário entre a CIDLA e os camionistas que contrata (e que explora) para procederem

VINTE E UM PROCESSOS ENVIADOS À JUIZ

tismas», pelas quais algumas pessoas da confiança da administração recebiam milhares de contos sem qualquer contrapartida. Este seria o caso de uma sociedade denominada «Sociedade de Empreendimentos Agrícolas e Industriais — Quinta do Sequeiro Longo, Ld.», cuja sede se situava, e situa ainda, na residência dos sócios dr. Martins de Carvalho e esposa, D. Maria do Carmo Oneto de Almeida Lima Mar-

de transportes («Transportes Manuel F. Fernandes Ld.», que há largos anos presta os seus serviços à SACOR e à CIDLA, actuando no domínio dos transportes de combustíveis, líquidos e gasosos. O capital social desta empresa é de apenas 5.000\$00, e dela são proprietário o eng.º Manuel Fernandes e Fernandes (posição maioritária) Adolfo João Vasques Fernandes e Maria Dolores Fernandes Fonseca.

à distribuição do gás por todo o País, em virtude dos serviços comerciais da CIDLA não possuírem uma estrutura própria apta a transportar directamente ou, no mínimo, contratar transportadores sem necessidade de recurso a angariador.

A firma «Transportes Manuel F. Fernandes», dispõe de um parque de viaturas extremamente reduzido, e destas nenhuma é viatura de aluguer.

Registe-se que entre as via-



Duarte Freitas do Amaral «só» recebeu, entre 1964 e 1974, da CIDLA e da SIOL, entre subsídios de férias e de Natal, percentagens estatutárias, despesas de representação, gás, telefone, a módica quantia de 5 201 184\$20. Especialidade: receber honorários por cargos que efectivamente não prestava. A Judiciária investiga

foi das que financiaram a realização, em 1973, do «Congresso dos Combatentes do Ultramar», a compra de «ambulâncias» para Angola, os «concursos hípicas a favor das vítimas de Angola», o «Movimento Nacional Feminino», o «Prestígio» do ditador Salazar e propaganda do regime fascista instituindo os «Prémios Professor Doutor Oliveira Salazar», a Legião Portuguesa, o «Movimento de Libertação de Goa, Damão e Diu», e a promoção junto do público do filme «Angola na Guerra e no Progresso» (realizado pelo Serviço de Informação Pública das F.A.).

A administração da CIDLA financiava ainda organizações como «Centro Português de Estudos Europeus» (7) e adquiria exemplares de livros coloniais para distribuir gratuitamente pelo pessoal (caso do «Braseiro da Morte», relativo

A única excepção que foi encontrada foi uma factura de 33 000\$00, emitida pela revista «Continuidade, órgão oficial da ex-P.I.D.E./D.G.S., referente à publicação de uma notícia sobre o jantar de homenagem ao administrador Francisco Casal-Ribeiro realizado em Maio de 1973. Esta mesma notícia foi publicada no «Diário de Notícias» e no «Século», havendo a administração da CIDLA pago àqueles jornais, respectivamente, 9915\$30 e 10 625\$40.

Segundo conseguimos apurar, do inquérito levado a cabo ressalta haver possíveis problemas de nítida má gestão na existência e proliferação de stands; nos contratos de aquisição de G.P.L., nomeadamente com a SACOR; a concessão de créditos aos agentes da empresa e seu recebimento (só o agente de Algués deve cerca de 3 dezenas de milhares de con-



Francisco do Casal-Ribeiro (ao centro na foto), um dos grandes petreões do fascismo, directamente repressivos. Entre copos e amigos, «foram-se» muitos milhares de contos dos trabalhadores. Tem na CIDLA. Não paga. Quer primeiro que a empresa pública lhe pague a «reforma», dourada, que conseguirá?

tins de Carvalho. Aparentemente esta sociedade não exercia qualquer actividade, servindo apenas para os sócios receberem, ilicitamente, remunerações em quantitativo superior ao permitido pela lei n.º 2.105. Embora na escrituração constem «estudos económicos» efectuados à CIDLA, não teria sido encontrado nenhum desses estudos ou trabalhos,

É de sublinhar que o eng.º Manuel Fernandes mantém ainda posição de domínio em, pelo menos, catorze sociedades, das quais mantém no seu activo apenas um veículo pesado de aluguer para mercadorias e quase todas estas sociedades têm a sua sede na residência particular do eng.º Fernandes. Este senhor detém um

turas que a Fernandes administra, onze foram adquiridas pela CIDLA, que as registou em seu próprio nome, entre 1964 e 1973, ao abrigo de um contrato-tipo pelo qual a carga da propriedade ficavam as despesas fiscais (impostos de circulação e de compensação) e a cargo da Fernandes os encargos relativos à manutenção e exploração. Destes onze

A CIDLA antes do 25 de Abril nos milhares de contos

veículos pesados seis são administrados pelos Transportes Fernandes, sendo os restantes cinco administrados pela sua associada Soparques, Ld., cujos gerentes são os sócios Adolfo João Vasques Fernandes e o eng.º Manuel Fernandes.

COMPADRIO, CLARO

Este «grupo Fernandes» arrecadou muitos milhares de contos de lucros, graças às re-

JUDICIÁRIA

ações de compadrio, de amizades e de interesses não esclarecidos entre o sócio maioritário Manuel Fernandes e o monopolista e fascista de nomeada Francisco do Casal-Ribeiro, um dos homens que mais defendeu a ditadura fascista que oprimiu o povo português.

No que diz respeito aos preços praticados pela Fernandes na distribuição directa a partir da estação de enchimen-

ra ocorrer às necessidades daquela época de ponta. Um trabalhador ali presente, Afonso Severino Coelho, referiu haver possibilidade de se contratar transportador que praticasse o preço de 20\$00 por garrafa, enquanto que a Fernandes pratica o preço de 28\$60 por garrafa, tudo isto no que se reporta à área directa de Lisboa e arredores.

Mais tarde o grupo de trabalho veio a ter conhecimento, por intermédio do dr. Contreiras Lopes, que os transportes Manuel F. Fernandes, Ld.ª declararam poderem contratar transportadores ao preço de 20\$00 por garrafa, estando neste momento operando dez viaturas a este preço, e as restantes a 28\$60 por garrafa.

Estamos assim perante uma estranha situação: a mesma firma, ao mesmo cliente, e pelo mesmo serviço que presta, debita dois preços diferentes!

Apurou-se ainda que, nomeadamente na estação de enchimento do Rosairinho, em virtude de não se harmonizarem correctamente as disponibilidades de viaturas com os programas de enchimento e expedição, geram-se algumas vezes atrasos ou imobilizações de camiões. Um trabalhador daquela estação declarou ao inquérito que «dentro das oito horas de trabalho diário normal não é possível carregar mais do que 33 ou 34 carros, mas que a «Fernandes» põe 36 ou mais carros ao serviço da expedição, debitando em seguida à CIDLA as imobilizações das viaturas, o que sucede com grande frequência; porém, quando ocorre falta de viaturas por causa imputável à Fernandes, tanto quanto sabe, a CIDLA não é creditada ou indemnizada por tal facto».

Também na unidade dos Olivais se registaram situações idênticas, estas merecedoras de medidas correctoras da Comissão Administrativa, que em 1975 emitiu instruções no sentido de as facturas referentes a imobilizações só poderem ser pagas mediante visto do sector de produção dos Olivais, que deverá confirmar que a imobilização é da total responsabilidade da CIDLA. Acresce que às mesmas instruções foi atribuída eficácia retroactiva desde Julho de 1974, devendo ser revisto todo o passado e lançados os Transportes Manuel F. Fernandes, Ld.ª os consequentes débitos.

Averiguou-se também que para a formação dos preços praticados pela Fernandes nunca os responsáveis directos das várias instalações da CIDLA, inclusive das filiais, foram ouvidas, ainda que verbalmente, conforme eles próprios ainda hoje afirmam. Todos esses pormenores, e até outros dos de maior escala, eram tratados somente entre a Gerência da Fernandes e a administração da CIDLA.

ATÉ AO FIM?

Pergunta-se: o inquérito será levado até às suas últimas consequências? As relações de «compadrio e amizade» serão analisadas a ponto de se poder determinar tudo o que está por trás de tudo isto? A CIDLA, hoje empresa pública,

será indemnizada? Os «transportes Fernandes» continuarão a beneficiar desta nada natural situação? A CIDLA não será capaz de organizar ela própria o transporte dos produtos que vende?

Entretanto, sabemos que foram remetidos à Polícia Judiciária vários processos respeitantes a uma série de pessoas.

Henrique H.V. Martins de Carvalho, Eng.º José Teixeira de Queiroz, eng.º José Manuel da Costa Morgado, Fernando da Conceição Rodrigues, Carlos Tavares Bastos, Américo de Sousa Henriques, Leonardo de Vasconcelos, Humberto do Carmo Durão, eng.º Carlos Manuel Ferreira dos Santos, Eduardo João Cardoso de

FREITAS DO AMARAL, o qual desde 1-1-63 a 31-5-74 percebeu da SIOL, empresa associada à CIDLA, a título de «consultor técnico», a quantia mensal líquida de 20.000\$00, sem que dos arquivos daquela constem quaisquer estudos, trabalhos ou pareceres, e sem que nenhum dos empregados

tencioso da empresa, uma comissão extrajudicial com vista à regularização daquele saldo em aberto, e que se revelou infrutífera. O procurador de Francisco Casal-Ribeiro, que se encontra ausente do país, e que é o seu filho João Manuel Casal-Ribeiro, pretende nada mais nada menos do que «a compensação, nos termos do



O transporte das garrafas de gás CIDLA servia a uma sociedade de um amigo do Casal-Ribeiro, para fazer fortuna à custa da empresa, dos trabalhadores e dos consumidores. Os Transportes Manuel F. Fernandes conhecem o segredo: ser transportadores sem viaturas, ou com viaturas pagas pela própria CIDLA. Quem beneficiou com esses milhares? Onde estão? Que destino têm tido?

São elas: Jacinto Viegas da Conceição Alferes; eng.º João Eduardo P. Maricoto Monteiro, Nuno Guilherme de Brito e Cunha, José Luis Correia Dias Costa, eng.º Raul A. Nascimento Piedade, Armando Alfredo Soares da Silva, Fernando Maria J.L. Araújo Bobone, Carlos dos Reis Arruda, José Lopes da Neta, Henrique de Moraes Vaz, dr.

Sousa, e Francisco do Casal-Ribeiro.

Foi igualmente remetido à Subdirectoria de Lisboa da Polícia Judiciária, a fim de que ulterior instrução permita esclarecer a existência ou inexistência de documentos relacionados com o ex-administrador da CIDLA, eng.º Duarte Pinto Carvalho

da SIOL o tivesse visto ou contactado na referida sede e administração.

Registe-se, para terminar, que Francisco do Casal-Ribeiro é devedor à CIDLA de cerca de 400 contos e que se recusa a pagar! Sabemos que em princípio do ano em curso se tentou, pela direcção do Con-

artigo 848.º do Código Civil, da importância que a CIDLA pretende receber com as somas de que seu pai é «credor», em virtude da pensão da reforma a que aquele descarado senhor pretende ter direito, nos termos legais e estatutários, e que se houve por bem não lhe pagar desde Dezembro de 1974.

responsável por organizações e ainda um débito em aberto que leva no estrangeiro. Será

dos Olivais, aconteceu que no período do Natal de 1975 o grupo de trabalho «Distribuição», designado pela R.S.T. dos Olivais, contactou os membros da Comissão Administrativa dr. Contreiras Lopes e sr. Almeida Bastos, os quais lhe afirmaram não estarem os transportes Manuel F. Fernandes, Ld.ª em condições de contratar o pessoal distribuidor necessário pa-

Restaurante 7 MARES PORTIMÃO

De 1.ª categoria

Aberto das 12.30 às 15
e das 19.30 às 24

COZINHA
PORTUGUESA

No Bar: pianista privativo

Encerrado às 2.ª feiras

ORGANIZAÇÕES
FERNANDO BARATA

Estrangeiro

NA ALEMANHA FEDERAL

Duas coligações lutam pela vitória

Dezoito partidos estão em actividade para a escolha do próximo chanceler, mas só quatro têm papel importante. A coligação dos cristãos-democratas e dos cristãos-sociais bávaros representa, há seis anos, a oposição. Conduzida por Kohl e Strauss conta reconquistar o poder. Do outro lado, socialistas e liberais defendem as suas posições.

Hamburgo. — «Não é uma verdadeira campanha, é uma crise de conservadorismo». Será excessiva esta reflexão desiludida de um jovem socialista de Hamburgo? Talvez não. Algumas centenas de quilómetros de meia dúzia de etapas eleitorais na Alemanha Federal bastam para nos convencer de uma evidência: é, de facto,

«uma direita» que os dois principais partidos resolveram deliberadamente apostar. Os slogans, os cartazes e os spots televisivos bem o mostram. A CDU e o SPD brandem ambos as cores nacionais, falando muito na pátria, e incitam a sentimentos idênticos.

Ao «Modeldeutschland» (Alemanha modelo) ambiguo do

SPD, responde o «Por amor da Alemanha» da CDU, exibindo um retrato retocado em que o candidato Helmut Kohl, plácido e massiço, parece mais um notário do Reno bem conservado, do que um cabo de guerra. Os meetings de alta voltagem e o romantismo da época de Willy Brandt, deram lugar, tanto num campo como noutro, a uma aparelhagem publicitária à americana.

Badges, autocolantes, gadgets e slogans maniqueístas, substituíram em grande parte os verdadeiros debates teóricos. Numa Alemanha inquieta e vagamente crispada à volta de um relançamento económico ainda frágil, a campanha parece, de certo modo, despoliticizada.

«A Alemanha Federal radicaliza-se, há cinco ou seis anos, nas análises razoáveis», suspira um membro do partido liberal de Hamburgo. «Hoje assiste-se a um regresso em força dos sentimentos elementares. Acho isso perigoso».

CHOQUES SEM SUBTILEZA

É certo que na televisão os ataques são rudes, mas raramente muito ricos de argumentos.

A acentuada personalização da competição e o papel relativamente mais modesto dos partidos, favorecem esses choques verbais sem subtilidade. Num cartaz da CDU que se vê por toda a parte nas ruas, uma pin-up sugestiva brande duas enormes luvas de boxe e murmura: «Vá! Ataca com a esquerda!» Um exemplo em mil que mostra que no seio da CDU - CSU os moderados e os muito moderados, não estão senhores do jogo.

A julgar pelo lugar que ocupam no cenário eleitoral, os cristãos-democratas parecem, de resto, os mais dinâmicos em face de uma coligação socialista-liberal na defensiva, e forçada a bater-se num terreno que, teoricamente, não lhe pertence.

Acusando rudemente os adversários de terem esvaziado os cofres do Estado ao mesmo tempo que flirtavam com o diabo (os «vermelhos», os comunistas, os anarquistas...), a CDU usa mais do que nunca nas suas reuniões e discursos, uma amálgama que, em qualquer outro país, faria sorrir. Devido a um encadeamento de atalhos muito simplificado, o SPD seria indirectamente cúmplice da extrema-esquerda e até mesmo dos amigos de Baader-Meinhof. A oposição está pois à caça do «links-vogel» (passaro de esquerda), de que quer fazer um imutável símbolo de terror.

Estes excessos polémicos têm o seu significado. Reconhece-se que desde as

últimas eleições de 1972, o centro de gravidade política do país deslocou-se claramente para a direita. Ao referir-se à massa dos indecisos, pântano de 20 por cento de eleitores que é preciso seduzir antes de 3 de Outubro, um professor de Munster espantava-se: «Há alguns anos as pessoas não se atreveriam a pôr um autocolante do CDU no parabrisas do carro. Agora é o contrário, como se a esquerda tivesse passado de moda».

Um sintoma mais espectacular desse tropismo conserva-

toda a Alemanha Federal. E que justifica largamente uma campanha eleitoral que convida mais ao reflexo do que à reflexão.

As palavras que se recolhem entre os eleitores e os militantes da coligação socialista-liberal, testemunham, pelo contrário, o desencantamento da ala esquerda do SPD e dos Jusos (Jovens Socialistas): «Estamos muito descontentes com esta campanha», exclama um Jusos, que é conselheiro municipal em Munster. «Já não se trata de socialismo, e o partido



Helmut Kohl (na foto) traz consigo Franz-Joseph Strauss, grande cacique da Baviera. É a esperança da direita alemã

dor são os progressos indiscutíveis registados pela CDU entre a juventude alemã, principalmente por intermédio das associações cristãs-democratas, numerosas nos liceus. Organizada após as revoltas de 1967-1968, disciplinada pelas reformas escolares e pela introdução de um *numerus clausus* severo, que a obriga a trabalhar para passar nos exames, a juventude, que em 1969 e 1972 contribuiu amplamente para o êxito do SPD, reencontrou de boa vontade ou à força o caminho do conservadorismo.

E isto quando a maioria eleitoral desceu para os 18 anos, a 1 de Janeiro de 1975.

Recentemente em Bremen, uma «festa» política organizada pelos jovens socialistas só conseguiu reunir uns doze jovens muito ajuizados, que entre as 9 e as 10 e 30 da noite escutaram canções de solidariedade com «o Chile em luta», recusando dialogar com os quatro ou cinco maoístas também presentes. Um quadro na verdade melancólico.

A recepção suscitada pelas semi-reformas do SPD e os semi-êxitos da Ostpolitik, o receio causado pelo terrorismo (e largamente cultivado pela oposição), as inabilidades da RDA e a recente multiplicação dos incidentes fronteiriços; tudo isso acentua uma espécie de fuga à política, sensível em

renunciou a fazer uma campanha franca e corajosa».

A personalidade do chanceler Helmut Schmidt, que se apresenta perante os seus eleitores como «manager» eficaz de uma sociedade anónima, ao mesmo tempo que mostra, embora sem grande naturalidade emoções patrióticas, não incita à mobilização militante. Os escritores, realizadores e universitários, outrora espectacularmente reunidos à volta de Willy Brandt, estão agora silenciosos, pouco dispostos a fazer campanha por aquele que consideram um homem de direita. Um escritor, que acompanha o chanceler nas suas deslocções, não hesitou em dizer, a 13 de Setembro, à Frankfurter Rundschau: «Helmut Schmidt não é homem por quem nos entusiasmemos facilmente».

A largada económica de 1976 veio fornecer, é certo, in extremis, o seu principal trunfo a um partido social-democrata que, nesse terreno, escolheu mobilizar em seu favor os admiradores da «Modeldeutschland» no estrangeiro. Giscard d'Estaing, por exemplo, é convidado a participar, por sua vez na campanha daquele que o apoiou fortemente em Maio de 1974.

Mas, os exageros extremistas da oposição, e sobretudo Franz - Josef Strauss, cuja personalidade edipsa, evidentemente, a do pálio Helmut Kohl, não têm somente efeitos negativos. Eles permitem à coligação ser uma espécie de centro-direita tranquilizador, em face de uma direita tonitruante.

«A gente de esquerda — diz um jornalista de Hamburgo — que já não acredita no SPD votará em todo o caso por ele, a fim de cortar o caminho a Strauss, e porque não tem outra alternativa. Schmidt sabe-o muito bem. Seguro da esquerda pode fazer por atrair a direita».

Helmut Schmidt conta portanto, para vencer a 3 de Outubro com uma antrémica bastante clara. Torna-se de facto na «partido» dos moderados e dos conservadores, uma espécie de «centro» da Alemanha Federal.



Helmut Schmidt com Giscard d'Estaing tendo Jean Sauvagnargues, ex-chanceler francês, em segundo plano. Depois da derrota de Olof Palme nas eleições suecas a posição da social-democracia da RFA não é nada confortável.

A EUROPA ACABOU-SE.

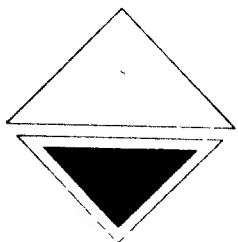
José-Alain Fralon

Um livro pessimista? Um livro deliberadamente provocante? Ou, apenas, a análise corajosa do Mercado Comum e da desordem económica em que se encontram os países europeus?

EDITORIAL NOTÍCIAS • Rua Rodrigues Faria, 103 • Lisboa

condesceiros me

MANUEL EDUARDO E E. M. LIMITADA



COMUNICA



AOS SEUS EX.MOS CLIENTES E FORNECEDORES, QUE POR AMPLIAÇÃO DE INSTALAÇÕES E PARA MELHOR SERVIR V. EX.AS, A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 1 DE OUTUBRO TODOS OS N/ SERVIÇOS DE ARMAZÉM, ESCRITÓRIOS E FÁBRICA, PASSAM A FUNCIONAR NA:

Av. Gomes Pereira, N.º 86 a 88

(EM BENFICA — LISBOA 4), ONDE ESTAMOS À V/ DISPOSIÇÃO E A ESPERAR A MERECEER A MESMA ESTIMA QUE SEMPRE NOS DISPENSARAM.

Estrangeiro

Incidentes no País Basco em Madrid e Canárias

MADRID, 28 (R.) Elementos da Polícia travaram ontem recontros com manifestantes na região basca, em Madrid e nas ilhas Canárias quando uma greve geral de um dia, em apoio de reivindicações de plena amnistia política, paralisou a maior parte do País Basco.

Polícia de choque carregou à bastonada, disparou balas de borracha e lançou bombas de gás lacrimogénico e de fumo ao enfrentar manifestantes nas ruas de Bilbao e San Sebastián. Foram presas 35 pessoas.

Em Madrid, a Polícia agrediu à bastonada todas as pessoas que circulavam, na altura, nas ruas, durante manifestações

numa praça central, que se efectuaram sob chuva torrencial, e depois perseguiu, batendo a torto e a direito, a multidão que fugiu para os corredores do metropolitano da capital.

Agentes da Polícia, alguns à paisana, espancaram manifestantes e curiosos quando procuraram refúgio num comboio e, seguidamente, bateram ritmadamente com os bastões nas carruagens da composição quando ela partia da estação.

O comandante da Polícia, Emilio Rodríguez Roman, informou que um jovem fora ferido a tiro, no estômago durante a manifestação em Madrid. Os agentes da Polícia não se ser-

viram de armas de fogo e ignorava-se quem fosse o atacante do jovem ferido acrescentou.

A manifestação em Madrid foi convocada para assinalar o primeiro aniversário das execuções de cinco guerrilheiros urbanos fuzilados por ordem do falecido generalíssimo Franco, após serem considerados culpados da morte de polícias.

Em Santa Cruz de Tenerife, capital das ilhas Canárias, fontes sindicais disseram que uma greve geral, declarada para protestar contra a morte de um jovem local, fora um êxito.

O jovem, José García Loren-

zo, de 21 anos, morreu na sexta-feira, após ser alvejado com uma rajada de metralhadora por um guarda civil que, por engano, o tomou por um indivíduo suspeito procurado em ligação com o rapto de um industrial de Santa Cruz.

Turistas foram avisados para não virem para as ruas, onde jovens manifestantes travaram recontros com a Polícia e danificaram vários automóveis estacionados.

DISTRIBUIÇÃO DA CORRESPONDÊNCIA SUSPensa

O Governo ameaçou ontem, à noite, fazer ameaçar por sedição o pessoal em greve dos correios do país se continuar com a sua paralisação, que já dura há seis dias e que suspendeu a distribuição de correspondência em toda a Espanha.

Uma nota da administração dos correios dizia que as autoridades estavam ainda dispostas a negociar com os carteiros. Contudo, advertia-os de que, nos termos do código penal, redigido durante a ditadura de Franco, estavam sujeitos a ser julgados por sedição por terem desorganizado um serviço público vital.

A nota acrescentava que 56 trabalhadores dos correios foram suspensos por seis meses, sem vencimento.

Dois supostos cabecilhas de greve foram presos em Madrid, nos últimos dias.

Estudante morto na capital espanhola

MADRID, 28 (F. P.) Os confrontos que se registaram ontem em Madrid entre grupos políticos rivais causaram a morte do estudante Carlos González Martínez que não sobreviveu aos ferimentos recebidos.

O estudante madrileño faleceu no hospital Francisco Franco para onde fora levado depois de ter sido atingido por uma bala no ventre durante os incidentes da noite passada.

Segundo a direcção Geral de Segurança, a Polícia não abriu fogo em nenhuma altura dos recontros entre comandos de extrema-direita e estudantes de esquerda. Os comandos, segundo a Polícia possuíam armas de fogo.

Desencadeada no Líbano uma ofensiva síria

BEIRUTE, 28 (ANOP)

Os palestinos acusaram as tropas sírias de com o apoio de tanques, terem lançado hoje uma ofensiva global contra as posições dos guerrilheiros nas montanhas, numa aparente tentativa de resolver definitivamente a guerra civil no Líbano.

Segundo um comunicado militar palestino, «o assalto em quatro frentes começou de madrugada depois de uma barragem de fogo de artilharia e foguetes, sendo secundado por uma investida simultânea de forças cristãs da direita, procurando-se assim colocar os guerrilheiros entre dois fogos».

O comunicado refere ainda que se travam combates selváticos numa frente de cerca de dez a 20 quilómetros a leste de Beirute.

Um relato independente telefonado de uma localidade cristã perto de uma das frentes confirmou que tanques sírios, artilharia pesada e foguetes entraram em acção numa intensa barragem contra as posições palestinas, as primeiras horas da manhã.

Um porta-voz da direita acusou as guerrilhas e os seus aliados muçulmanos de assaltarem durante a noite uma localidade cristã, destruindo a igreja, o mosteiro e o cemitério.

A rádio do partido da Falange noticiou que esta acção decorreu na vila de Ras El Harf, a 16 quilómetros a Leste de Beirute.

«Os esqueletos foram brutalmente tirados das sepulturas e arremessados para a rua principal da vila» afirma a emissora.

CONGRESSO TRABALHISTA

O primeiro-ministro inglês enfrenta recepção hostil

BLACKPOOL, 28 (R.) O primeiro-ministro britânico, James Callaghan, depara hoje com a perspectiva de uma recepção hostil quando discursar na conferência anual do Partido Trabalhista, que ocupa o poder e que pretende uma mudança da sua política de recuperação económica nacional.

A maioria dos delegados que assistem à conferência do partido em Blackpool acha-se em revolta declarada contra as reduções dos gastos públicos do Governo e as suas dili-

gências cautelosas de estimular investimentos na indústria e de restaurar a confiança na libra.

Ontem, na sessão inaugural do congresso, os delegados votaram a favor de uma série de resoluções condenando a redução das despesas em mil milhões de libras (cerca de 55 milhões de contos) anunciada em Julho e pediram uma política mais socialista para resolver os problemas que o país enfrenta.

Os delegados exigiram controlos temporários de certas importações, regulamento severo de investimentos estrangeiros e um planeado programa de novos investimentos e de expansão da indústria britânica.

Contudo, o congresso do partido não dispõe de poderes compulsórios sobre o Governo trabalhista, que conta com aliados fortes e leais entre as cúpulas sindicais. Assim, Callaghan poderá continuar com a actual política a despeito da indignação dos seus correligionários.

A paciência dos delegados esgotou-se visivelmente ao ser revelado que havia no país 1.500.000 desempregados, 6,2 por cento da força de trabalho, e que continuava a descer o nível de vida em consequência do Governo e dos sindicatos travarem, por acordo mútuo, a subida de salários.

«Os trabalhadores britânicos estão a transformar-se nos servos da Europa Ocidental» foi a observação indignada do delegado Ted Mooney.

Além disso, quase em contradição, a conferência votou solidamente a favor da continuação dos limites de aumentos de salários e de cooperação com o Governo, que se mantém há 18 meses.

Essa atitude indicou que Callaghan terá hoje o congresso a apoiá-lo quando iniciar as conversações acerca de táticas imediatas para reduzir a inflação. Contudo, é no capítulo da estratégia que o Primeiro-Ministro terá dificuldades. O chefe do Governo rejeitou uma proposta da esquerda trabalhista para a nacionalização dos bancos e insiste em que a Grã-Bretanha deve suportar as reduções dos gastos públicos, mostrando-se relutante em alargar mais o controlo sobre as importações.

Libertações na Polónia

VARSÓVIA, 28 (R.) O Supremo Tribunal de Varsóvia ordenou a libertação imediata de sete trabalhadores da fábrica de tractores da vizinha Ursus, presos após manifestações em Junho passado contra o aumento de preço dos produtos alimentares.

Aqueles trabalhadores foram condenados em Julho, pelo Tri-

bunal Provincial, a entre três e seis anos de prisão por terem feito descarrilar uma locomotiva e paralisar o tráfego ferroviário.

Mas o Supremo Tribunal reduziu as condenações a um ano, com pena suspensa, afirmando que eles têm bom carácter.

Nível mais baixo da libra

LONDRES, 28 (ANOP) — A libra esterlina atingiu ontem em Londres o seu nível mais baixo de sempre em relação ao dólar norte-americano, cedendo ante uma inexplicável vaga de vendas.

O esterlino atingiu a paridade de 1,6865 dólares, o que significa uma perda de 10 cêntimos em relação ao princípio do mês.

Entretanto, o Banco de Inglaterra tem-se mantido na expectativa, permitindo a descida constante da moeda britânica o que, a perspetiva, poderá levar o esterlino a atingir os 1,60 dólares até ao fim da semana.

Contudo, peritos financeiros da City mostram-se algo surpresos ante a quebra da libra dado que, em sua opinião, não há razão para tal descida.

«Ninguém compra libras... Mais nada» — disse um cambista do Barclays Bank International.

"Bola de fogo" no céu de diversos países

TEGUCIGALPA, 28 (ANOP) — Informações provenientes de várias cidades da Guatemala, do Salvador e das Honduras assinalam que nas últimas horas se tem registado aparecimento de um objecto voador não identificado, tendo as testemunhas que nos três países divulgaram o facto feito relatos idênticos em relação ao aspecto do objecto.

A aparição registou-se primeiro nas Honduras, sendo descrita como uma grande bola de fogo que iluminava o céu no sentido oeste-leste.

As numerosas pessoas que, no Salvador, puderam observar a aparição de uma bola semelhante, disseram que a intensidade da luz emitida era «similar à produzida pelo Sol».

A bola de fogo foi igualmente avistada na capital guatemalteca, onde a Polícia decla-

rou que o objecto sobrevooou a cidade emitindo um «deslumbrante raio de luz».

Peritos do Serviço Meteorológico de San Salvador sugeriram a possibilidade de que se tratasse de um meteoro.

Os mesmos serviços descreveram a aparição do objecto voador como um fenómeno raro de «dois clarões e um estouro».

Em Copan (Honduras), civis e militares observaram que o suposto OVNI se manteve vários minutos imóvel no espaço e seguidamente desceu. As autoridades militares ordenaram a imediata observação da zona.

A passagem da bola de fogo encheu de pavor os habitantes da zona nordeste da Guatemala porquanto, segundo alguns testemunhos, «foi vista uma igual, antes do terramoto».

Caleidoscópio

WASHINGTON, 28 (ANOP) — A União Soviética é o país industrializado mais auto-suficiente do Mundo, em matérias-primas minerais e o principal produtor de petróleo, aço em bruto e ferro — revelou ontem o departamento de minas dos Estados Unidos.

Num relatório sobre a indústria mineira soviética, o departamento afirmou que a U. R. S. S. é a segunda produtora mundial de ouro, platina, alumínio, gás natural, e fluorite, encontrando-se ainda entre os principais produtores de cobre, níquel, chumbo, zinco, tungstênio, molibdénio, mercúrio e enxofre.

PARIS, 28 (FP) — Georges Marchais, secretário-geral do Partido Comunista Francês, interveio na comissão central do P. C. F. para denunciar a situação actual da informação em França.

Marchais declarou que a informação em França está não só «doente de dinheiro» como «doente do Poder».

«É muito grave» — disse — «que os franceses não tenham direito no essencial senão a um único tipo de som, a uma informação de sentido único, muitas vezes orientada, incompleta, inexacta».

O secretário-geral do P. C. F. considera que «se pode cu-

rar a informação em França pela democracia».

«O pluralismo de partidos, o pluralismo de filosofias, o pluralismo de sensibilidades e de aspirações, eis a realidade que nós tomamos em consideração» declarou nomeadamente Marchais.

O dirigente do P. C. F. indicou ainda: «Não é normal que os franceses não possam, a maioria das vezes, conhecer a política do Partido Comunista senão através de jornalistas não-comunistas ou anticomunistas».

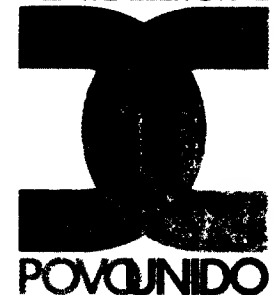
CIDADE DO MEXICO, 28 (ANOP) — O secretário da

Saúde da Guatemala, Julio Sultán, afirmou ontem que o terramoto que em Fevereiro passado atingiu o seu país custou dois mil milhões de dólares, 25 mil mortos, 192 mil feridos, 250 mil habitações destruídas e mais de um milhão de deslocados.

SINALOA (MÉXICO), 28 (ANOP) — Graças a uma chamada telefónica anónima, agentes da polícia localizaram ontem os cadáveres de seis camponeses mexicanos sequestrados no passado dia 20 por indivíduos armados.

PUB.

FRENTE ELEITORAL



CONVOCATÓRIA

Convoca-se a Comissão Nacional da Frente Eleitoral Povo Unido, para uma reunião plenária a realizar no dia 1 de Outubro pelas 18 horas no Instituto Superior Técnico em Lisboa.

A Coordenadora da Frente Eleitoral Povo Unido

Espectáculos



CICLO DE CINEMA ROBERT SNYDER

DIA 27, às 21.30 horas, na SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

Tema — Artes Plásticas e Música
Filmes — The Kooning
Pablo Casals
Stravinsky
Vivaldi

No final haverá um colóquio orientado por M.^o José Nobre (crítica de música) e Ernesto de Sousa (realizador e crítico de artes plásticas).

DIA 28, às 21.30 h., na SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES

Tema — Literatura
Filmes — Henry Miller na Broadway
Henry Miller em Paris

No final um colóquio com o Dr. João Palma Ferreira (Prof. da Universidade Nova).

Brecht na Praça de Espanha

A redução para metade do subsídio que vinha sendo dado ao Teatro Aberto pela Secretaria de Estado da Cultura obriga os homens do Grupo 4 a abreviar a carreira, aliás espectacular, de Bertold Brecht, na encenação de João Lourenço. Atenção, leitor que por acaso deixou o «Círculo» para esta altura: não perca a oportunidade! Trata-se de um dos mais conseguidos momentos de teatro levados à cena em Portugal nos últimos anos.

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

As reposições, como toda a gente sabe, são reexibições, em cinemas de estreia, de filmes que por lá já passaram há uns tempos e que os distribuidores/exibidores julgam oportuno colocar de novo nas salas. Reposições há-as o ano todo, pouco mais ou menos, mas é na época fraca (o auge do Verão) que as vemos desembocar nos ecrãs numa maior quantidade. Razões de rentabilidade, está bem de ver.

Este ano, não fugindo à regra, as salas voltaram a exhibir uma larga percentagem de filmes já estreados em Lisboa. E nem se pode dizer que tenhamos assistido a uma má época estival. Está a acontecer, porém, um fenómeno que seria apenas curioso se não estivesse já a ser inquietante. Em fim de Setembro, na tradicional abertura da época forte, uma grande quantidade de cinemas continua a repor, enquanto o que vai estreando se resume quase ao cinema de baixa pornografia, tipo Felícia, História d'O e por aí fora. Pode dizer-se que poucas vezes Lisboa esteve tão baixo em matéria de cinema. O que se passa?

O que parece passar-se reduz-se afinal de contas a uma mera operação comercial. As reposições pagam menos impostos, não contêm riscos de maior (estão praticamente recuperados os investimentos); a baixa pornografia oferece lucros compensadores, ainda. Feitas as contas quem é que estará interessado em arriscar-se a trazer cinema que vise um pouco mais alto que a caixa registadora da bilheteira?

Que isto era (sempre foi) assim, já cá se sabia; o que se estranha é que não haja ninguém, adentro do poder, que faça alguma coisa para combater isto. Que a lei referente às isenções de impostos do chamado «cinema de qualidade» nunca mais entre em funcionamento. Que, portanto, se ponha em prática uma política que, objectivamente, está a estrangular tudo o que não seja cinema de cu. Isto para já não falar na morte lenta do cinema por-

Falando de reposições



«Chamada para a morte», uma reposição inteligente

tuguês, mais abandonado que nunca (e, a propósito, quanto tempo já passou para lá do prazo estipulado na sindicância do IPC?, ou, dito de outro modo, quando é que a sindicância acaba, para a gente ver um pouco mais claro e seguirmos em frente?).

Isto não é um muro de lamentações, é um pouco da nossa (muita) indignação.

DOIS FILMES

Reposições, portanto. Duas nos chamaram a atenção, por razões várias e, até, contraditórias: A grande corrida à volta do mundo de Blake Edwards e Chamada para a morte de Alfred Hitchcock.

O primeiro é uma superprodução, montanhas de cenários, multiplicidade de acções, bastantes actores, o espectáculo entendido como acumulação de efeitos e clichés (a aventura, o western, o amor, o feminismo, a comédia enfim).

O segundo é um pequeno filme, 99 por cento passado numa sala, quatro actores, uma acção que vive mais da câmara e da inteligência de breves apontamentos que de uma multiplicação de actividade física.

Ambos no entanto cinema-espectáculo (por sinal produzidos pela Warner Brothers, qualquer deles), no sentido em que foram criados para amplas audiências. A diferença está no conceito que cada um faz do espectador. Em Edwards aposta-se na evidência (presupondo que só o que é imediato pode provocar interesse), em Hitchcock joga-se na subtilidade. A própria ideia de humor é radicalmente oposta. A grande corrida à volta do mundo parte de clichés, torna-se verosímil no seu universo próprio e filma os efeitos, estando aí a grande maioria do

humor. Em Chamada para a morte o humor está nos próprios clichés, na ironia com que surgem (a vítima indefesa e ingénua, o marido pífido, o amigo apaixonado, o detective perspicaz); Hitchcock não filma consequências, filma representações: o seu universo é, explicitamente, de cartão, é um jogo, o único prazer é lúdico, quase ao nível da infância. O seu traço é sempre finíssimo, ambíguo, sempre contido e daí o fascínio. Com Blake Edwards é o inverso: a caricatura é grossa, o riso farfalhado (mas nunca ao nível da loucura, ou seja por exemplo, do génio de Lewis ou dos Marx), o efeito fácil. Trata-se de erguer uma fachada que imponha o riso, de qualquer maneira. Pela jamais transbordante demasia.

Dois filmes afinal unidos por uma flagrante oposição e pela coexistência em Lisboa em Setembro paupérrimo.

«Jazz» em Praga

PRAGA, 28 (FP) O XI Festival Internacional de «Jazz» realizar-se-á em Praga de 24 a 27 de Outubro deste ano, anuncia a agência de informação CTK.

Participam neste festival orquestras e solistas americanos, soviéticos, ingleses, búlgaros, checoslovacos, alemães de Leste, polacos, húngaros e jugoslavos.

Esta revista contém cenas eventualmente hilariantes



HOJE: às 20.30 e 22.00
Domingos Matinées às 16 h.
4.ª FEIRA
Descanso da Companhia
(Não acons. MEN. 18 anos)



Em Agosto de 1972, Sonny Wortzik assaltou um banco.

250 policias, o F.B.I. 8 reféns e 2.000 mirones nunca mais esquecerão o que aconteceu.



AL PACINO
UM DIA DE CÃO
-DOG DAY AFTERNOON-

COM
Produced by MARTIN BRIDGMAN and MARTIN ELFAND • TECHNICOLOR

EDEN
HOJE às 14.00
ESTREIA
CALEIDOSCOPIO
NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 18 ANOS

teatro
do bairro
alto

R. Tenente Raúl Cascais
1-A (ao Rato)
Tel. 66 15 15. 66 92 05



Teatro da Cornucópia
Tambores na Noite
de Bertolt Brecht

ESTREIA AMANHÃ
CURTA CARREIRA
todos os dias às 21.30 h
Dom. às 18 h
Descanso às 2.ª feira
(M.13 anos)
BILHETES À VENDA

Maior conforto no uso de
Dentes Postiços

Eis a maneira agradável de evitar o desconforto de uma placa solta. DENTOFIX, um pó especial que se polvilha nas placas superiores e inferiores, fixa as mesmas firmemente, de modo a dar maior conforto. Evita aquela sensação gomosa e pastosa tão desagradável. DENTOFIX não magoa. Elimina o mau hálito das dentaduras. Adquirir hoje mesmo DENTOFIX em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO
bertolt brecht

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
HOJE, às 21 e 15
5.º MÊS

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

Hoje

IBSEN COMO ALIBI

Voltámos ontem ao teatro de língua portuguesa quero dizer, teatro falado em português. Desse é que o nosso público, ao menos aí não há que fazer o esforço danado para a leitura ou para a decifração das legendas.

Foi com Ibsen, o regresso. Com a misteriosa *Hedda Gabler* e a sua atracção para o abismo onde tudo se consome. Uma personagem cujo maior perigo consiste na aparente facilidade de composição. Acorde-lhe as escondidas razões, graduar, através de um gesto, de uma pausa, de uma inflexão que seja como que a sugestão de uma forma, eis o trabalho que exige de uma artista a atenção, o estudo, a formação cultural para duas horas de mergulho nas profundidades humanas.

Foi com Ibsen, o regresso. Com um Ibsen menos indicado para o tipo de preocupações que a sociedade portuguesa vive actualmente.

Se há um tipo de arte vocacionado para a intervenção, talvez nenhum o seja mais do que o teatro. O seu processo de fabrico, a presença viva dos telespectadores, o choque ou a identificação com a sociedade que o envolve, tudo isso empurra o teatro não apenas para fazer perguntas, como Ibsen queria, mas também para encontrar vias para uma resposta.

O teatro ao serviço do povo português é possível. É possível a existência de um teatro simultaneamente de combate e de qualidade. Exemplos alguns nós temos, já depois do 25 de Abril.

Ora a apresentação de certas peças (pretendendo-se encobrir com o alibi da qualidade) parece não ter em vista outra coisa senão a fuga à avaliação, à discussão da realidade portuguesa. Isto, mais do que quaisquer outras considerações (a falta de meios, a ausência de verba, etc., etc.) vai dificultar a criação de um teatro falado em português: ou

se produz um teatro dentro da nossa realidade (o que não parece ser agradável aos responsáveis máximos pela política cultural...) ou se pratica um teatro de confrontação ou fuga dessa realidade. Para o primeiro, o ambiente *ainda* é pouco propício; para o segundo, pela sua fluidez, o campo de manobra é mais vasto, sendo certo que sempre aparece alguém a denunciar a manobra do campo.

A solução, por enquanto, consiste em ir transmitindo umas peças em francês. Pois se os outros comem, por que diabo havemos nós de comer também...

Assim vai o teatro. Ah, mas qualquer dia, quando estiver em prática o novo figurino de Carlos Cruz, então é que vocês vão ver o que é teatro, mas do bom...

AI RIO NÃO TE QUEIXES
AI QUE O SABÃO NÃO MATA

Assiste-se através da Televisão a uma gigantesca, impressionante campanha de promoção governamental e partidária. Podemos já falar em termos de lavagem ao cérebro. O teledetergente, ontem, funcionou em pleno.

Mário Soares de casaco, de sobretudo, de capacete siderúrgico, Mário Soares aperta a mão a feirantes. Mário Soares fala da varanda à multidão: «Povo de Viseu!»

Rui Vilar não sei quê. Retrato exposto, com voz «off» do locutor.

António Barreto, não sei quê. Também com direito a retrato.

O massacre dos retratos continua. Metem-nos pelos olhos dentro. O mais acabrunhante, o do dr. Sottomayor Cardia. Que lindo bebé ele era...

E é o Walter Rosa. E são os trabalhadores socialistas da função pública. E cita-se Arnaldo Silva e apresentam reporta-

gem com Campos Rodrigues e Aires Rodrigues...

É faltar, meus senhores, é faltar!

SANEAR? NÃO...

Procura-se fazer vingar a ideia de que quem não é pelo Governo, não é bom patriota. Declara-se publicamente que quem quer bem ao nosso país, tem de apoiar o Governo! E quem diz isto é exactamente quem mais fez (utilizando até processos nada recomendáveis) para desestabilizar Governos anteriores, o IV, por exemplo...

Vê-se logo que o aparecimento em força do Partido Socialista na Televisão Portuguesa não tem nada a ver com as eleições para as autarquias. Que ideia...

Claro que o tiro pode sair pela culatra. A Televisão, meus senhores, tanto faz como desfaz. A intervenção de Mário Soares, no último Telegiornal, com um ataque despropositado ao reitor de Coimbra, prof. Teixeira Ribeiro, não beneficiou em nada a imagem pública do Presidente do Conselho.

Dificilmente, mesmo, se compreende a não ser como intenção de acirrar os ânimos, a fim de justificar medidas drásticas de actuação.

Os dirigentes do Partido Socialista prosseguem, a toda a força, na conquista do domínio total do aparelho de Estado. Não, não se trata de sanear: trata-se de pôr nos luga-

res-chave pessoas que dêem garantias da efectivação de uma política.

Saneamento não é isto. Então o que é?

LATIM

Quando chegou a Viseu, o dr. Mário Soares dirigiu-se a meia dúzia de amigos que ali se encontravam à sua espera. Na sua opinião, tratava-se do «povo de Viseu».

Povo de Viseu ao qual, muito solenemente, garantiu que «o nosso Governo está atento às assimetrias regionais».

Não há dúvida. Todo o pároco da aldeia gosta de meter no sermão uma pitada de latim. A julgar pela sabedoria política do Presidente do Conselho, o povo de Viseu está preocupadíssimo com as assimetrias. Por que é que ele não se referiu igualmente aos discos voadores? O efeito era igualmente garantido.

OS TROUXAS
QUE NÓS SOMOS

A certa altura do seu discurso, disse o dr. Mário Soares: «Estou aqui não como homem do Partido, mas como homem de Governo.»

Cá estamos nós na tentação da lavagem ao cérebro. Este Governo não é um Governo minoritário, é um Governo nacional... Sendo um Governo nacional, como se entende a fúria

Continua na pág. 18



«Histórias de Amor»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e um episódio da série filmada «A Pedra Branca»
- 19.25 Corpo Musical
- 19.55 Ver — um programa sobre as Artes Plásticas. Produção e realização de José Elyseu.
- 20.30 Telegiornal — 1.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.05 «Histórias de Amor» — série filmada.
- 22.05 Terça à Noite — Um programa de Joaquim Letria.
- 23.00 Telegiornal — 2.ª edição.
- 23.15 Fecho.

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e «Wickie, o Viking» — desenhos animados.
- 20.25 Nancy Wilson — programa musical.
- 21.05 Passatempo — magazine quinzenal.
- 21.50 Telegiornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30.
- 22.25 Concerto pelo Quarteto Heutling
- 22.45 Fecho

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS
DO DISTRITO DE SANTARÉM
TRAMAGALASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA
CONVOCATÓRIA

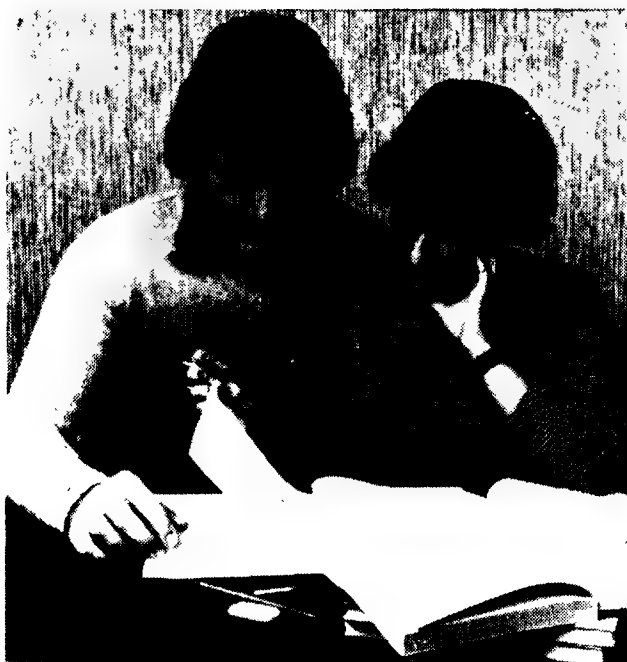
Nos termos da alínea b) do artigo 33.º dos estatutos, convocam-se todos os trabalhadores metalúrgicos do Distrito de Santarém a reunir em **ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA**, no próximo dia 9 de Outubro, pelas 15 horas, na **SOCIEDADE ARTÍSTICA TRAMAGALENSE, (S.A.T.)** no **TRAMAGAL**, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Congresso de todos os Sindicatos Portugueses.
 - a) Análise, Discussão e Aprovação do Projecto do Regulamento do Congresso.
- 2 — Informações sobre as negociações do C.C.T.V., para a Indústria Metalúrgica e Metalomecânica.
 - a) Medidas a tomar face à situação actual.

TRAMAGAL. 22/9/76

6 PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Fernando de Oliveira Amante

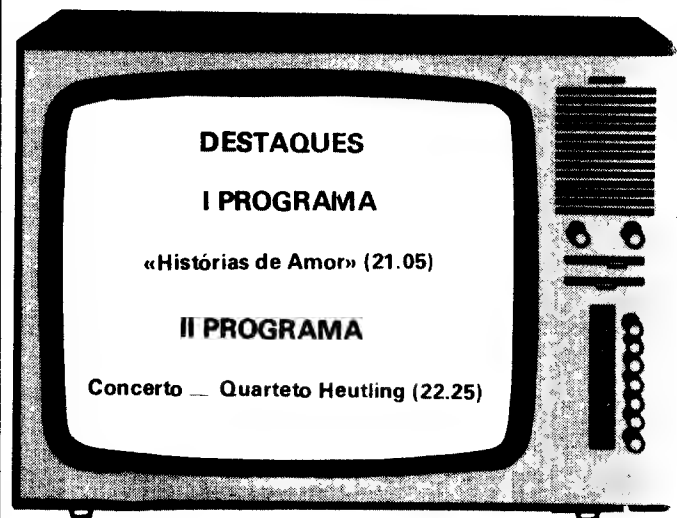
Ganhe mais...
...sabendo mais!
APRENDA LÍNGUAS

Fazer um curso de línguas na Berlitz é um investimento duplamente rentável. **Promove-se profissionalmente. Amplia os seus conhecimentos.** Inglês, Francês, Alemão ou qualquer outra língua, com professores de nacionalidade e pelo eficiente método Berlitz.



Berlitz®
Sistema de Ensino Directo

Largo de S. Domingos, 14-2 - LISBOA
(Entrada pelas Escadinhas da Barroca, 2)
Telef.: 87 46 56



Amanhã

I PROGRAMA

19.00: Abertura e «Volta ao Mundo em 80 Dias»; 19.25: Museu da Ciência e Técnica; 20.05: Educação Permanente; 20.15: Vamos Jogar no Totobola; 20.30: Telegiornal — 1.ª edição; 21.05: «O Último Vale»; 23.15: Telegiornal — 2.ª edição; 23.30: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e «Roman Holidays»; 20.30: Fronteiras do Amanhã; 20.45: Saúde e da Vida; 21.00: «Sweeney»; 21.55: Telegiornal; 22.25: Sabe o há um Museu em Ponta Delgada?; 23.10: Fecho.

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRATIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 722786-834271

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

U.E.F.A.: QUEM DESFAZ O NULO?

Porto: uma difícil barreira

JOSÉ MANUEL FERNANDES especial para o "D.L."

Gelsenkirchen, «Parkstadion»: o 8.º cotado no campeonato de futebol da Alemanha Federal, à espera de um F. C. do Porto que, nem pelo facto de estar já num dos lugares do «podium» português oferece maior consistência e melhor crédito. Para o Schalke 04, «goal-average» nada bonito: 18-17, em tentos marcados/sufridos, nos sete jogos cumpridos (quatro vitórias, três fracassos). Para a turma agora dirigida por José Maria Pedroto, uma marcha ainda invicta: dois êxitos e outros tantos empates, com 9-3 no «placard». E, todavia...

As duas formações têm alterado, neste início de época, momentos fulgurantes e jogos para esquecer. Todavia, as armas estão já ensarilhadas e prontas para o grande fogo, na tarde de amanhã (19 horas portuguesas, primeiro silvo do juiz, no «Larkstadion»). Tudoleva a crer que o Schalke 04 alinhe tal e qual como, no passado embate com o Tennis Borussia, em que exibiu um sistema fixo (4X4X2), metendo o médio Gede no posto habitualmente desempenhado pelo dianteiro Abramczik. O centro-campista Oblak, mais os parceiros Fischer e Kremers ficariam (no fim de contas) com direito a todas as iniciativas de ataque puro.

Para cúmulo, o ensaio geral ia resultando em pleno: 3-0 antes dos 30 minutos de duelo com o Tennis Borussia, prognosticava marca afoita e nada espartilhada. Sucedeu, porém, que o T. B. fez um gol e, quase de imediato, aconteceria a substituição de Lutkebochmert por Bongartz, até há pouco

bastante lesionado: e o descalabro tornou-se nota corrente. Enquanto o Schalke 04 telmava em cruzamentos altos, para uma espécie de terra de ninguém, a resposta vinha rasteirinha, bola no solo e toques curtos, mas precisos, especialmente a aproveitar o sentido de progressão dos extremos contrários. O Schalke 04 (via Fischer) chegaria a ultrapassar um nulo (3-3 para 4-3); todavia, sucedeu novo empate e seria preciso que o perigoso (e poderoso Oblak) desfizesse as dúvidas (estava-se nos 70 minutos de jogo) para amainar um pouco o pulsar de muitos corações. O Schalke 04 embolsava os dois pontinhos: mas não livrara os nervos de boa sacudidela.

Aqui temos, agora, como deve formar o grupo alemão: Schubert; Sobieray, Russmann, Fichtel e Thile; Gede, Lutkebochmert (ou Bongartz), Oblak e Helmut; Fischer e Kremers. Há, todavia, elementos com certas possibilidades de presença activa: a defesa Bittcher (se for necessário assegurar do melhor modo uma vantagem) é o mais provável, pois o técnico germânico não acredita que o Porto dê facilidades e «obter um golo à maior já é proeza».

PORTUGUESES

A comitiva portuense apareceu na máxima força, pois a

falta de Gabriel (a cumprir castigo da U. E. F. A.) não provoca qualquer insónia ao mais caro e conceituado técnico português, já que o temperamental defesa (que partiu uma perna a Jordão e tratou de modo muito aproximado um cufista...) não é lembrado por ninguém. O «team» dos «azuis-brancos» é vasto e poderoso: Gabriel tem, à sua frente, homens que já fizeram esquecer o seu (eventual) aproveitamento. Parece que Pedroto fará alinhar, face ao Schalke 04, o seguinte «onze»: Torres; Murça, Teixeira, Freitas e Tai; Octávio, Rodolfo e Cubillas; Sêninho, Duda e Oliveira (ou Gomes). Como suplentes, teremos Tibi (guarda-redes), Simões (defesa), Teixeira II e Celso (médios), Gomes ou Oliveira (como dianteiro). No bloco da comitiva temos (igualmente) os dirigentes dr. Américo de Sá e Jorge Pinto, o médico dr. José Santana, o massagista Vítor Hugo e o roupeiro Agostinho. Ailton e Júlio («suplentes para qualquer eventualidade»), estiveram em Lisboa, mas regressaram ao Porto: não eram necessários, achou o técnico José Maria Pedroto que (em roda de amigos) confidenciou ter muitas esperanças de desfazer o nulo da Luz (2-2) a favor das suas (presentes) cores de emblema.

Resta dizer que a viagem até Gelsenkirchen foi feita em 3 etapas: Lisboa-Frankfurt, em;



Porto: dura tarefa em terra germânica

barque daqui para Dusseldorf e, após a aterragem, viagem até ao Hotel Martim, em autocarro. Para os interessados: o regresso obedece ao mesmo esquema, com a chegada calculada para as 17 e 10 de Lisboa, na 5.ª-feira.

CAMPEONATO ALEMÃO

Ao mesmo tempo que o Borussia Moenchengladbach se apossa do comando da classificação do campeonato germânico (mercê de êxito concluído: 6-0 face ao Rothweiss Essen, na 7.ª ronda do torneio) e o Bayern da capital bávara derrota o Colónia (4-1), ascendendo ao 3.º posto na corrida para a meta final, o Schalke 04 esteve em bolandas para

conseguir, pela mínima diferença, ultrapassar um fraco adversário: o Tennis Borussia, de Berlim Ocidental, recém-promovido de 2.º escalão, somente vergado pela diferença tângencial (4-5).

«TORCIDA»

Numa cidade pequena, não cabe muita gente. Todavia, imagina-se que, perto de quatro a cinco mil portugueses, trabalhando aqui, na Alemanha, venham até Gelsenkirchen ver um clube da sua terra, esta época entregue a José Maria Pedroto e, mercê de valiosas aquisições, jogando o «agora ou nunca» na conquista do título nacional que, entre seus dedos, parece areia fina a escorrer para o solo.

PORTUGAL

ANDE BOL

Mais duas saídas do andebol sportinguista: Gameiro e Miranda tomam o caminho do Benfica.

O Belenenses vai apresentar o ginásio do Paço de Arcos como palco para os seus jogos oficiais de andebol, na corrente temporada. Entretanto, no clube de Hernâni foi criado o «Núcleo dos Amigos do Andebol» que, em todos os encontros de futebol realizados no Restelo, pelas formações «azuis», recebem qualquer apoio que queira ser ofertado à secção belenense da modalidade.

AZAR

Cerca de 500 contos: eis o prejuízo do Belenenses, provocado pelo temporal no posto médico do Restelo.

CICLISMO

Ciclistas portuguesas no «Troféu Príncipe Filipe» (Espanha): no contra-relógio do prólogo, Alfredo Gouveia classificou-se em 5.º lugar.

ESGRIMA

Curso de monitores de sabre, a 1 de Outubro, no Jamor.

HÓQUEI PATINADO

Jorge (hóquista da Salesiana) transferiu-se para o Sporting.

TÊNIS DE MESA

Continuam a actuar-se os conjuntos que vão actuar na próxima temporada de ténis de mesa. Por exemplo: no Laranjeiro, quatro categorias estão a

Continua na pag. 17

U.E.F.A.: BELENENSES EM BARCELONA

Há curandeiros desempregados?

Há por aí algum curandeiro desempregado que queira e possa insuflar a esta equipa de Belém a macumba que lhe falta para não sair do «Nou Camp» vergada ao peso de copiosa derrota? Se não há, meus senhores, a questão reside em multiplicar as preces a todos os Santos, para que os números não sejam contudentes, porque os pupilos de Rinhos Michels (no seu «habitat») são mesmo imparáveis. O Real Madrid e o Las Palmas já o sentiram esta época, no curto espaço de duas semanas quentes, aqui, capital de uma Catalunha que não desarma em reivindicar aquilo a que se julga com direito e já logrou institucionalizar como idioma.

É esta Catalunha que vibra com a luta pelos seus direitos: e não prescinde de uma realidade chamada futebol, por muito que os entendidos em linguística ou filosofia, teorias económicas ou sociologia, se arregimentem em denegrir o fenómeno, não propriamente nesta vasta província cada vez menos espanhola e mais autónoma, mas em áreas mais complexas e menos significati-

vas. Aqui, na cidade a que também chamam Condal, há pouco mais de duas semanas, 100 mil catalães aplaudiram o «Barça» e vaiaram monstruosamente os jogadores e adeptos do Real Madrid, aticando assim a fogueira da «querela regional» que alimenta a Espanha, à qual o Governo de Suarez está atento e, ao que parece, disposto às concessões consideradas oportunas e inevitáveis para não dividir o país neste momento delicado e importante da vida política.

Ora, desvencilhar-se do Belenenses é, para o Barcelona, tarefa urgente e necessária, sobretudo para que possa manter-se numa prova que, embora menos importante que a «Taça dos Campeões», onde o Real Madrid deverá prosseguir após se ter desembrachado do Stal de Mielec (Polónia), no campo do adversário, implica a participação de um lote reforçado de equipas sob a égide da UEFA, muitas das quais não venceram os campeonatos do seu país por

circunstancialismos e desventuras de última hora.

DESAIRE NATURAL

Enquanto o desaire do «Barça», no último sábado, é perfeitamente natural, face a um Málaga no qual Pavic soube «incrustar» um esquema e um ritmo que em nada foram inferiores à evolução conjuntural e ao esbanjamento de energias por parte dos catalães, o mesmo não poderemos dizer da equipa de Belém, anteontem posta em hasta pública, no seu espaço, por uma equipa que (aparentemente) não pertence ao «seu campeonato». Estará aqui o indicio número 2 da desigualdade que emergirá do confronto de amanhã, porque o primeiro ficou patente e expresso no Restelo há duas semanas, quando o Belenenses não pode avolumar nem manter o avanço que o «placard» lhe reservou durante quase meia hora.

O encontro não reveste a expectativa que o «match» da 1.ª «mão» envolvia sendo inteiramente plausível que a questão da eliminação esteja resolvida já ao intervalo. O ambiente, a participação do fabuloso Cruiff, como que a reviver as suas desconcertantes actuações nos «europeus» e a reforçar um trio atacante onde a ausência de Herédia Os dos dois golos do «Barça», no Restelo, lesionado em Málaga, não deverá sentir-se, o rendimento de um Rexach cada vez mais produtivo e a pendularidade de um sujeito chamado De La Cruz e de Ramos serão factores que, infalivelmente, pesarão na própria evolução do jogo e na marcha que o

JÚLIO RODRIGUES nosso enviado especial



Belenenses: um obstáculo chamado Barcelona

marcador reflectirá a favor dos catalães. Para tentar obviar a tão expressiva distanciação, que devem exibir os pupilos de Carlos Silva?

Pouco, muito pouco: afinal, é a própria estrutura do futebol que está em questão, no embate do «Nou Camp», a forma como o fenómeno é encarado, é a verdade que separa um clube expressivamente rico (Barcelona) de uma agremiação em dificuldades financeiras (Belenenses).

NEESKENS E GODINHO

Quem não viu o extraordinário peruano Hugo Sotil, em acção no Restelo, e se deslocar a esta cidade, poderá apreciar as excepcionais aptidões do pequeno e irrequeto centro-campista sul-americano, a quem competirá render amanhã Herédia, passando Mazizo

ATAQUE À CIDADE CONDAL

Apesar das dificuldades sentidas por Carlos Silva, para encontrar 16 jogadores válidos para a deslocação, seguiram viagem os seguintes elementos: Melo, Figueiredo, Sambinha, Quaresma, Luís Horta, João Cardoso, Esmoriz, Isidro, Pincho, José Rocha, Alfredo, Gonzalez, Godinho, Vasques, Amaral e Jonhy.

A caravana deixou Lisboa às primeiras horas da manhã, almoçando pouco depois do meio-dia no Aeroporto de Barajas, onde fez escala. A chegada a Barcelona estava prevista para as 15 horas.

No mesmo avião partiram alguns simpatizantes do Belenenses, que ficarão (também) hospedados no hotel «D. Jaime», em Castelldefels, pequena localidade industrial situada a 20 quilómetros de Barcelona. Carlos Silva, com proverbial simplicidade, não deixou de sublinhar à partida as contingências do futebol, fenómeno onde «tudo pode acontecer». Senão começarmos mal (acentuou) e suportarmos o assédio inicial do «Barça», podemos alcançar um resultado animador e evitar, assim, a derrocada que muitos vaticinam.

Uma ausência por todos sentida: a de João Silva, que ainda não recuperou satisfatoriamente do acidente que lhe deixou as costelas bastante afectadas. Um homem de quem se fala, mas numa outra perspectiva: Chana, que poderá passar a vender aqui a sua classe hóquística.

MARROGOS

...país exótico ao pé de casa!

FINIS de SEMANA (cidades imperiais)
1 SEMANA

desde 2 390\$

colaboração
royal air

maroc
EUROPE

AV. LIBERDADE 233 TEL 536121 LISBOA 2

Desporto



Dresden: grande «osso» para o Benfica

EUROPA AOS CHUTOS

Calendário completo das competições futebolísticas europeias marcadas para a semana corrente:

HOJE

«Taça dos Clubes Campeões» (1/16 de final), T.Palloseura (Finlândia) — Sliema Wanderers (Malta) (1.ª «mão»); 1/2 e Crusaders (Belfast) — Liverpool (0/2).

AMANHÃ

«Taça dos Campeões»: Benfica-Dinamo de Dresdes (0/1); St. Etienne-CSKA Sofia (0/0); Juventus-Esch Alzette-Ferencvad (1/5); P.S.V. de Eindhoven-Dundalk (1/1); Borussia Moenchengladbach-Austria (0/1); Real Madrid-Stal Mielec (2/1); Partizan de Belgrado-Dinamo de Kiev (0/3); Bayern de Munique-Koege (5/0); Zurich-Glasgow Rangers (1/1); Dteaua de Bucarest-F.C. Bruges (1/2); Paok de Salonica-Nicosia (2/0); Malmoe-Torino

(1/2); Tabzonspor (Turquia)-Akranes de Reykjavik (3/1); e Banik Ostrava-Stavanger (1/2).

«Taça dos Vencedores de Taça» (1/16 de final): Boavista-Galati (Roménia) (3/2); Marselha-Southampton (0/4); Ke-flavik (Islândia)-Hamburg (0/3); Roda (Holanda)-Anderlecht (1/2); Atlético de Madrid-Rapid de Viena (2/1); Hearts-Lokomotiva de Leipzig (0/2); Dinamo de Tbilisi-Car-diff City (0/1); Slawk Weo-claw-Floriana (4/1); Ejsberg (Dinamarca)-Dublin (1/2); Galat-saray (Istambul)-Aik (1/2); Lah-den Reipas-Spartak de Sofia (2/12); Hajduk (Split)-Lierse (0/1); Napoles-Dodoe (Noruega) (2/1); Apoel de Nicosia-Salónica (0/0); e Sparta de Praga-M.T.K. (Budapeste) (1/3).

Quarta-feira, 6 de Outubro: Carrick Rangers-Aris (Luxemburgo) (3/1).

HOJE

«Taça da U.E.F.A.» (1/32 de final): Kaiserlautern-Paralimi de Famagusta (3/1).

AMANHÃ

Barcelona-Belenenses (2/2); Nice-Espanol (1/3); So-chaux-Hibernians (Edimburgo) (0/1); Tichky-F.C.Colónia

(0/2); Dinamo de Berlim-Done-tics (0/3); Molenbeeck-Naest-ved (Dinamarca) (3/0); Vaex-je-Palloseura (2/3); Djurgarden de Estocolmo-Feyenoord (Roterdão) (0/3); Basileia-Giant-oran (Belfast) (2/3); Slovan (Bratislava)-Frau (Reykjavik) (3/0); Bran (Bergen)-O.P.Rangers (0/4); Wislaacravie-Celtic (Glasgow) (2/2); Finn Harps-Derby County (0/12); Star Kristiansand-Innsbruck (1/2); Halaek (Dinamarca-Eintracht (Brunswick) (0/7); Manchester United-Ajax (Amsterdão) (0/1); Lokeren-Differdange (3/0); Schalke 04-F.C.Porto (2/2); Juventus-Manchester City (0/1); Hibernian (La Valetta)-Grassho-pers (0/7); Atlético de Bil-bau-Ujpest Dosza (0/1); Mi-lão-Dinamo de Bucarest (0/0); Akademik (Sofia)-Slavia (Pra-ga) (0/2); Cesena (Itália)-Mag-deburg (0/3); Dinamo de Mos-covo-A.E.K. (Atenas) (0/2); Vi-deoton-Fenerbahce (Istambul) (0/2); Dinamo de Zagreb-A.S.A. Tergu Murest (1/0); Hon-ved de Bucarest-Inter de Mi-lão (1/0); Adanaspor (Tur-quia)-Astria Salztug (0/5); e Pi-reu-Bucarest (0/3).

Quinta-feira, 30 de Setem-bro: E.R. de Belgrado-Plovdiv (1/2).

Liverpool e City: travão em dupla derrota

O Liverpool e o Manchester City, 1.º e 2.º classificados da Liga Inglesa da 1.ª Divisão de futebol, sofreram derrotas nos jogos que disputaram, a contar para a 7.ª jornada da competi-ção, marcada pela chuva.

O Liverpool deslocou-se a Newcastle para perder por 1-0; o único gol do encontro foi apontado ainda durante a primeira parte por Paul Cannell, num cabeceamento com êxito. O Middlesborough, ao vencer em casa o Leeds United (pelo mesmo resultado) com um tento marcado na 2.ª parte do encontro por Alan Whiller, somou 10 pontos em sete jogos, igualando no topo da tabela o Liverpool.

Os dois «leaders» têm (agora) um ponto de avanço sobre o composto pelos clubes de Manchester (United e City). O United ascendeu a esta posição ao vencer o City 3-1, em emotivo «derby» local, presenciado por 50 mil pessoas, a maior assistência da jornada. O Manchester City foi o primeiro a marcar (iam decorridos 7 minutos de jogo, com um gol de Denis Tueart. Steve Coppell empatou e 11 minutos mais tarde Dave McCreery (que entrara a substituir Stuart Pearson, lesionado) colocou o United em vantagem. Na 2.ª parte, Gerry Daly estabeleceu o resultado final.

Apesar da lesão contrai-da, cre-se que Pearson estará apto

a defrontar amanhã o Ajax (de Amsterdão) em jogo da 2.ª «mão» da «Taça UEFA».

O Leicester, depois de colher empates nas seis jornadas, viu-se batido em Villa Park, onde o clube local (Aston Villa) se impôs, por 2-0. Os golos da equipa vencedora foram obtidos por Ray Graydon (de «penalties») e pelo «internacional» escocês Andy Gray. Gray apontou (assim) o seu 11.º gol da época, e o 8.º em sete jogos da Liga.

A boa carreira do Arsenal sofreu um golpe, com a derrota (1-3) sofrida em Ipswich, frente ao clube local. Depois de um fraco começo de época, o Ipswich fez quatro alterações na sua linha-base e lançou-se ao ataque desde o início do jogo.

Os «arsenalistas» resistiram até aos 39 minutos, mas um gol obtido por Roger Osborne abriu as portas da vitória à equipa local: e, aos 4 minutos da 2.ª parte, Eric Gates fez 2-0.

Um autogolo de Alan Hunter trouxe algum ânimo aos londrinos, quando faltavam 12 minutos para o termo da partida, mas, 4 minutos mais tarde, Kevin Beattie arrumou a questão.

Na 2.ª divisão, o Wolver-hampton Wanderers foi afastado do 1.º lugar da classificação, depois de derrotado em casa pelo Luton (1-2). Jimmy Husband e Dixie Deans marcaram pelos vencedores; Ken Hibbitt pelos «wolves».

LÁ FORA

ASILO

Treze pessoas, originárias, na maioria, dos países do Leste, pediram asilo político ao Canadá, durante o período dos Jogos Olímpicos de Montreal, informam os serviços do Ministério Canadano da Imigração. Uma resposta definitiva será dada aos seus requerimentos até 30 de Janeiro de 1977 (o mais tardar) anuncia-se da mesma fonte.

Quatro pedidos foram apresentados por atletas romenos e um 5.º por jornalista etíope. A nacionalidade das restantes personagens não foi revelada pelas autoridades. Porém, uma 14.ª pessoa (o nadador soviético Sergei Nemtsanov) tinha solicitado o estatuto de refugiado político ao Canadá, antes de desistir.

MÁXIMO

A atleta checoslovaca Helena Fibingerova estabeleceu novo recorde mundial feminino do peso, com um lançamento de 21,99 metros, durante um encontro internacional de Atletismo realizado em Opava, anuncia a agência noticiosa Checoslovaca. O máximo anterior, pertença da bulgara Ivanka Christova, era de 21,89 metros.

MOTOCICLISMO

O espanhol Victor Palomo proclamou-se campeão mundial de motociclismo («troféu F. I. M. 750 cc») ao vencer a 9.ª e última prova de campeonato disputado no circuito de Hockenheim (Alemanha Federal).

PROFISSIONALISMO

Mitch Kupchak, medalha de ouro em basquetebol das olimpíadas deste ano e um dos melhores jogadores de sempre dos EUA resolveu passar a profissional assinando pelo «Washington Bullets», numa base de 100.000 dólares por ano (cerca de 3.300 contos) sendo o acordo automaticamente renovável.

VENEZUELA

Terminou a 15.ª «Volta em bicicleta à Venezuela», que foi ganha por Ramon Noriega da equipa «Union Ciclista Portuguesa» que obteve também a 1.ª classificação.

Os primeiros classificados: 1.º Ramon Noriega com 39 horas e 58 minutos gastos; 2.º Hernando Ferreira, a 2 minutos e 4 segundos; 3.º Raul Carvalho, a 2 minutos e seis segundos; a contagem de montanha foi ganha por António Guedes (com 25 pontos) seguido por Carlos Guerreiro (22).

PORTUGAL

Continuação da pág. 16

postos. **Seniores:** Rui Rodrigues, Carlos Costa (ex-Sporting), Fernando Varandas (ex-Benfica), Fernando Hidalgo e Humberto Martins. **Juniors:** Vitor Tolda (ex-Benfica), Luis Lopes, Fernando Pereira, Eduardo Brito e Joaquim Caetano. **Infantis:** José Abilio e Barão Cardareiro. **Senhores:** Ana Miró, Manuela Mariano e Ivone Machado. **Meninas:** Ana Cardoso, Lidia Madeira e Maria Pereira.

Quanto à Juventude Alhandrense, temos os seguintes **Seniores:** Vitor Petinga, José Duarte, Eduardo Pereira, Helder Araújo (ex-Sacavém), João Artur, Alexandre Dias, António Carlos, José André e António Dias. **Juniors:** João Graca, António Ferreira, Mário Paulo e Armando Ramos. **Infantis:** Silvino Pedreiras, Mário Henriques, Sebastião Nogueira e João Vasco. **Senhoras:** Guilhermina Lucas, Lourdes Pereira, Cândida Grisante e Ruth Peniche.

EM CAIXA

SOÁRES E EUSÉBIO

Jordão, o angolano que não consegue acertar com a pontaria ao serviço do Saragoça, fala de política, em «Don Balon»:

Se Mário Soares fez mais por Portugal do que Eusébio? Naturalmente que sim, estou totalmente seguro disso.

FORA DAS LINHAS

Malta da Silva (31 anos) e Messias (27) estão fora das linhas «encarnadas»: o lateral, que em Dresden esteve como suplente, nem sequer foi convocado como suplente perante o Académico. O central, que na RDA foi «obrigado» a jogar sem ter nas pernas qualquer outro espectáculo como rodagem, foi novamente afastado das cogitações de Mortimore Segundo o jogador (em «A BOLA») as coisas andam turvas:

Não concordo, nem muito nem pouco, com a maneira do dr. Romão Martins (dirigente do futebol «encarnado») falar e tratar com os jogadores. Não procura chegar-se aos jogadores e cria um «espaço» entre nós que poderá ser decisivo no seu trabalho à frente do Departamento. Não é a dizer «eu não quero» ou, como acontece a todo o momento, «eu não deixo», que o sr. Romão Martins serve o Benfica...

CHANA QUER FUTURO

O hóquista Chana não deve transferir-se para Barcelona: apesar da proposta espanhola envolver largo dinheiro, o mais afinado atirador do último «mundial» prefere ficar em Portugal, se o Sporting trocar o seu emprego (na firma Pinto de Sousa) por uma situação estável e duradoura. Mais: igualmente solicita um emprego para a noiva, pois o casamento está à porta.



A FESTA DO MAIOR

Carlos Lopes, o dr. Xara Brasil (director do jornal «Sporting»), o prof. Mário Moniz Pereira, Neves de Sousa (nosso camarada de Redacção) e João Rocha (presidente leonino). Lopes: «Gostava de ir por aí fora, descobrir novos valores para o Atletismo português».

INCOMPATIBILIDADE

José Maria Pedrote «não pode» com o cabo-verdiano Alhinho: por seu lado, o defesa «internacional» também não morre de amores pelo técnico «azul-branco». Daí que o Porto, instado por Pedrote, tenha preferido emprestar Alhinho ao Benfica (pagando-lhe boa parte do ordenado...) do que tê-lo ao serviço nas Antas.

E ESTA?

Divulgado por responsável: três «internacionais» benfiquistas foram a Alvalade oferecer-se, no início desta temporada. Repetiu-se (afinal) o ocorrido há alguns anos: igualmente com um triunvirato de nomes grandes dos «encarnados» que, depois, na hora do inquérito, chamaram de mentirosas as 30 testemunhas.

ODIVELAS

Trabalho bonito: o Odivelas acaba de inaugurar, no seu campo de jogos, uma bancada destinada aos representantes dos órgãos de Comunicação Social.

MONTIJO

Entretanto, no Montijo, acontecimento que começa a tornar-se corriqueiro por essas terras fora: o local reservado aos jornalistas sofreu uma tal invasão de estranhos que vários colegas nossos apenas «perceberam» o jogo pelo barulho que fazia a «rapaziada» que lhes tapava a vista.

TEMPO NÃO É DINHEIRO

O jogo Montijo-Porto, arbitrado por uma tripla do Funchal (há, estas medidas de austeridade!) durou certos 89 minutos. Ninguém protestou: nos mais interessantes, o empate chegava, como benesse do céu.

PREPOTÊNCIA

Logo no dia seguinte à chegada do grupo olímpico a Portugal (Portela de Sacavém) e do convite do secretário de Estado dos Desportos para o prof. Mário Moniz Pereira passar a dirigir um departamento que, preponderantemente, iria congrega toda a preparação portuguesa para os Jogos de

Moscovo (1980), apareceram três entidades protestantes, barafustando contra a escolha por julgarem ter perdido velhos e decrépitos privilégios. Uma delas foi o próprio Comité Olímpico que, como se sabe, mantém dia-a-dia extremo cuidado na elaboração da nossa delegação a todas as Olimpíadas.

TOTOBOLA
Jogue connosco

Boavista - Belenenses	/
Setúbal - Benfica	/
Académico - Guimarães	/
Estoril - Portimonense	/
Braga - Leixões	/
Atlético - Montijo	/
Varzim - Porto	/
Vila Real - Fátima	/
Riopele - União Lamas	/
Ferense - Sanjoanense	/
T. Novas - U. Santarém	/
Farense - Olhanense	/
Juventude - Marítimo	/

Geral

Canal da Crítica

Continuação da pág. 15

saneadora que o animal? Entende-se porque se trata de um Governo socialista que não deseja encontrar oposições à sua política partidária...

Não saímos daqui. O Governo não é socialista: é nacional; o Governo não é nacional, é socialista.

Muito trouxas deve o dr. Mário Soares julgar os portugueses...

A PROVA DE VINHOS

O mais curioso é que, no mesmo bloco de notícias, depois de toda a arenga de se encontrar ali como homem de Governo apenas e só — o locutor anuncia que o dr. Mário Soares teve um jantar de trabalho com o núcleo local do Partido Socialista...

Então, como é? O dr. Mário Soares estava em Viseu, afinal, como dirigente socialista ou como membro de um Partido? E quem pagou a viagem de avião até Viseu: foi o dinheiro público, ou foi o Partido Socialista? Ou foi a meias?

Será correcto que, à custa do dinheiro de todos, se faça serviço partidário?

Há que fazer uma distinção muito severa entre os dois tipos de actividade. Isto para bem do bom nome das pessoas e das instituições.

A sofreguidão das notícias não poupou sequer a «prova de vinhos» a que assistiu o dr. Mário Soares. Só não nos disseram se, nesse caso, se encontrava o Presidente do Conselho em representação do Governo ou do Partido Socialista. Ou se acumulou, dada a importância da tarefa.

MÁRIO CASTRIM

P. S. — Helder de Sousa já sabe — finalmente! — pronunciar Guipúzcoa. Custou, mas foi. Ora António Rafael acaba de descobrir uma nova região de Espanha: a Guipúzcoa! Pas-

Electrificação do ramal de Tomar

TOMAR, 28 — Foi inaugurada no domingo a electrificação do ramal de Tomar, melhoramento que irá beneficiar a vasta e populosa região ribatejana.

Com a electrificação do referido ramal assegurar-se-á a ligação em comboios eléctricos entre esta cidade e a capital.

Melão a 6\$00

A Secretaria de Estado do Comércio Interno acaba de divulgar os preços a praticar nos postos regularizadores da Junta Nacional das Frutas (Zona Centro) entre ontem e o próximo dia 2 de Outubro.

São os seguintes por quilo-grama: banana, 24\$00; laranja, 13\$00; limões, 24\$00; maçãs, 7\$50; melão, 6\$00; meloa, 5\$00; melancia, 4\$00; pera miúda, 6\$50; pera grada, 8\$00; uva (preta), 9\$00; ubas (branca), 12\$00; alfaces, 14\$00; alhos, 5\$50; batata, 7\$50; cebola, 4\$50; cenoura, 6\$50; couve-bacala, portuguesa e roxa, 3\$00; couve lombarda, 11\$00; nabos, 12\$00; nabiças, 8\$00; pimentos, 5\$00; pepino, 4\$00; tomate, 5\$00; miolo de amêndoa partido, 50\$00; miolo de amêndoa inteiro, 70\$00; amêndoa dura em casca, 17\$50; amêndoa coca em casca, 28\$00; feijão branco miúdo, 30\$00; feijão catarrino, 35\$00; melão frade, 25\$00; e grão de bico, 25\$00.

so por alto outras demonstrações de português miserando para me fixar num pormenor anticultural de todo o tamanho. Guipúzcoa... Só mesmo na RTP. — M.C.

Pesca de "trolley" é para multar

PONTA DELGADA, 28 — O governo regional dos Açores, através de uma nota da secretaria da Agricultura e Pescas, recorda ter entrado em vigor no passado dia 23 a proibição de pescar com o sistema de «trolley» nas águas açorianas, a menos de 12 milhas da costa.

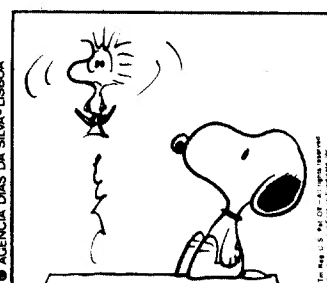
A mesma decisão do governo regional estipula que as multas a aplicar aos infractores vão de 5 a 600 contos.

Esta medida resulta de despachos emanados ainda pela junta regional dos Açores.

MINISTRO DA REPÚBLICA NA GRACIOSA

PONTA DELGADA, 28 — A bordo da corveta da armada «Baptista de Andrade» deslocou-se recentemente à ilha Graciosa, a fim de presidir à inauguração do novo edifício dos C.T.T. em Santa Cruz, o ministro da República general Galvão de Figueiredo.

Assistiram à cerimónia, além



tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado. O vento era moderado de Sudoeste. Chovia e caía aguaceiros e havia trovoadas nas regiões do litoral a Norte do Porto.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H	
PORTO	16°
COIMBRA	16°
PORTALEGRE	12°
LISBOA	19°
FARO	20°
FUNCHAL	22°
V. DO CASTELO	14°
BRAGANÇA	11°
SAGRES	19°
PONT. D.	16°

TEMPERATURAS EXTREMAS

PREIA-MAR BAIXA-MAR

6.57	4.1 m	0.14	1.0 m
19.27	3.9 m	12.39	1.0 m
Dia 29			
7.50	3.	1.03	1.3 m
20.27	3.6 m	13.36	1.4 m
Dia 30			
8.55	3.6 m	2.03	1.6 m
21.42	3.4 m	14.50	1.6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado, podendo apresentar períodos de boas aberturas durante a tarde. Períodos de chuva ou aguaceiros a Norte do sistema montanhoso. Montejunto-Estrela. Probabilidade de trovoadas nas regiões montanhosas do Norte.

AMANHÃ

NAScer AS 7.30

OCASO AS 19.24

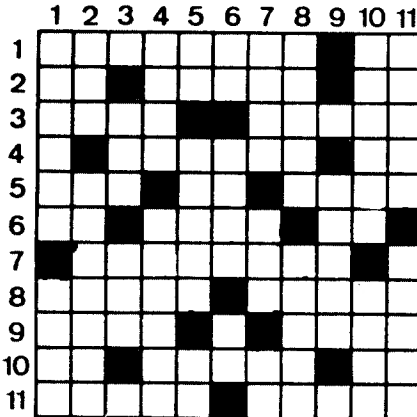
DIA 30 DIA 8 DIA 16 DIA 23

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11482

HORIZONTAIS:

- Investir contra. Vossa Alteza.
- Fútil. Afia. Preposição.
- Pronome demonstrativo. Descobre.
- Quemara. Cento e um em romano.
- Rezo. Alternativa. Ecoes.
- Pronome reflexo. Ramo delgado de árvore (Bras). Senhor.
- Adejaras.
- Peugada. Juízo (fig).
- Guarnecer de asas. Agarrar.
- Rádio (s.q.). Despachar. Mi-riare.
- Freguesia do concelho de Guimarães. Gíria.



VERTICAIS:

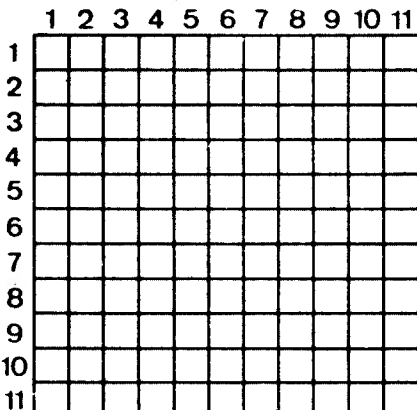
- Conselhos. Preposição.
- Cabelos brancos. Pisar de novo.
- Saudável. Pega.
- Extremidades dos braços. Carapuças (Pop).
- Preposição. Ecoara. Tempo do verbo ir.
- Porco. Brisa. Pronome pessoal.
- Prender com elos. Armária. Antes de Cristo.
- Rols. Gema.
- Restos mortais.
- Triunfar. Rio de Portugal.
- Desejais. O mesmo que Alcorão.

Resolheu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7642

HORIZONTAIS:

- Grande navegador português. Título do soberano da Tunísia. Preposição.
- Rio do Estado do Paraná. Além.
- Donzela de Orleães. Olé.
- Relativo à aorta.
- Grande ribeira da Ásia Russa. Ligara. Brisa.
- Um dos nomes de Minerva, considerada como deusa da Guerra. Furioso.
- Medida de superfície. Olé. Palavra gálica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- Foles. Chouriço de sangue.
- Rema para trás. Sufixo que designa pequenez.
- Remexia. Acreditai.
- Peixe do género siluro. Rio de Portugal.



VERTICAIS:

- Césio (s.q.). Naípe das cartas de jogar. Bário (s.q.).
- Três vogais iguais. Cidade do Estado de Baía (Bras).
- Produto. Almotolia de azeite (ant).
- Além. Cerimónia praticada pelos chineses depois da morte dos pais (Inv).
- Boro (s.q.). Alegrias. Preposição e artigo definido.
- Fruto da azeit.
- Seguia. Caminhariam. Duzentos em romano.
- Bater em (fig). Metal precioso de cor amarela.
- Tecido indiano, usado por senhoras. Ovidar.
- Pronome pessoal. Guarnecera de asas.
- Batráquio. Cavidade. Rio de Itália.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 11481

HORIZONTAIS:

- Atais. Rosas.
- MUITO. Irada.
- Erros. FALAR.
- Amos. Roma.
- Ras. Dor. las.
- Sapa. Amor.
- Sem. Sés.
- Ur. Gr.
- Iates. Panar.
- 10Ta. Ajó. Agá.
- Oásis. Rosar.

VERTICAIS:

- Amear. MUITO.
- Turmas. Haia.
- Airosas. Tas.
- Itos. Pepe.
- Sós. Dam. Sás.
- Dó.
- Rif. Ras. Pór.
- Orar. Meta.
- Salaios. Nas.
- 10 Adamar. Gaga.
- 11 Saras. ERRAR.

PROVERBIO Muito falar muito errar

SOLUÇÃO DO PROBLEMA 7641

HORIZONTAIS:

- Prata. Omuda.
- Oacu. Troça.
- Ria. Craca.
- Ta. Brota. Na. Baião. Pag.
- Geres. Raiou.
- Una. Apito.
- Ea. Al. POó
- Crias. Ara.
- 10 Banda. Arad.
- 11 Melo. Alisa.

VERTICAIS:

- Portuques.
- Rala. Ena! Be.
- Acá. Bra. Cal.
- Tu. Bae. Arno.
- Crisalida.
- Troa. Aa.
- Oratórios.
- Moca. Ato. Al.
- Uça. Pio. Ari.
- Da. Não. Aras.
- Bagunçada.

PUB

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

PRAÇA MARQUES DE POMBAL, 6, 3.º-D — LISBOA-1
TELEFONES 4 17 51 - 53 55 47

MOÇÃO

Os enfermeiros do Sindicato da Zona Sul reunidos em Assembleia Geral no dia 22-9-76, face à actual situação Sindical dos trabalhadores portugueses, especificamente da classe de enfermagem, na sua luta pela Unidade Sindical, contra manobras divisionistas que mais não visam que o seu enfranquecimento com a criação de Sindicatos paralelos (S.N.E.D.), arma preferida dos inimigos dos trabalhadores, consideram:

- 1.º — Que a defesa dos enfermeiros passe pela sua mobilização para a Unidade Sindical efectiva.
- 2.º — Consideram que é seu dever repudiar todas as tentativas divisionistas efectuadas à margem das reuniões sindicais.
- 3.º — Que o contributo dos enfermeiros para a unidade dos trabalhadores portugueses passa pela sua participação democrática no Congresso de todos os Sindicatos portugueses.

PEL' A COMISSÃO DIRECTIVA

PUB.

PROJECTO DE REGULAMENTO DO CONGRESSO

O Departamento de Informação e Propaganda da Inter-sindical Nacional informa todas as associações sindicais, comissões de trabalhadores e os trabalhadores em geral, que o próximo «Alavanca» traz, em suplemento, o projecto de regulamento do congresso. O «Alavanca» está à venda nos postos comerciais às terças-feiras e nos sindicatos nos dias seguintes

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO G-1
Toda a noite

AJUDA
Mendes Gomes, C.ª Ajuda, 222 (Tel. 638256)

ALFAMA
Amel, Rua Escolas Gerais, 88-A (Tel. 663940)

ALVALADE
Sanex, Av. Igreja, 34-C (Tel. 717505)

BARRIO ACTORES
Nobel, Rua Actor Vale, 53 (à Fonte Monumental), lado sul, (Tel. 642152)

BARRIO ENCARNÇÃO
Acesso, Praça Norte, 11-A (Bairro Encarnção), (Tel. 311316)

BARRIO
Azevedo, Filhos, Praça D. Pedro IV, 31 (Rossio), (Tel. 327478)

BENFICA
Macedo, Estrada do Poço do Chão, 69-C (Tel. 703697)

CAMPO OURIQUE
Pereira, Rua Francisco Meiras, 59-B (Tel. 663349)

ESTRELA
Gama, Calçada Estrela, 130 (Tel. 660339)

JANELAS VERDES
Carreço, Rua Presidente Azevedo, 39 (Tel. 667460)

LUMIAR
Central do Lumiar, Rua Lumiar, 77 (Tel. 790480)

PENHA DE FRANÇA
Dímar, Rua Conde Monsaraz, 17-B (Tel. 642533)

PICHELEIRA
Martins, Calçada da Picheleira, 140-B-C (Tels. 720703-728395)

PICOS
Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-A (próximo do Hotel Sheraton), (Tels. 48966-553601)

REGO
G. Silva, R. Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 771673)

TURNO G-2
(Até às 22 horas)

ALCANTARA
Tapada, Calçada Tapada, 83-A (Tel. 634721)

ALVALADE
Reina Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (à Av. Brasil), (Tel. 765282)

AREIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-A (Tel. 726462)

ARROIOS
Oriental de Lisboa, R. Alves Torgo, 2-B (Tel. 45079)

AVENIDAS NOVAS
Avenida, Av. República, 27-A (Tel. 533688)

AVENIDA DE ROMA
Cela, Rua Moura Girão, 3-B (Tel. 710621)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua Campolide, 54-A (Tel. 684424)

CARNIDE
J. Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (Tel. 780969)

ESTRELA
Paiva e Parente, Rua Santo António à Estrela, 96-98 (Tel. 665196)

OLIVAS
Simão, Rua Cidade de Coimbra, 16-A (Olivais Sul, junto à piscina dos Olivais), (Tel. 310581)

S. MANEDE
Cunha, Rua Escola Politécnica, 16 (Tel. 325455)

S. PAULO
Africano, Rua Bernardino Costa, 45 (Tel. 369120)

XABREGAS
Baiter, Rua Xabregas, 63-65 (Tel. 361118)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA
Confiança, E. Militar, lote D (T. 9710231)

VENDA NOVA
Grassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)

QUELUZ
Serra e Pinto

CACÉM
Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D

MEM MARTINS
Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173-B (T. 2914103)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)

SINTRA
Misericórdia, Vila

COLARES
Abreja (T. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Almeida Nifo, Av. C.G. Guerra, 64 (T. 2112070)

CAXIAS
Nova, R. Bernardino Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147)

OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485); Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058)

NOVA OEIRAS
Leal

S. DOMINGOS DE RANA
Godinho da Silveira, Av. Saboia, 29-B (T. 260085)

PARADE
Macau, R. Elias Garcia, 60-C (T. 2471785)

MURTAL
Primavera, R. das Parreiras, 2 (T. 2472278)

AMOREIRA
Amoreira, (T. 262313/267314)

MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008)

CASCAIS
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214); Cordeiro, Av. C.G. Guerra, 40 (T. 280170/281419)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250)

ALMADA
Central, R. de Olivença, 11-B (T. 2750504)

BAIXA DA BANHEIRA
N.ª Títima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141)

BARREIRO
Higiene, R.D. Manuel I, 178 (T. 2073017)

COVA DA PIEDADE
J. Castro Rodrigues, L.5 de Outubro, 62-63 (T. 270121)

MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029)

MONTUJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 23101370)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028)

SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (T. 23425); Bairros, B. Santos Nicolau (T. 23330)

SEIXAL
Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580)

PORTO

ATÉ AS 22 HORAS

Contumil, R. de Contumil, 540 Vaz Teixeira, R. de Heróismo, 56 Birra, P. da Liberdade, 125 Costa Lima, Av. da Boavista, 855 Marques de Mendonça, R. do Ameal, 251 Monte Cativo, R. do Monte Cativo, 444 Cardona dos Santos, R. de D. Manuel II, 90 Oriental, R. do Bonjardim, 727

TODA A NOITE

Pasteleira, R. Andre de Rezende, 92 Almeida Cunha R. Formosa, 327 Sampaio, R. de Ceolofeita, 636 São Jerónimo, R. de Santos Pousada, 622

COIMBRA

FIGUEIREDO — Rua da Sofia, 107 — Tel. 22837; **M. NAZARÉ** — Av. João das Regras, 132 — Tel. 23033.

VALE FORMOSO
21.15 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

TRINDADE
21.15 (6 anos)
«Onde Está o Óscar?»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Delírio de Amor»

S. DA BANDEIRA
22.30 (18 anos)
«Garganta Funda»

ÁGUA DE OURO
21.15 (13 anos)
«Passado Inesquecível»

S. João
21.15 (6 anos)
«O Gendarme em Férias»

RIVOLI
21.15 (13 anos)
«Cavalgada Fantástica»

BATALHA BEBE
21.30 (13 anos)
«Diário de uma Esquizofrénica»

COLISEU
21.30 (13 anos)
«Bobby»

ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Um Noite em Casablanca»

BATALHA
21.15 (18 anos)
«E Tudo o Banco Levou»

CARLOS ALBERTO
21.15 (18 anos)
«Os 120 Dias de Sodoma»

JÚLIO DINIS
17.45, 21.15
«História de uma Freira»

ESTÚDIO FOCO
21.15 (18 anos)
«Chove em Santiago»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (18 anos)
«Relações Escaldantes»

AVENIDA
21.15 (13 anos)
«Aventura é Aventura»

S. TEOTÔNIO
21.15 (10 anos)
«O Morto era o Outro»

GIL VICENTE
21.15 (13 anos)
«Margarida e o Mestre»

Cinemas

PASTIL
Tel 630194 15, 17, 19 e 21.15

Intr. men. de 18 anos

Colorido

FELICIA

Um filme de Max Pécas

(Este filme contém cenas eventualmente chocantes)

IMPERIO
Tel 555134/5 15.15, 18.30 e 21.15

Grupo B — 10 anos

A GRANDE CORRIDA À VOLTA DO MUNDO

2.ª Semana
Tony Curtis, Jack Lemmon, Nathalie Wood

A mais divertida comédia de todos os tempos de Beak e Edwards

70mm/M. écran gigante

POLITEAMA
Tel 323805 14.15, 16.30, 19, 21.30

Interdito a men. 18 anos

7.ª semana de êxito total

EXTASE SEXUAL DE MACUMBA

ESTE FILME PODE SER CONSIDERADO PORNOGRÁFICO

ROMA
Tel 727778 15.30, 18.30, 21.15

Intr. men. 18 anos

Um filme de Max Pécas

LUXURIA

2.ª Semana

Este filme contém cenas eventualmente chocantes

MUNDIAL
Tel 538743 15.15, 18.30, 21.15

Interdito men. 18 anos

SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA

Contém cenas eventualmente chocantes

CARLOS MANUEL
Tel 2930304 21.15

Não acons. a men. de 18 anos

HERCULES CONTRA KARATE

1.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: canções da Europa; 17.30: Conjuntos; 18.00: Música portuguesa; 18.30: A casa e a vida, por Aquilino Ribeiro; 19.00: Poemas e poemas, por Herminia Tojal — música variada; 20.00: Jornal da noite; 20.30: Melodias; 1.00: Contraponto — editorial; 24.00: Fecho.

2.º programa

16.25: Música de câmara; 17.15: intercâmbio musical; 17.55: Música coral sinfónica; 20.00: Música de câmara de Mozart; 20.47: Música sinfónica; 22.00: Sonata em ré maior, K.284, de Mozart; 22.30: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 23.00: A ópera «Electra», de Richard Strauss; 00.49: Solos de cravo; 01.00: Fecho.

3.º programa

11.00: Emissão nacional — variante (continuação); 16.15: Casos ao acaso por Orlando Dias Agudo (repetição); 16.40: disco... rendo, por Bernardo Brito e Cunha; 17.10: Vamos ao médico, pelo dr. José Matilde; 17.30: Cinema em variante, por Carlos Pina; 18.00: Emissão regional contacto; 21.00: Música, só música; 21.30: Quando o telefone toca; 23.03: Nocturno; 23.06: Novas de alegria; 23.03: Emissão nacional; 01.00: Emissão nacional; 02.00: Fecho.

4.º Programa

16.00: Música variada; 17.00: Canções; 18.00: Apenas música; 19.00: Em órbita; 20.00: Orquestras; 21.00: Concerto; 22.00: Auditório; 24.00: Prisma; 02.00: Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA

16.05: Sequência da tarde; 18.00: Apelos; 18.15: Igreja em notícia — palavra do dia; 18.30: Transmissão do terceiro; 19.00: Programa da Liga dos Avós de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.53: Apelos; 21.05: Pentagrama; 21.30: Ao encontro da grande música; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Temas vivos; 23.05: Trifónico; 23.30: Conheça e defenda a arte da sua terra; 00.00: Meditando; 02.00: Fecho.

cinemas

GALEIDOSCÓPIO
Tel 795083 Hoje estreia às 14.00

Não acons. a men. de 18 anos

Al Pacino em

UM DIA DE CÃO

um filme de Sidney Lumet

EDEN
Tel 320768 Hoje estreia às 14.00

Não acons. a men. de 18 anos

Al Pacino em

UM DIA DE CÃO

um filme de Sidney Lumet

ODEON
Tel 326283 15.15, 18.15, 21.15

Maiores de 14 anos

7.ª semana de êxito total

O DIREITO DE NASCER

A odisséia das mães solteiras

APOLLO 70
Tel 76311 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Não acons. a men. 13 anos

AMOR

um filme de Karoly Makk

Hoje às 24 H. Grupo D (18 a.)

OS JUSTICEIROS

CASINO ESTORIL
Tel 264521/264996 17 e 21.15

MEIA-NOITE DE PRAZER

S. JORGE
Tel 554153 15.15, 18.15 e 21.15

Não acons. men. 18 anos

2.ª Semana

A MULHER, O AMOR E O ÓDIO

Philippe Noiret, Romy Schneider
3 Oscars do cinema francês!

RESTELO
Tel 610376 21.00

Inter. men. de 18 anos

EMMANUELLE A ANTI-VIRGEM

AVIS
Tel 47163 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. men. 13 anos

20.ª Semana

BOBBY

A projecção do filme começa 5 minutos após os horários

ESTÚDIO
Tel 535134 As 15.30, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A INTENTONA

(O 6 de Julho) — 5.ª Semana
Com Yul Kayurov no papel de Lenin

ESTÚDIO 444
Tel 779095 15.15, 17.45 e 21.15

Intr. men. 18 anos

DESENHOS PICANTES

(Este filme pode cair sob a alçada do Decreto-Lei n.º 254/76)

D. JOÃO V
Tel 971794

Não acons. men. de 18 anos

2 SAMURAI

PARA 100 GUEISHAS

Em ARMAÇÃO DE PÊRA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA LAMI

Em FARO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na PAPELA-RIA-LIVRARIA MAGALHÃES

Em OLHAO o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no Quiosque da Praça Patrão Lopes

UNIVERSAL
Tel 774402 15.00, 19.00, 21.00

NÚMERO DOIS

Um filme de Jean Luc Godard

Nota: Sessões reservadas aos sócios da AEFA: Inscrições nas Escadilhas da Achada, 10.1.º ou no próprio Cinema Universal na Rua da Beneficência, 175, Telef. 774402

Sabado às 00.30 **NÚMERO DOIS**

Sessões públicas às 17.00, 23.00

filme de Jean-Luc Godard

A MULHER CASADA



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320211/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DÍGUA TELEF. 12363
LISBOA PORTUGAL

RODESIA

Nacionalistas vão sanar divergências

Importantes conversações em Lusaka sobre o realinhamento de nacionalistas rodesianos rivais numa frente unida iriam ser transferidas para Moçambique — anuncia um telegrama da Reuter. Robert Mugabe, representante político de cerca de 12.000 guerrilheiros da ZANU (União Nacional Africana do Zimbábue), que combatem o domínio branco na Rodésia, declarou, efectivamente, que ambas as delegações às conversações partiriam hoje de Lusaka para Maputo. A outra delegação é a de Joshua Nkomo, «leader» da facção interna do Conselho Nacional Africano (CNA). Ignora-se a posição do bispo Abel Muzorewa, que lidera a facção externa daquela organização.

As conversações destinam-se a alcançar um «acordo de trabalho» que permita esquecer aos nacionalistas as suas divergências na transferência de poderes dos 270.000 brancos para os seis milhões de negros que habitam o país.

Entretanto, e apesar da posição assumida pelos cinco presidentes da chamada «linha da frente», os Estados Unidos estavam hoje confiantes de que o plano de paz de Henry Kissinger «estava a avançar». Interrogado a noite passada sobre a viabilidade das negociações, o secretário de Estado norte-americano disse: «Assim o espero». As objecções, como oportunamente foi noticiado, centram-se em torno da composição de um Governo interino, tal como foi sugerido pelo primeiro-ministro rodesiano, Ian Smith, para a já mencionada transferência de poderes.

«CRIMES DE GUERRA»

Chidawu Chirimuuta, representante do Exército do Povo do Zimbábue (ZIPA), declarou em Londres, numa conferência de Imprensa, que a batalha contra o regime de Ian Smith prosseguirá até que o actual primeiro-ministro e outros dirigentes brancos sejam presos e «julgados por crimes de guerra».

Segundo afirmou, o ZIPA exige a «rendição incondicional» do Governo de Smith, a imediata amnistia para os presos políticos, o desmantelamento do Exército e das forças de segurança rodesianas, a prisão de Smith e de outros dirigentes brancos, a abolição de legislação que confere aos brancos o direito de possuírem áreas indefinidas de terra e a liberdade sindical para a população negra.

«A luta continuará a menos que estas exigências sejam satisfeitas. Não interessa que seja criado ou não um Governo negro fantoche» — acrescentou o representante do ZIPA.

BRANCOS EMIGRAM

Foi de 1.520 o número de brancos que deixaram definitivamente a Rodésia no mês de Agosto, a mais importante média mensal registada nos últimos dez anos, elevando-se assim a 4.030 o total de brancos que abandonaram o país desde o princípio do corrente ano, indica um relatório oficial hoje publicado pelos Serviços de Imigração. No mesmo período fixaram-se na Rodésia 611 brancos.

As mesmas estatísticas dão igualmente conta de uma diminuição do número de turistas na Rodésia.

PANIFICAÇÃO COM PROBLEMAS

Greve em Outubro?

Os trabalhadores da indústria de panificação vão realizar, no próximo dia 3, Assembleias Gerais Extraordinárias, com o objectivo de decidirem das formas de luta e adoptar face «à sabotagem levada a cabo pelos representantes do patronato na Comissão Técnica para o estudo da Portaria de Regulamentação de Trabalho para a Panificação».

Em declarações que nos prestou, um dirigente da Federação dos Sindicatos das In-

dústrias de Panificação afirmou-nos que nos trabalhos daquela Comissão se tem verificado um trabalho de sapa, com «elementos que dela fazem parte a passarem reuniões inteiras fazendo sabotagem e chegando a votar contra a aprovação de regalias dos trabalhadores que em anteriores contratos já estavam consagradas».

Os trabalhos desta Comissão Técnica começaram em fins do mês de Julho e desde

então não foi possível chegar a um acordo sobre a Portaria que regulamentaria as actividades do sector. Neste período surgiram, entretanto, as mais diversas declarações públicas (incluindo do Primeiro-Ministro) condenando e declarando ilegais anteriores formas de luta preconizadas pelos trabalhadores da panificação, como seja a distribuição gratuita de pão, para evitarem a efectivação de greve que poderia causar sérias perturbações sociais e virar os trabalhadores contra eles.

Em «Carta Aberta ao Primeiro-Ministro» publicada nos jornais como publicidade paga, afirma a Federação que «não esqueceram os trabalhadores que o direito de luta que lhes confere a Constituição da República é a greve» e que «se é essa a única forma de luta legal preconizada por V. Ex.», então nós saberemos nas nossas assembleias decidir a sua prática e quando devemos desencadeá-la, se até então não houver garantia real por parte do Governo que satisfaça o nosso direito à sobrevivência. Nesse documento, afirmam os trabalhadores que lhes repugna «deixar o povo português sem um dos principais alimentos — o pão — porque o povo não tem culpa da incapacidade já demonstrada pelos responsáveis de governar este País, em defender os trabalhadores e o povo em geral da exploração do patronato».

Dirigentes do M.E.I.C. empossados por Cardia

O ministro da Educação e Investigação Científica, Mário Sottomayor Cardia, empossou ontem Emídio Augusto Pires e António de Almeida e Costa nos cargos de secretário-geral do MEIC e director-geral do Pessoal e Administração, respectivamente.

Usando da palavra, Sottomayor Cardia realçou a importância das funções que os empossados vão exercer e declarou que, doravante, a secretaria-geral do seu Ministério vai reger-se por lei. Justificando o conteúdo e a circunstância da

sua afirmação, o ministro esclareceu que há meses a secretaria tem vindo a actuar em desconformidade com a lei — e apontou como exemplo (que considerou, aliás, dos menos relevantes), o facto de a um quadro de cerca de 220 funcionários corresponder em actividade ou pseudo-actividade lugares ditos de trabalho para 350 funcionários.

Situações assim — diria Cardia — não poderiam continuar.

Emílio Pires falou em nome dos empossados.

P.S. de Coimbra

«Demissão de Teixeira Ribeiro justifica-se plenamente»

COIMBRA, 28 — A hora a que o nosso jornal sai para a rua, deve começar no Teatro Gil Vicente desta cidade uma assembleia magna de estudantes da Universidade de Coimbra. Embora da ordem de trabalhos constem diversos pontos, admite-se que a sessão não chegue a ultrapassar o primeiro: «O problema do reitor da Universidade de Coimbra». Deve tratar-se da recente exoneração e substituição do prof. Teixeira Ribeiro.

Entretanto, a Federação de Coimbra do P.S. emitiu um comunicado sobre a questão escalante que a decisão de Sottomayor Cardia levantou nos meios académicos desta cidade, e não só. No seu texto, o P.S. considera «extremamente perigosa a confusão que estruturas universitárias estão a criar à volta deste problema. As acções levadas a cabo sob a égide do programa de Governo, aprovado na Assembleia da República, não têm nada a ver com programas eleitorais apresentados por listas candidatas às direcções de estruturas associativas». Para a Federação, «quando o M.E.I.C. demite o prof. Teixeira Ribeiro usa dos mesmos poderes que outro ministro terá usado para o nomear». Mais: «A demissão de Teixeira Ribeiro justifica-se plenamente: com efeito, duran-

te o seu mandato foram cometidas as mais variadas arbitrariedades, criando-se a imagem de uma Universidade pactuante com aqueles que até 25 de Novembro tudo fizeram para impedir a instauração de um regime democrático em Portugal».

A Federação de Coimbra do P.S. fala ainda do passado de Teixeira Ribeiro. Assim: «o próprio professor Teixeira Ribeiro, que se afirma ter sido opositor ao regime fascista será com certeza testemunha de que não encontrou na sua carreira universitária os obstáculos que agora foram criados, com a sua conivência a um candidato a um doutoramento. Com efeito, o prof. Teixeira Ribeiro não só chegou a cátedrático durante o fascismo, como foi um eficiente colaborador da definição da política fiscal e económica de Salazar».

No passado domingo, a D.G. da Associação Académica emitira um comunicado pronunciando-se contra a resolução de Sottomayor Cardia: «a exoneração do reitor (...) é contrária à gestão democrática das escolas» — dizia a D.G. da A.A.C., para quem o reitor não deve ser um representante do Governo junto da Universidade, mas um representante da Universidade junto do Governo.

C.R. reúne-se amanhã em clima de «baixa tensão»

O Conselho da Revolução reúne-se amanhã a partir das 15 e 30 no edifício do Estado-Maior-General das Forças Armadas, para tratar de assuntos de ordem político-militar.

Trata-se da reunião quinzenal destinada a despachar assuntos de rotina ou que já tenham sido tratados anteriormente, não se prevendo, portanto, que sejam tomadas quaisquer deliberações importantes.

De salientar que a reunião, ao contrário do que se previa, coincide com um período de

situação calma, pois a desestabilização pretendida pela direita com base na devolução de terras não abrangidas pela Lei da Reforma Agrária não se tem verificado.

O C. R. terá, assim, uma reunião liberta dos espectros da tensão política que algumas forças quiseram fazer subir.

É possível no entanto que certas questões como a libertação de bombistas sejam abordadas, embora a decisão das libertações pertença à engrenagem jurídica montada pelas instituições legais.

Namíbia em discussão na O.N.U.

O Conselho de Segurança reúne-se hoje para estudar a questão da Namíbia — anuncia-se oficialmente na sede das Nações Unidas.

Precedendo esta sessão, decorreram ontem consultas à porta fechada entre os membros do Conselho.

Foi ouvido um soldado, Bill Anderson, de 27 anos que testemunhou atrocidades cometidas por tropas sul-africanas no disputado território.

Bill (que desertou do exército sul-africano) contou que patrulhas trouxeram africanos e os meteram em covas abertas

no solo, «preparando-os para serem interrogados».

Acentuou Bill que «enquanto esperavam, os africanos foram agredidos a soco e queimados com cigarros. Enceraram-lhes as bocas com terra — tudo feito com os indígenas com os olhos vendados. Essas torturas foram observadas por oficiais de alta patente que não tentaram impedir-las».

O Conselho de Segurança deve reunir-se depois de amanhã para novamente se debruçar sobre a Namíbia.

Lopo visita Itália

ROMA, 28 — (ANOP, EFE, «DL») — Para uma visita de quatro dias chegou ontem a esta cidade o primeiro-ministro da República Popular de Angola, Lopo do Nascimento.

A chegada, salientou o «grande significado político» desta visita, por ser a primeira vez que um país da Comunidade Económica Europeia recebe uma delegação oficial angolana.

Economia e Socialismo

Revista Mensal de Economia Política

Director MARIO MURTEIRA / SETEMBRO - OUTUBRO 1976 / 5000

Portugal na encruzilhada: transição para a Europa e transição para o socialismo

A economia mundial em questão

Distribuição exclusiva:
LIVRARIA BERTAND

Mil e quinhentos contos roubados a um bancário

PORTIMÃO, 28 — A onda de criminalidade que alastra de norte a sul do País não para. Ontem foi a vez de um funcionário da filial do Banco Totta e Acores que, cerca das 17.15, foi assaltado por dois indivíduos junto ao Casino do Alvor.

Os meliantes, um dos quais armado de uma pistola, obri-

garam o funcionário bancário Luís da Conceição Patrício Carapuça a entrar no veículo em que se transportavam (um «Mini-Austin 1000» de cor creme, com matrícula GG-26-68), vin-

do depois a amarrá-lo, amordaçá-lo e abandoná-lo a cerca de 5 km do local do assalto.

A pasta que Luís Carapuça transportava consigo no momento do assalto continha a «módica» soma de mil contos em cheques, 400 contos em dinheiro nacional e 100 contos em moeda estrangeira.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS ANTERIOR: 46.796 EXS.

3 tomes

ROMARIA HOSPITALAR

Não se trata — cremos — de um culto, mas de uma praxe. Quem vai a Roma deverá ver o Papa; quem vai ao Porto, deverá visitar o brigadeiro Pires Veloso. Um matutino de Lisboa, em larga reportagem sobre o brigadeiro Pires Veloso que era uma bela peça literária falava do «homem do povo», do «símbolo da verdade», da «figura ímpar do militar», de «um homem que irradiava simpatia», de uma personalidade de «elevada craveira intelectual», do seu «respeito pelos humildes», de «um doente extraordinário». E o dr. Mário Soares, tendo o brigadeiro Pires Veloso, segundo notícia «O Século» manifestado interesse em ser pelo Primeiro-Ministro visitado, lá se incorporou no número dosromeiros do Hospital Militar do Porto. A saída explicou: que a visita se explicava porque «era amigo do brigadeiro Pires Veloso e não só dele como da família». Não se tratava de «culto», nem de «praxe». E o dr. Mário Soares lamentou — e com inteira razão — que «tantas especulações a propósito das visitas ao brigadeiro Pires Veloso» corram de boca, em boca, e de jornal em jornal.